



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | IFCH

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)
MESTRADO**

DAIANE DE ALMEIDA

UM ESTUDO SEMÂNTICO DA METÁFORA EM PARÁBOLAS

Passo Fundo

2021



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | IFCH

DAIANE DE ALMEIDA

Um estudo semântico da metáfora em parábolas

Dissertação de mestrado em Constituição e Interpretação do texto e do Discurso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas de Passo Fundo como requisito para obtenção do grau de mestre em letras sob orientação da Prof. Dra. Claudia Toldo Oudeste.

Passo Fundo

2021

CIP – Catalogação na Publicação

A447e Almeida, Daiane de
Um estudo semântico da metáfora em parábolas /
Daiane de Almeida. – 2021.
113 f. ; 30 cm.

Orientadora: Prof. Dra. Claudia Toldo Oudeste. Dissertação
(Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2021.

1. Metáfora – Parábolas. 2. Parábolas – Análise do
discurso. 3. Semântica. I. Oudeste, Claudia Toldo,
orientadora. II. Título.

CDU: 801.73

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | IFCH

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Claudia Toldo Oudeste

UPF

Prof^a. Dr.^a.Patrícia Valerio

UPF

Prof^a. Dr.^a Tania Maris de Azevedo

UCS



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | IFCH

Dedico este trabalho aos leitores que se interessam em analisar o sentido construído nos discursos bíblicos através do recurso linguístico da metáfora.

Dedico, também, a Deus, que soprou em mim a sua inspiração para a escolha desse tema.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que esteve comigo desde os primeiros passos para obtenção deste grau, apoiando-me e me orientando nas escolhas e nos estudos, permitindo-me errar e me corrigir a cada instante, sendo vigilante diante de meus atos e palavras durante o percurso.

Em seguida, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo apoio dado, por meio do financiamento de código 001.

Aos familiares, por todos os votos de sucesso durante o trajeto acadêmico, especialmente ao meu sobrinho e afilhado Giovani Menegon Júnior, à minha mãe Catarina Oneiva de Almeida, ao meu pai Rosalino de Almeida e ao meu namorado João Guilherme Rodhen, pelo apoio significativo e importante, principalmente na data de realização da prova dissertativa classificatória. Essas pessoas dispuseram de seu tempo para fortalecer, por meio de gestos e palavras, meus primeiros passos, permitindo que eu vivesse, com segurança e fé, aquele momento importante.

Agradeço, também, pelo apoio das minhas irmãs – Adriana, Simone e Solange –, e pela feliz presença dos meus queridos cunhados e cunhada, além do acolhimento dos meus sogros, destacando a inspiradora influência pelo gosto histórico transmitido pelo meu sogro Nelson Rodhen, através de seus conhecimentos históricos compartilhados comigo a cada fim de semana. Aos meus queridos sobrinhos, sobrinha e afilhados – Guilherme, Felipe, Gabriel e Eduarda – e a todos os familiares, agradeço pela união familiar e pelo amor que sempre fortalecem nossos laços.

Agradeço também a todos os meus colegas de turmas que contribuíram de várias formas para que eu conseguisse trilhar conhecimentos, pensar, refletir, analisar as grandiosas questões que transcendem os estudos linguísticos, que tanto me fascinam.

Com o coração cheio de amor, registro, por fim, um imenso agradecimento a todos os magníficos professores que tanto contribuíram para meu crescimento, não só científico, mas para meu crescimento pessoal, transmitindo exemplos de valores tão importantes para os relacionamentos.

Agradeço, especialmente, à minha professora e orientadora, doutora Claudia Toldo Oudeste, a quem tive o prazer de conhecer e de ser sua aluna, após ter acompanhado tantos elogios registrados por alunos e professores sobre suas aulas e



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | IFCH

sua atuação. Sinto-me imensamente grata pela sua orientação, por seu apoio e por ter desempenhado tal função com tamanha clareza e sabedoria, além do amor pelo seu trabalho, dedicação e sentimentos de amizade.



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | IFCH

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. João 1:1

RESUMO

Um estudo semântico da metáfora em parábolas

Este estudo consiste em uma proposta de dissertação que tem como enfoque temático o sentido metafórico construído nos discursos bíblicos na perspectiva da semântica da palavra. O objetivo é analisar o sentido construído nos discursos bíblicos, através da ferramenta de linguagem metáfora recorrendo aos estudos da semântica da palavra. O trabalho será desenvolvido tendo como base teórica as reflexões de Paul Ricoeur (2015) em sua obra: *A Metáfora Viva* com enfoque, principalmente, no texto do estudo IV “A metáfora e semântica da palavra”, fundamentação que contribui para entender as implicações da metáfora. O trabalho baseia-se, inicialmente, nos estudos da retórica, tendo a palavra como unidade de referência, a partir disso, estuda-se o deslocamento e a extensão do sentido das palavras na qual se origina a metáfora. Destaca-se a oposição entre o semiótico (forma), no qual a palavra é posicionada como um signo no campo lexical e o semântico (sentido) no qual a frase tem significação mínima e completa. Complementa-se reflexão teórica com o olhar de Tony Berber Sardinha em que classifica os tipos de metáfora, o trabalho contará também com as contribuições históricas das parábolas com o apoio do escritor Kennet Bailey, juntamente com John Macarthur, sendo permeadas pelas contribuições sobre o estudo de gêneros textuais provindas de Mikhail Bakhtin e Luiz Antônio Marcuschi. A escolha de textos bíblicos como corpus de análise se justifica por entendermos que a bíblia é um dos livros mais vendidos e traduzidos no mundo, e por sua ampla popularização, seus textos proporcionam vastas possibilidades de ampliar os campos de análises nos estudos metafóricos. Considera-se as perspectivas epistemológicas que possibilitam investigações nos contextos discursivos de origem e uso, espera-se contribuir para dar um cunho científico para a construção do sentido dos textos bíblicos, a fim de amparar estudos e leituras posteriores. Por meio deste estudo, podemos entender que a metáfora tem a palavra como unidade de referência, projeta-se na frase e através da simultaneidade constrói sentidos definidos no contexto do texto.

Palavras-chave: Semântica da palavra. Metáfora. Parábolas.

ABSTRACT

A Semantical Study of the Metaphor in the Parables

This master's thesis has as its focus the metaphorical meaning built in biblical discourses under the perspective of word semantics. This study aims to analyze the sense built in the biblical discourse using the metaphor as a linguistic tool, recurring to the studies of word semantics. It has as its theoretical basis the reflections of Paul Ricoeur (2015) in his work *Living Metaphor* with an emphasis on the study IV "The metaphor and the semantics of the word", a foundation to understand the implications of the metaphor. This investigation is initially based on the Rhetorical Studies, which have the word as a reference unit, and then studies the displacement and the extension of the meaning of words that originate the metaphor. It is highlighted the opposition between the semiotics (form), where the word is considered a sign in the lexical field, and the semantics (meaning), where the sentence has the minimal and complete significance. The theoretical reflection is complemented with the view of Tony Berber Sardinha that categorizes the types of metaphor, and also the historical contributions of the parables as proposed by Kenneth Bailey, together with John MacArthur. They are permeated by the contributions of the textual genres studies, especially of Mikhail Bakhtin and Luiz Antônio Marcuschi. The choice of the biblical texts as the corpus of analysis is justified by the understanding that the Bible is one the best-selling and most translated books in the world. By its wide popularity, its texts provide many possibilities to widen the analyses in the metaphor studies. The epistemological perspectives that permit the investigation of the discursive context of the text's origin and use are considered. We hope to contribute to the scientific study about the meaning in the biblical texts that serves as a basis for posterior studies and readings. By this research, we understand that the metaphor has the word as a reference unit, which is projected in the sentence, and, by the simultaneity, builds definite meanings in the textual context.

Keywords: Word semantics. Metaphor. Parables.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2 A METÁFORA: UMA FIGURA DE LINGUAGEM	16
2.1 A Metáfora da caverna: uma reflexão	16
2.2 Questões discursivas da metáfora sob o olhar de Paul Ricoeur	17
2.3 Tipos de metáfora: uma reflexão teórica na perspectiva de Tony Berber Sardinha	51
2.3.1 A metáfora e a visão tradicional	51
2.3.2 Metáfora e a visão conceptual.....	54
2.3.3 Metáfora e a visão sistemática	58
2.3.4 Metáfora e a visão gramatical	61
3 GÊNERO TEXTUAL DISCURSIVO: ALGUMAS PERSPECTIVAS.....	66
3.1 A parábola como um gênero discursivo	70
4 ANÁLISES DO CORPUS	78
4.1 A raposa, o funeral e o arado	79
4.2 A figueira estéril.....	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
6 REFERÊNCIAS.....	110
ANEXO 1.....	112
ANEXO 2.....	113

1. INTRODUÇÃO

As questões de linguagem sempre despertam nuances a serem exploradas, considerando o sentido construído no texto. Para tanto, este trabalho propõe-se a investigar, especialmente, a construção do sentido da metáfora em textos do gênero parábola do evangelho de Lucas do Novo Testamento. Segundo conceitos apresentados por Sardinha (2007), qualquer língua é singularmente complexa, de modo que é impossível descrevê-las ou explicá-las por completo, uma vez que cada palavra pode ter vários significados, gerando diferentes sentidos num texto.

Esta pesquisa tem como norte a percepção de que adentrar no universo linguístico, conhecer o desenvolvimento das questões sobre a língua desde os primórdios, aprender e entender a relevante função e contribuição dos que se posicionam como linguistas e compreender as relações intrínsecas entre a linguagem e a sociedade são elementos importantes e que podem ser aprofundados por meio de estudos direcionados. Este trabalho, nessa direção, propõe-se a compreender o sentido das palavras e suas diversas possibilidades em contexto específico.

Assim, inserido na linha de pesquisa Interpretação e Constituição do Texto e do Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF), o presente trabalho, aborda as questões entre língua e linguagem e tem como tema o estudo da metáfora em parábolas bíblicas, sob a perspectiva da semântica da palavra empregada em textos. O problema que motiva a realização deste estudo manifesta a seguinte questão: como a metáfora, em parábolas do evangelho de Lucas do Novo Testamento, colabora com a construção do(s) sentido(s) desse gênero textual, orientando a leitura e a compreensão desses textos? Esse problema pauta-se, principalmente, nos estudos do filósofo Paul Ricoeur, que coloca o sentido – no discurso – como centro de suas reflexões e Tony Berber Sardinha, linguista brasileiro conhecido por seus trabalhos em linguística de corpus.

Desse modo, este estudo tem por objetivo geral analisar e descrever o sentido construído com metáforas em parábolas bíblicas no evangelho de Lucas do Novo Testamento. Objetivos específicos também organizam este estudo, a saber: a) estudar a metáfora, a fim de entendê-la e descrevê-la como recurso linguístico na construção de sentido no texto; b) compreender os conceitos e descrições da semântica da palavra, analisando as metáforas em parábolas do evangelho de Lucas;

c) situar e compreender a articulação entre a semântica da palavra e sua articulação com a frase nas parábolas bíblicas.

Essa escolha tem por base o fato de que a metáfora é um fenômeno linguístico que merece ser (ainda) estudado, na medida em que provoca um olhar diferenciado e atento para a construção de sentidos de um texto, seja ele qual for. Dessa forma, este trabalho justifica-se pela possibilidade de contribuir para o estudo da língua, pois aborda um gênero textual – as parábolas bíblicas – pouco explorado cientificamente, ainda que sua popularização seja inquestionável, uma vez que a parábola – objeto de investigação desta pesquisa – está presente no livro mais vendido do mundo.

O *corpora* desta pesquisa, as parábolas, consiste em um gênero textual que se apresenta, geralmente, em suporte bíblico da mídia impressa. Esses textos são conhecidos como histórias do dia a dia – repletas de metáforas – contadas por Jesus Cristo em tempos remotos. Esses textos dispõem de propriedades narrativas, construídas e contadas sob uma perspectiva histórico-social, que, já milenarmente, tem cativado ouvintes e suscitado interesse de alguns pesquisadores das escrituras.

Assim, com esta pesquisa, procura-se usar o gênero textual bíblico para explorar a metáfora, uma vez que esse texto tem, dentre suas características, a riqueza desse fenômeno. Além disso, considera-se que, embora se manifeste por meio de histórias e ilustrações aparentemente singelas, esses enunciados podem, sob a perspectiva da semântica da palavra, ser fortemente investigados e discutidos no espaço acadêmico, tendo em vista sua construção metafórica na arquitetura do sentido de um texto.

Isso traz uma oportunidade de estudar determinados gêneros textuais, resgatar e explorar seu potencial criativo e linguístico, visto que, com o aparecimento e o destaque dos vários gêneros textuais em novos suportes midiáticos e virtuais, que mesclam sons e imagens, há uma tendência ao ofuscamento de gêneros não multimodais, como as parábolas bíblicas.

Outros elementos justificam a escolha da temática deste estudo, tais como os índices apresentados pelos “Retratos da leitura no Brasil”,¹ que evidenciam que,

¹ O trabalho “Retratos da Leitura no Brasil” é realizado pelo Instituto Pró-Livro (IPL), Itaú Cultural e Ibope Inteligência. É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e ela se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. No ano de 2020, foi publicada

dentre os diferentes gêneros textuais existentes, a Bíblia apresenta a maior quantidade de leitores.

Também se considera que há um número expressivo de traduções dos textos bíblicos, uma vez que, conforme dados da União das Sociedades Bíblicas, com sede em Reading, na Grã Bretanha, esses textos foram traduzidos integralmente para 451 línguas diferentes e, se consideradas apenas fragmentos, são 2.479 traduções. Isso evidencia o número considerável de práticas de leitura efetivadas por meio desse suporte.

Isso denota que 95% da população mundial tem, hoje, a possibilidade de ler a Bíblia em uma língua que conhece, e mostra que, apesar de os textos, por meio das mais diversas formas de comunicação, incorporarem novas e modernas roupagens, as histórias bíblicas ainda conquistam diversos leitores pelo mundo. Por tudo isso, espera-se que o trabalho contribua para dar um cunho científico para o estudo das parábolas presentes no evangelho de Lucas do Novo Testamento, dando ênfase à pesquisa da metáfora e à construção do sentido.

Primeiramente, toma-se por base pesquisas de estudiosos do tema, como Paul Ricoeur, que se destaca por trabalhos relacionados à teoria filosófica da metáfora, e o autor Tony Berber Sardinha, estudioso na área de linguística, cujas contribuições trazem ao leitor investigações relevantes sobre o funcionamento da metáfora em textos.

Considerando a importância da trajetória de Paul Ricoeur – um dos expoentes no campo da fenomenologia e da hermenêutica, sendo considerado um dos grandes nomes da filosofia contemporânea e também nos estudos relacionados à metáfora –, voltamos especial atenção às questões relacionadas ao estudo da metáfora apresentado em *A Metáfora Viva* (2015). Nessa obra, Paul Ricoeur traz um compilado de estudos que possibilitam a compreensão das implicações da metáfora desde os primórdios da retórica e da Poética.

Com início na retórica clássica, Paul Ricoeur segue pela semiótica e pela semântica, alcançando, por fim, a hermenêutica. Essa passagem por diferentes disciplinas do campo da filosofia e da linguagem mostra o caminho das entidades

a 5ª edição do estudo, realizado com a participação de 4270 pessoas, com nível de escolaridade do 1º ano do ensino fundamental ao ensino superior (com base no ano de 2019).

linguísticas em relação à metáfora, considerando sua realização na palavra, na frase, no discurso. Assim, este trabalho tem como foco, especificamente, a análise linguística da palavra nos estudos da metáfora e prioriza os estudos que apresentam base para as descrições do sentido no texto em análise. Isso terá como base o IV estudo do livro *A Metáfora Viva*, intitulado como “A metáfora e a semântica da palavra”.

Os estudos de Paul Ricoeur serão a base para esta reflexão, mas o trabalho também conta com as contribuições de Tony Berber Sardinha, que trazem para o leitor investigações singulares sobre a metáfora. Sardinha faz um recorte e sistematiza teorias da metáfora até hoje criadas, apresenta as concepções atuais do estudo da temática considerando o campo linguístico e aborda os conceitos sobre metáfora conceitual, sistemática e gramatical.

A fim de tratar e relacionar algumas questões concernentes aos gêneros textuais nas parábolas, são visitados os conceitos de gêneros do discurso por meio de alguns dos estudos de Mikhail Bakhtin, filósofo russo que dedicou a vida à definição de noções, conceitos e categorias de análise da linguagem, e de Luiz Antônio Marcuschi, linguista que se dedicou aos estudos do sentido do texto, considerando seus tipos e gêneros.

Bakhtin (1997, p. 280) mostra que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas à utilização da língua, a qual integra a vida por meio dos enunciados que a realizam. Por sua vez, os enunciados, sejam eles orais ou escritos, refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, as quais são responsáveis pela elaboração de diferentes tipos de enunciados, que são os chamados de gêneros do discurso.

Para Marcuschi (2017), o estudo dos gêneros contribui para entendermos o funcionamento da sociedade, já que os gêneros textuais organizam as atividades das pessoas, tanto culturais quanto cognitivas. Os usuários da língua usam as modalidades discursivas com determinadas estratégias para alcançarem objetivos de comunicação, assim, todos os gêneros contribuem e são fundamentais para as práticas de linguagem.

Outro aspecto a ser considerado leva em conta a perspectiva histórica, social e teológica, o que contribui para a complexidade do estudo. Tal contexto leva à necessidade de (re)visitar épocas remotas e específicas que permitam, por meio da literatura especializada, conhecer a realidade de povos israelitas cuja nacionalidade e

cultura se destacaram na história bíblica, o que ressignifica sua presença nas narrativas, considerando seu contexto de produção.

Juntamente com o capítulo de análise, tratamos do entendimento de cada parábola considerando aspectos históricos. No que diz respeito ao resumo do texto da parábola à contextualização histórica de alguns termos, recorreremos às contribuições do autor Kenneth Bailey² (1995), que em suas pesquisas, imergiu, durante vários anos, na cultura do oriente médio, a fim de esclarecer e descobrir pressuposições culturais nutridas pelo narrador desses textos bíblicos (parábolas) em relação aos seus ouvintes. Além disso, este trabalho conta com contribuições do autor John MacArthur, escritor de mais de 150 livros com temáticas bíblicas, tendo mais de 9 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo.

Do ponto de vista da sua natureza, esta pesquisa é aplicada, e, quanto ao problema, a abordagem é qualitativa. Referente aos objetivos, é exploratória, e em relação aos procedimentos técnicos trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, posto que o *corpus* se constitui de documentos escritos retirados do suporte bíblico.

O *corpus* selecionado para análise é composto de duas parábolas extraídas do suporte bíblico, especificamente do evangelho de Lucas do Novo Testamento: A raposa, o funeral e o arado e A figueira infértil. As parábolas escolhidas para análise limitam-se a duas em função de ser um estudo qualitativo cujo foco está no caráter subjetivo do objeto analisado e não na busca de dados numéricos para validar ou rejeitar determinadas hipóteses. Desse modo, concentra-se as análises em dois textos, para centrar-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações do *corpus* a ser analisado com base nas teorias escolhidas.

Desse modo, a complexidade do estudo segue em duas direções: a) estudo da metáfora como fenômeno linguístico na perspectiva de Paul Ricoeur e Tony Berber Sardinha; b) estudo de algumas perspectivas do gênero textual discursivo, a parábola, considerando os estudos sobre os gêneros textuais feitos por Mikhail Bakhtin e por Luiz Antônio Marcuschi, em diferentes períodos históricos. Em um contexto geral, considerando que as parábolas são textos integrantes do Novo Testamento e do

² Kenneth Bailey era um autor americano, professor de teologia e linguista.

evangelho de Lucas, seguimos a perspectiva narrativa e histórica de Kenneth Bailey e John MacArthur.

Por fim, pertinente pontuar que, uma vez que este trabalho se dedica a proceder análises de metáforas em textos bíblicos tendo como base o campo metafórico, assume-se os riscos relacionados às investigações, mas, salienta-se a intenção da pesquisa em abrir possibilidades para outros caminhos e resultados em termos de análise.

2 A METÁFORA: UMA FIGURA DE LINGUAGEM

2.1 A Metáfora da caverna: uma reflexão

Ao tratar da metáfora, torna-se indispensável mencionar um dos textos mais notáveis dentre as obras de Platão, O Mito da Caverna ou Alegoria da Caverna, que faz parte do livro “A república” escrita, mais ou menos, por volta de 380 a.C. Através desse texto, Platão utiliza-se de metáforas para inferir ideias relacionadas à humanidade e suas limitações ao buscar novos horizontes, assim como mostrar as formas de aprisionamento humano em função do medo de encarar o novo e novos sentidos que poderiam ser percebidos ao que se via.

Estudioso no campo da filosofia, Platão foi discípulo de Sócrates e inspira até hoje milhares de pensadores já que teve uma excelente trajetória intelectual, deixando suas contribuições em várias áreas do conhecimento. A obra da filosofia platônica “A República” traz uma grande discussão em torno do mundo das ideias ou inteligível, o perfeito e o mundo material ou sensível, o imperfeito por ser a cópia do mundo inteligível.

Entender um pouco da essência do livro “A república” que gira em torno da divisão entre mundo material ou sensível e mundo das ideias ou inteligível prepara o leitor para absorver as metáfora presentes no texto “Mito da caverna”. Segundo a adaptação de Chaui (2021), a história gira em torno de um grupo de prisioneiros que são presos em uma caverna e que em função de um alto muro não tinham possibilidades de ter uma visão clara do seu entorno em função da pouca passagem da luz exterior.

Desde seus nascimentos, geração após geração, os seres humanos ali viviam acorrentados, sem poder mover a cabeça para a entrada, nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo, sem nunca terem visto o mundo exterior nem a luz do Sol. Acima do muro, uma réstia de luz exterior ilumina o espaço habitado pelos prisioneiros, fazendo com que as coisas que se passam no mundo exterior sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna.

Por trás do muro, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras de homens, mulheres, animais cujas sombras são projetadas na parede da

caverna. Os prisioneiros julgam que essas sombras são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são os seres vivos que se movem e falam.

Um dos prisioneiros, tomado pela curiosidade, decide fugir da caverna. Fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões e escala o muro. Sai da caverna, e, no primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do Sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Pouco a pouco, habitua-se à luz e começa a ver o mundo, encanta-se, deslumbra-se, tem a felicidade de, finalmente, ver as próprias coisas, descobrindo que, em sua prisão, vira apenas sombras.

De volta à caverna, para contar o que viu e libertar os demais, teme, pois não saberá mover-se nem falar de modo compreensível para os outros, podendo correr o risco de ser morto pelos que jamais abandonarão a caverna, pois poderão não acreditar nele e preferir continuar experienciando a mesma realidade até então vivida.

A reflexão sobre o mito da caverna move-se em torno da saída de um dos prisioneiros e o encontro com o sol. Enxergar a realidade ao seu redor ocasiona a dor, o desconforto, sendo considerado o sol uma metáfora para a verdade. A verdade, o sol, possibilita o olhar a sua volta e entender o que realmente ocorre no espaço fora da caverna, isso faz com que a realidade que ele encontra no mundo material seja o sensível, o imperfeito, uma cópia do perfeito.

Já o mundo das ideias ou inteligível, o perfeito, está dentro da caverna, sendo visualizado, idealizado pelos prisioneiros num determinado mundo de aparências, desse modo, as sombras podem representar a metáfora dos falsos conhecimentos. Isso faz com que seja questionável a volta do personagem que conseguiu sair e enxergar o mundo, pois quais seriam os perigos em mostrar essa realidade oposta aos seus companheiros? Ocasionaria um choque entre a realidade e a aparência?

Iniciamos esta reflexão com o texto "A Metáfora da caverna " na intenção de exemplificar através de sua leitura que trabalhar com metáforas significa olhar para o texto e ver as diversas possibilidades de sentido.

2.2 Questões discursivas da metáfora sob o olhar de Paul Ricoeur

A metáfora, ao longo dos séculos, destacou-se por ser considerada uma das figuras mestras de linguagem. Obtendo notória visibilidade e tendo despertado interesse de muitos estudiosos, tornou-se relevante aprofundar as reflexões teóricas

e metodológicas a seu respeito. Nessa direção, para este trabalho, toma-se, primordialmente, como referência, os estudos de Paul Ricoeur, autor considerado ícone nos estudos sobre a metáfora.

Em *Metáfora Viva*, Paul Ricoeur expõe nove estudos, cada um deles apresentando, de forma independente, um ponto de vista específico a respeito da metáfora. Todos eles, contudo, se interligam como um todo, passando de um plano linguístico a outro: do nível da palavra ao nível da frase, e, por fim, ao nível do discurso.

Nesse sentido, este texto destaca segmentos principais dos primeiros capítulos da obra de Ricoeur, para que se possa entender as reflexões propostas, o que também se constituirá como um suporte para a compreensão do capítulo IV, seção relevante para esta dissertação.

No primeiro estudo do livro *Metáfora Viva*, intitulado "Entre a retórica e a poética", entende-se que a noção mais antiga da metáfora vem de Aristóteles, que define a palavra como unidade básica e determina a metáfora como o uso do nome de uma coisa para designar outra. Destaca-se que a metáfora "tem um pé em dois domínios": a retórica e a poética.

Nesse primeiro estudo, é possível entender que, para Paul Ricoeur (2015, p. 23), a retórica, mundo político da eloquência, foi definida por Aristóteles como a arte de inventar ou encontrar provas; já a poética, mundo poético da tragédia, foi definida pelo filósofo grego como a arte de representar as ações humanas de um jeito próprio, por meio da ficção.

A dualidade da retórica e da poética reflete uma dualidade no uso do discurso tanto quanto em situações de discurso. A retórica já se disse, foi antes de tudo uma técnica de eloquência; seu alcance é o mesmo da eloquência, a saber, a gerar a persuasão. Ora, esta função, por mais vasta que seja sua extensão, não cobre todos os usos do discurso. A poética, arte de compor poemas, trágicos, principalmente, não depende, nem quanto à função, nem quanto à situação do discurso, da retórica, arte da defesa, da deliberação, da repreensão e do elogio. A poesia não é a eloquência. Ela não visa à persuasão, mas produz a purificação das paixões do terror e da piedade (RICOEUR, 2015, p. 23).

Aristóteles, nas palavras de Ricoeur (2015, p. 23), posiciona a metáfora com um pé em cada um dos domínios, tanto na retórica quanto na poética. Para o autor, "há, portanto, uma única estrutura da metáfora, mas duas funções: uma estrutura retórica e uma poética". Afirmar ainda que a metáfora pode, em termos de estrutura,

consistir na transferência de sentido das palavras, mas, em termos de função, subdivide-se em dois destinos: o da eloquência e o da tragédia.

Depreende-se, ainda, do estudo I, que apesar de sua dupla inserção, a metáfora recebia uma definição bem conhecida: “a transferência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para espécie, ou da espécie para o gênero de outra ou por analogia” (RICOEUR, 2015, p. 24).

E mais uma vez Ricoeur (2015) retoma a definição de Aristóteles sobre o núcleo comum das duas disciplinas, apontando para a epífora do nome. Nessa perspectiva, a metáfora, na concepção aristotélica, pode ser explicada a partir de alguns traços. No primeiro, permite apresentar uma ideia nova e determinada, mostra que a metáfora acontece ao nome, à palavra e não ao discurso. Essa diferença entre palavra e discurso – operando em todos os níveis estratégicos de linguagem: palavras, frases, discursos, textos e estilos – será comprovada, mais tarde, por Roman Jakobson.

Em um segundo traço, a metáfora é descrita em termos de movimentação, deslocamento de um sentido de uma palavra a outra. Nesse contexto, necessário entender a noção de *epiphorá*, que pode ser compreendida como um processo que afeta o núcleo das entidades portadoras de sentido e que proporciona a mudança semântica.

Já no terceiro traço determina-se a transposição de um nome que pertenceria a outra coisa, tal como ocorre nos desvios, empréstimos ou substituições. Os primeiros – os desvios – são caracterizados por sinônimos, palavras raras, neologismos e por palavras próximas à metáfora. Já os empréstimos podem ser caracterizados quando o sentido deslocado vem de outro lado, de outro domínio de origem, e a substituição, por sua vez, ocorre quando o termo metafórico é emprestado a um domínio estranho. Por fim, em um quarto traço, marca-se a ideia de transferência: de gênero à espécie, de espécie à gênero, de espécie à espécie ou por analogia.

Há também a relação de comparação relacionada por Aristóteles:

Que a arte genial da metáfora consista sempre em uma apercepção das semelhanças é confirmado pela aproximação com a comparação que atribui à linguagem a relação que, na metáfora, é operante sem ser ununciada. A comparação, diremos nós, exhibe o momento de semelhança, operatório, mas não temático, na metáfora (RICOEUR, 2015, p. 49).

Essa reflexão sobre a relação entre metáfora e comparação retoma a questão da *epífora* na medida em que a metáfora acontece entre dois termos que já são semelhantes e podem ser evidenciadas por termos de comparação. Como mostra Ricoeur (2015, p. 43), “para fazer comparação, é necessário dois termos, igualmente presentes no discurso”. E o autor exemplifica com a expressão “Aquiles lança-se como um leão”, na qual, segundo aponta, o caráter discursivo pode ser observado pela presença dos dois termos (Aquiles e leão).

Prosseguindo com o estudo do livro *A Metáfora Viva*, o estudo II, em seção intitulada “O declínio da retórica”, possibilita a compreensão da passagem da retórica à semântica, isso é, a metáfora passa de um *tropo* – ou seja, de um desvio, que diz respeito à palavra – e segue para uma predicação, algo relacionado ao reconhecimento da frase como unidade de significação.

Assim, a compreensão relacionada à metáfora exige patamares que extrapolam a classificação e a taxionomia da retórica, uma vez que o metafórico deixa de ser visto como um ornamento e sua significação demanda um nível superior de explicação. Colocada em nível de frase, a metáfora, no dizer de Ricoeur (2015, p. 10), passa a ser tratada como um caso de predicação impertinente e não mais como um caso de denominação desviante.

Nesse segundo estudo, Ricoeur (2015) registra contribuições feitas pelo gramático francês Pierre Fontanier, que se aproximou da retórica, dando início à teoria das figuras de linguagem, considerando a noção de *tropos*. Para Fontanier (apud RICOEUR, 2015, p. 85) afirma que “Os tropos são certos sentidos mais ou menos diferentes do sentido primitivo que oferecem na expressão do pensamento as palavras aplicadas a novas ideias em si mesmas”. Nessa concepção, a metáfora ainda se classificaria nos *tropos*, mas vai além quando amplia a visão focada em uma palavra para a sua significação em uma relação com as ideias. Assim, “no próprio interior do par ideia-palavra, a ideia está na posição do princípio: o pensamento compõe-se de ideias, e a expressão do pensamento pela palavra compõem-se de palavras (RICOEUR, 2015, p. 83), o que implica dizer que são as ideias que asseguram as palavras.

A questão pautada na teoria dos *tropos* e das figuras de Fontanier estudadas por Ricoeur (2015, p. 89) mostra que “a metáfora é uma figura, e a palavra figura é uma palavra metafórica”. Além disso, o que refere à noção de desvio, o filósofo e

linguista afirma que “o discurso na expressão de ideias, de pensamentos ou de sentimentos distancia-se mais ou menos do que foi a expressão simples e comum”, o que faz com que esses movimentos de distanciar-se ou afastar-se sejam consideradas metáforas de movimento” (RICOEUR, 2015, p. 89).

A noção de desvio, segundo define o autor, pode ser considerada tanto em palavras, quanto em frases ou discursos. E esse postulado mostra também que a figura somente pode ser considerada como tal na medida em que seu uso é livre, sendo que “o critério da figura é a substituição de uma expressão (palavra, grupo de palavra, frase, e mesmo grupo de frases) por outra que o retórico deve substituir mentalmente para ter o direito de falar a figura” (RICOEUR, 2015, p. 90). Essa substituição mental, com uso livre, segundo Fontanier (apud RICOEUR, p. 90), implica outros dois postulados, o de não ser mero empréstimo, já que as expressões são afastadas de seu sentido próprio e podem ser substituídas por outras, e a de a figura somente existir se puder ser oposta à sua expressão literal. Nesses dois casos, confirma-se o caráter de substituição.

O estudo III do livro *A Metáfora Viva* tem como título "A metáfora e a semântica do discurso" e inicia retomando a ideia principal dos dois primeiros estudos, nos quais a metáfora foi denominada a partir da ênfase que se dá à palavra, tomada como suporte de mudança de sentido em que consiste o *tropo*. Entende-se que a de metáfora é compreendida como “a transposição de um nome estranho a outra coisa”, mas esse trabalho com foco na palavra e no nome não se mantém, e, com a sequência dos estudos, as análises partem para a observação do enunciado e do meio contextual.

[...] a investigação aplicada ao trabalho de sentido que a transposição do nome gera fez com que continuamente se rompesse o quadro da palavra, e a *fortiori* o do nome, e impôs que se tomasse o enunciado como meio contextualem que somente a transposição de sentido tem lugar (RICOEUR, 2015, p. 107, grifo do autor).

Dessa forma, detém-se ao exame direto do enunciado como meio contextual para a transposição de sentidos. A presença da metáfora com sentidos claros e definidos faz com que seja possível deter-se ao estudo do enunciado metafórico como um todo, tendo continuidade, mais adiante, no capítulo V de *A Metáfora Viva*, com aspectos relacionados à definição real e nominal da metáfora.

É possível perceber que Ricoeur (2015) retoma e reconsidera as contribuições de Aristóteles e de Fontainer já no início do estudo III, valorizando as transposições de nomes como definições nominais ao se tratar da metáfora, já que é possível, com esse olhar, identificar as metáforas diante de outros *tropos*, sendo possível de classificá-las e defini-las. O autor reflete que “as definições de Aristóteles e de Fontanier são nominais, na medida em que permitem identificar a metáfora entre os tropos” (RICOEUR, 2015, p. 107).

Evidencia-se, assim, um avanço dessas questões, as quais se limitam ao *tropos* e trabalham em torno dos níveis de definições e classificações metafóricas em direção a um sentido discursivo, através de uma definição real da metáfora em termos de enunciado. Ainda no primeiro capítulo, Ricoeur (2015, p. 107), destaca que o estudo por ele desenvolvido “é consagrado ao exame direto do papel do enunciado, como portador de um sentido completo e acabado”.

Já no estudo III, Ricoeur (2015) explica que a compreensão da metáfora em torno das palavras não é eliminada, visto que a palavra marca o lugar da metáfora, posiciona-a e sempre continuará sendo a mantenedora do efeito de sentido metafórico. Ricoeur (2000, p. 108) ainda cita a contribuição de Max Black,³ que justifica que a palavra permanece sendo o foco, mesmo que se processe no quadro da frase, sendo assim, a palavra segue sendo base e suporte do efeito de sentido metafórico, e, no discurso, ela tem a função de encarnar a identidade semântica

Para tratar do nível de frase, Ricoeur (2015) visita Benveniste⁴ (*Problemas de Linguística Geral*/1966), que, a partir de seus estudos, propôs a semiologia da língua em função de pensar que poderia existir algo acima do estudo dos signos então propostos. Benveniste encontrou um lugar para o objeto da linguística, a língua, que poderia transcender a ideia de signo para os níveis de frase e discurso.

Nesse capítulo III, é possível entender, com base nas leituras de Ricoeur (2015), a contribuição de Benveniste para o desenvolvimento dos estudos da metáfora. Tendo claras as concepções de que a língua é o único sistema que abrange

³ Max Black foi um filósofo reconhecido na filosofia analítica na primeira metade do século XX, escritor da obra *Models and metaphors: studies in language and philosophy* (1962).

⁴ Ricoeur (2015) encontra apoio nos estudos de Benveniste no que diz respeito às questões relacionadas à semântica e à semiótica, visto que as duas poderiam contribuir para transcender a ideia de que a metáfora poderia ser analisada apenas no nível do signo, mas pode passar a ser analisada com base na semântica, em um nível de frase.

as duas dimensões – o semiótico e o semântico –, a característica de comportar a significância dos signos e a significância da enunciação revela as premissas da potencialidade e da capacidade que a língua tem de englobar outros sistemas.

Ao estudar Benveniste, Ricoeur (2015) explana a dupla significância com as noções de semiótico e semântico, desse modo, abriram-se portas para uma nova organização do paradigmático e do sintagmático, visto que, diferenciando o semiótico do semântico, evidenciam-se pontos relevantes referentes ao discurso. Assim, considerando que o semiótico designa sua significação a partir do próprio signo, discorre-se sobre suas duas faces, o significante e o significado, que permitem que cada signo reafirme sua significância em relação a outro e seja a base significante da língua, material necessário para a enunciação.

Nos estudos sobre as teorias benvenistianas, Ricoeur (2015) mostra que o semântico se refere ao modo de significância atrelado ao discurso, e pondera que a língua é produtora de mensagens, em um contexto no qual o sentido é produzido de forma global, se realizando e se dividindo em signos, que são as palavras. Ainda recorrendo aos estudos de Benveniste, Ricoeur (2015) exemplifica: “Para que um signo exista, é necessário e suficiente que seja assumido (Existe chapéu? Sim. E chapau? Não”. Isso mostra a característica de ser distintivo do signo e garantir uma significação.

Ricoeur (2015) ainda recorre a Benveniste para destacar que o semântico está relacionado ao mundo da enunciação e ao universo do discurso e que o sintagmático e o paradigmático, por sua vez, se entrelaçam e a palavra ganha sentido próprio no seio do discurso. Isso marca a posição de que a metáfora não pode ser considerada apenas um acessório que se adiciona à linguagem, mas é parte que a constitui, já que é munida de resquícios de significados convencionados pelo uso da língua em sociedade.

Assim, o ponto de partida para a análise discursiva da metáfora é tomado sob o olhar da distinção entre o semiótico e semântico de Benveniste, já que uma das dificuldades apontadas é avaliar a função da palavra, a qual, segundo Ricoeur (2015), aparece retalhada entre uma semiótica das entidades lexicais e uma semântica da frase. Desse modo, adia-se a tentativa de coordenar a teoria da substituição e a teoria da interação, que são de planos diferentes, e, neste estudo, é abordada uma concepção disjuntiva das relações entre semiótica e semântica.

Ricoeur também visita a noção de níveis linguísticos, apresentada no texto "Níveis de análise linguística", no qual Benveniste traz destacada reflexão a respeito das possibilidades de análise. Segundo Benveniste (2005), a noção de nível é essencial nos procedimentos de análises porque "só ela própria é capaz de fazer justiça a natureza articulada da linguagem e ao caráter discreto de seus elementos, só ela própria pode fazer-nos reconhecer na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo".

Em termos de análise, Ricoeur recorre a Benveniste mostrando que o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status linguístico*. A língua não poderia funcionar de outra maneira, sendo assim, a palavra, um elemento sintagmático, torna-se constituinte da frase, conferindo-lhe a significação, não necessariamente contendo o mesmo sentido que obtém como unidade autônoma.

Ricoeur (2015) retoma a explicação de Benveniste sobre a passagem da palavra à frase e destaca a necessidade de compreender o modo como as unidades se articulam de acordo com seus níveis, assim como a consequência dessas relações mantidas. Das relações geradas, é possível distinguir as distribucionais e as integrativas, que nos levam a revisar os conceitos de forma e sentido (também de Benveniste), cuja forma é definida por sua capacidade de dissociar-se em níveis inferiores. Dessa passagem, destaca-se que uma unidade linguística somente obtém sentido se consegue elevar-se em um nível superior e integrá-lo, sendo, nesse caso, do lexema à frase.

Essa unidade não é uma palavra mais longa ou mais complexa: depende de outras ordens ou noções, é uma frase, A frase realiza-se em palavras, mas as palavras não são simplesmente seus segmentos. Uma frase constitui um todo, que não se reduz a soma de suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto de constituintes (BENVENISTE, 2003, p. 132).

Assim, considerando as reflexões e os apontamentos de Ricoeur sobre a metáfora, infere-se – no que refere ao modo como o sentido metafórico é produzido no âmbito do enunciado – que sua percepção de que a palavra assegura a função de identidade semântica no discurso encontra raízes nos estudos benvenistianos, que amparam a compreensão de que o sentido (nesse caso, da palavra) se constrói na medida em que a palavra se eleva a um nível superior à frase e se integra como um elemento constituinte de sentido.

Importante para Ricoeur (2015) foi selar o trajeto traçado até aqui por meio da palavra, frase e discurso com a concepção de Benveniste (2003). Nesse pensar, foi possível entender a frase como a unidade do discurso e ter clareza de que o todo discurso se produz como um acontecimento, mas se deixa compreender como sentido. A frase, nesse contexto, é escolhida por marcar a possibilidade de analisar os discursos com a presença da metáfora, tendo a premissa de que o locutor se apodera da língua e a atualiza, fazendo uso de palavras com identidades semânticas que podem ser alteradas pela metáfora.

Por fim, há que se ponderar que a metáfora está presente em todos os aspectos da vida, pois é um recurso da linguagem importante para a comunicação. Sendo assim, sintetizar e tornar claras as contribuições teóricas e metodológicas que permeiam o estudo da metáfora é imprescindível para o estudo que nos propomos a desenvolver.

Após breves explicações do caminho trilhado até este ponto do estudo e das questões que corroboram para o entendimento das reflexões a respeito da metáfora em Ricoeur (2015), abordaremos o estudo IV da obra “A Metáfora Viva”, intitulado como “A metáfora e a semântica da palavra”. Essa abordagem tem o propósito de detalhar os apontamentos apresentados por Ricoeur e aprofundar as concepções apresentadas para que se possa tratar das análises dos corpos escolhidos.

Em “A metáfora e a semântica da palavra”, Ricoeur (2015) faz uma retomada daquilo que fora tratado nos três capítulos anteriores e, na sequência, apresenta alguns aspectos dos trabalhos de Stephen Ullmann⁵ que dão continuidade à linguística saussureana estruturalista. Inicialmente, nesse estudo, destaca-se a visão de que uma linguística que não tem possibilidade de distinguir entre uma semântica da palavra e uma semântica da frase deve limitar-se a assinalar os fenômenos de alteração de sentido dos usos da língua na história. É possível perceber, nesse capítulo IV, a importância dada aos caminhos já trilhados por estudiosos sobre a metáfora e a sua relevância enquanto suporte para o trabalho com o sentido construído por meio dos textos.

⁵ Stephen Ullmann foi um linguista húngaro que passou a maior parte de sua vida na Inglaterra e escreveu sobre estilo e semântica em romances e línguas comuns.

Assim, o estudo do no livro *Metáfora Viva*, e, particularmente, do capítulo IV "A metáfora e o estudo da palavra", é possível descobrir sua contribuição dupla e objetiva. Primeiramente, o texto mostra que tem o escopo de demonstrar a base teórica e empírica para o título seguinte do livro, que trata da metáfora e da nova retórica e, também, salientar certos conceitos e descrições da semântica da palavra que não são mostrados inteiramente nos capítulos seguintes do livro, mas que são coordenados pelos conceitos da semântica da frase já presentes no estudo III "A metáfora e a semântica do discurso".

O texto aponta para o fato de que dará enfoque ao segundo objetivo, relacionado aos conceitos e às descrições da semântica da palavra. Tal questão aparece aos poucos no texto, mas, em especial, se faz presente na parte final do estudo, sendo de extrema importância para o entendimento da articulação entre a semântica da palavra e da frase.

O texto inicia destacando o subtítulo "O monismo do signo e primado da palavra". Nessa seção, Ricoeur (2015) explica que muitos dos estudiosos interessaram-se pelos estudos da metáfora e compara trabalhos recentes dessa temática com outros realizados há mais tempo. Registra, nesse sentido, trabalhos feitos por pesquisadores franceses e ingleses e destaca que isso remonta a mais de um século de história da semântica.

A partir dessa motivação em comparar os trabalhos sobre a metáfora, Ricoeur (2015) mostra que dentre a descoberta de novidades e análises de grande tecnicidade, a hipótese básica da metáfora continua a mesma da retórica clássica, ou seja, uma figura em uma única palavra. Segundo o autor, essa base forte permanece porque a ciência dos desvios e das reduções dos desvios não produziu rupturas ao olhar da tradição retórica comparáveis aos da metáfora como figura concentrada em uma palavra (RICOEUR, 2015, p. 158).

Para entender tal apontamento, é importante voltar às considerações do estudo I, "Entre a retórica e a poética: Aristóteles", no qual Ricoeur (2015) mostra que há uma herança deixada por Aristóteles: em se tratando de metáfora, é inerente o estudo da palavra.

Como já apontado anteriormente, no estudo I, o aspecto central da definição da metáfora é a concepção de que ela está ligada ao nome, e, nessa perspectiva, pode ser definida em termos de movimento. Nas palavras de Ricoeur (2015, p. 29-

30): “Primeiro traço: a metáfora é algo que acontece ao nome (...). Segundo traço: A metáfora é definida em termos de movimento: a *epiphora* de uma palavra é descrita como uma sorte de deslocamento de... para...” (RICOEUR, 2015, p. 30).

Ricoeur (2015), ainda no estudo I, apresenta um terceiro traço em que “a metáfora é a transposição de um nome que Aristóteles denomina estranho (*alotrios*), isto é, que designa outra coisa” (RICOEUR, 2015, p. 32). Isso opõe-se à transposição de um nome estranho para outro que nos é comum (*kyrion*).

A Metáfora é assim definida em termos de desvio... por isso o emprego metafórico aproxima-se do emprego de termos raros, ornados, inventados, alongados ou abreviados, como o indica a enumeração referida acima. Essa oposição e esse parentesco têm em germe importantes desenvolvimentos da retórica e da metáfora (RICOEUR, 2015, p. 33).

Após Ricoeur (2015) mencionar a questão dos desvios no estudo IV, tornou-se interessante retomar, de modo aprofundado, o estudo I para entender como a metáfora pode ter sido definida nos termos de desvio. Podemos entender os três conceitos principais: a ideia de desvio em relação ao uso ordinário, a ideia de empréstimo a um domínio de origem, e a ideia de substituição em relação a uma palavra comum ausente, mas disponível (RICOEUR, 2015, p. 33-35).

O filósofo francês ainda explica que, considerando a concepção de substituição dada por Aristóteles, em que o termo metafórico se torna um termo substituto, a informação tida pela metáfora acaba por se tornar nula. “É a ideia de substituição que parece a mais prenhe de consequências, pois se, com efeito, o termo metafórico é um termo substituto, a informação fornecida pela metáfora é nula” (RICOEUR, 2015, p. 37).

Isso se explica em razão de que o termo ausente pode ser restituído, pode ser colocado de volta ao lugar de origem, e, sendo a metáfora nula, seu papel seria somente decorativo, de ornamento, já que é esvaziada, não sendo considerada no seu papel linguístico e cognitivo. Desse modo, para Ricoeur (2015), a teoria de substituição legou por muito tempo à metáfora o título de mero ornamento.

Após as contextualizações referentes à questão dos desvios, no estudo IV, Ricoeur (2015) demonstra que, com o passar do tempo, a ciência dos desvios e das reduções dos desvios elevou à cientificidade a teoria da metáfora-substituição, enquadrando-a em uma ciência geral dos desvios e reduções de desvios, embora a metáfora permaneça o que já era: um tropo em uma única palavra. Destaca-se que a

substituição, que caracteriza a metáfora, torna-se um conceito particular de um caso mais geral, que é o de desvio e de redução de desvio (RICOEUR, 2015, p. 158).

Ricoeur (2015) mostra que coexistem em diferentes contextos históricos a permanência da tese da metáfora-palavra (metáfora como figura em uma única palavra) e a fidelidade da neorretórica à teoria da substituição. Destaca-se que os anglo-saxões, em análises, ignoram, muitas vezes, a linguística dos linguistas, e devem menos a ela do que à lógica. Isso ocorre, mais precisamente, com a lógica proposicional por eles imposta, de improviso, o nível de consideração da frase e convida a tratar a metáfora no quadro da predicação. Enquanto isso, a neorretórica considera a base linguística, essa que reforça a ligação entre a metáfora e a palavra e como resultado consolida a tese da substituição (RICOEUR, 2015, p. 158).

Ricoeur (2015) IV expõe que a nova retórica herda uma concepção de linguagem que tem como influência e é reforçada pelas ideias do curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure, em que as unidades características dos diversos níveis de organização da linguagem são homogêneas e resultam de uma única ciência, a dos signos, a semiótica. “É uma orientação na direção do monismo semiótico e é a razão mais decisiva da divergência na explicação da metáfora” (RICOEUR, 2015, p. 158).

O estudo IV de Ricoeur (2015) evidencia que, a partir disso, ocorreu a divisão das concepções da metáfora, sendo que esse caminho já havia sido trilhado pela neorretórica. A direção dos estudos sobre a metáfora passou a seguir as concepções Saussurianas, a razão mais decisiva de divergência na explicação da metáfora. Isso porque os anglo saxões concordavam com a teoria desenvolvida por Benveniste e ancorada na constatação de que a linguagem repousa sobre dois tipos de unidades: a unidade de discurso ou frase e as de língua ou signos. Essa dualidade proposta por Benveniste é que provoca um divórcio no nível da teoria da metáfora (RICOEUR, 2015, p. 159).

Ricoeur (2015) mostra que essa dualidade nos níveis de postulados de base reflete no divórcio do nível das teorias da metáfora. Interessante destacar que, segundo o texto, a retórica antiga e clássica já havia mostrado uma ligação entre a teoria da metáfora-substituição e uma concepção de linguagem em que a palavra era a unidade de base. Contudo, com a semântica moderna, com base em Saussure, foi

dado um novo fundamento à teoria dos tropos, em que se dispõem de um novo conceito de entidade linguística de base: o signo.

Desse modo, a partir da leitura de Ricoeur (2015), revisa-se os caminhos percorridos por Saussure. Entende-se que o linguista estruturalista mostrou, por meio de uma semântica moderna, o conceito de entidade linguística de base, sua preocupação era justamente “identificar, definir, delimitar a unidade linguística do saber, o signo” (RICOEUR, 2015, p. 159) já que antes esse primado da palavra não era fundado sobre essa ciência dos signos, mas somente entre uma correlação entre a palavra e a ideia.

Ricoeur (2015) destaca ainda no estudo IV que “o monismo semiótico tinha em Saussure ainda seus limites e compensações” e é nessa perspectiva que ocorre uma oposição no plano da metáfora, entre uma teoria da substituição e da interação. O filósofo ainda reflete sobre essa oposição que é fundamental no plano dos postulados de base linguística entre um monismo semiótico, ao qual se subordina a semântica da palavra e da frase, e um dualismo do semiótico e do semântico, no qual a semântica da frase constitui-se sobre princípios distintos de todas as operações sobre os signos (RICOEUR, 2015, p. 159).

Constatada essa oposição, Ricoeur (2015) discute que a teoria da substituição, mais voltada aos fundamentos Saussurianos, remete a subordinar a semântica da palavra e da frase, e isso se refere ao monismo semiótico. Já na teoria da interação, mais voltada aos fundamentos de Benveniste – estudioso que fez essa distinção entre semiótico e semântico –, são dadas as duas concepções que fazem com que a metáfora passe por divergências em suas explicações.

Tais questões, de orientação geral, são retomadas por Ricoeur (2015) e se tornaram exclusivas e mais precisas na fase mais recente do desenvolvimento da linguística. O contexto apresentado evidencia que há uma segunda motivação, em que a semântica se define como a ciência da significação das palavras e das mudanças da significação das palavras. Esse pacto entre a semântica e a palavra é forte e muitos estudiosos sonhavam em pôr a metáfora em um quadro diferente do das mudanças de sentido aplicadas às palavras (RICOEUR, 2015, p. 160).

Além disso, é considerada como segunda motivação porque a teoria do signo absorverá, mais tarde, a teoria da palavra, e é uma motivação distinta porque na medida em que precede a definição de signo de Saussure, ela a comanda. Tal como

prevê Ricoeur (2015, p. 160) sobre os estudos de Saussure, o signo é uma palavra, enquanto a fonologia é considerada uma ciência anexa, pois suas unidades distintivas ainda não apresentam a dignidade do valor do signo. Desse modo, é no estudo do vocabulário que se tem a oportunidade de aplicar a concepção de Saussure: a da linguística sincrônica e estrutural, pela qual todos os elementos de uma língua são interdependentes e extraem sua significação do sistema inteiro considerado um todo.

É principalmente ao estudo do vocabulário que se pode aplicar a concepção Saussureana de uma linguística sincrônica e estrutural, pela qual todos os elementos de uma língua são interdependentes e extraem sua significação do sistema inteiro considerado como um todo (RICOEUR, 2015, p. 160-161).

Tais relações dos estudos de Saussure com a metáfora são feitas por Ricoeur (2015) em razão de que a teoria saussureana contribuiu essencialmente – mesmo que ignorando o sujeito falante e de modo sincrônico – para estudar as relações de significado entre os signos, sendo considerada a “ciência piloto” dentre as ciências da época no que diz respeito à linguagem.

No estudo IV, “Monismo do signo e Primado da palavra”, Ricoeur (2015, p. 161) mostra que “caso se aproxime estas duas grandes tendências – o monismo do signo e primado da palavra”, parecerá que o *Curso de Linguística Geral* (CLG) constituiu uma ruptura e uma renovação no interior de uma disciplina cujos contornos foram delineados antes dele (Ricoeur, 2015, p. 161). Assim, o monismo do signo é provindo dos estudos de Saussure e o primado da palavra é provindo dos estudos de Fontanier, contexto que é abordado por Ricoeur no estudo II do livro.

Revela-se importante, nesse sentido, retomar os primeiros caminhos no estudo II do livro para explicar o caminho de estudos que Ricoeur (2015) percorreu para mencionar e tratar do primado da palavra e o monismo do signo. No estudo II, refletindo sobre as contribuições de Fontanier (1968) que tratavam do primado da palavra, o filósofo francês mostrou as relevantes tentativas de esclarecimento da metáfora. Assim Ricoeur (2015, p. 83) possibilita a compreensão de que Fontanier (1968) popularizou a teoria das figuras em um período em que ainda era considerada a questão dos tropos, os quais consistiam em certos sentidos mais ou menos diferentes da semântica primitiva e que ofereciam, na expressão do pensamento, palavras aplicadas a novas ideias (RICOEUR, 2015, p. 83).

O tratamento dado pela teoria dos tropos, segundo aduz Ricoeur (2015), ainda mostra que o emprego figurado das palavras não apresentava nenhuma informação nova, pois se usava um termo comum no lugar de um estranho com o mesmo sentido inicialmente pretendido. Desse modo, se por um lado o tropo não traria nenhum sentido novo, por outro, não trazia nenhuma função além de decorar ou ornamentar.

No estudo II, Ricoeur (2015) aponta as características fundamentais dos estudos de Fontanier (1968) em relação ao primado da palavra, para, então, seguir com suas reflexões. Além disso, deixa claro que o primado do pensamento mostrou as ideias sobre a palavra, subvertendo-a para a posição de destaque. Isso se justifica em razão de que o pensamento é composto por ideias e a expressão do pensamento é composta por palavras. Nesse sentido, em um contexto de espelhamento de ideias, tudo é materializado através de palavras.

Nessa perspectiva, Ricoeur (2015) esclarece que, a partir dos estudos de Fontanier (1968), a teoria dos tropos e das figuras se estabelece sobre o primado da palavra, destacando os tropos e não tropos sob a noção de figuras. Para Ricoeur (2015), Fontanier(1968) trabalhou com a unidade intermediária, entre a palavra, que é a unidade mais gramatical, e o enunciado, mostrou que as figuras são os traços, as formas ou os contornos mais ou menos assinaláveis e com efeito mais ou menos feliz pelas quais o discurso, na expressão de ideias, distancia-se do que foi a expressão mais simples e comum. Assim, a figura pode se referir à palavra, à frase ou ao discurso.

Torna-se interessante retornar as concepções que Ricoeur (2015) destacou acerca dos estudos de Fontanier (1968), os quais situam dois traços relacionados à figura: primeiramente, na concepção de desvio, (quando esta distancia-se do uso comum), e, na sequência, relacionando as restrições na classificação de figuras e não figuras. Também destaca a concepção de uso livre e não forçado das figuras, e, para isso, as expressões devem ser afastadas do seu uso comum. Esse uso pressupõe a existência do ordinário, podendo ser parafraseado. Tal contexto recoloca em circulação a teoria de Aristóteles em que reverbera a noção substitutiva.

Entende-se ainda, a partir da leitura de Ricoeur (2015) sobre Fontanier (1968), a metáfora como um quadro de relações de ideias: a relação de correlação ou correspondência, a relação de conexão e a relação de semelhança. O tropo, mesmo sendo uma palavra, é visto como um acontecimento porque se realiza na relação entre

as ideias. Destaca-se três tropos: metonímia, sinédoque e metáfora, as quais se realizam linguisticamente, ou acontecem por meio de três relações (correlação, conexão ou semelhança).

A relação de conexão e a relação de correlação ou correspondência são as relações entre os objetos e nomeiam um objeto por meio de outro. Essas relações não condiziam com a metáfora porque ela não cita a questão de nomeação e sim põe em jogo todos os tipos de palavras e não apenas os nomes. “Na relação de conexão, dois objetos formam um conjunto, um todo ou físico ou metafísico, a existência ou a ideia de um encontrando-se compreendida na existência ou na ideia do outro” (RICOEUR, 2015, p. 95).

O jogo de semelhança rompe essa simetria e deixa a metáfora um pouco à parte. Em primeiro lugar, a definição não faz referência direta à mudança de designação pelo nome e não menciona senão a relação entre as ideias. Essa omissão não é fortuita, pois a metáfora, apesar de admitir espécies como os outros tropos estende-se bem mais longe que estes, pois não somente o nome, mais ainda o adjetivo, o particípio, o verbo e enfim todas as espécies de palavras são de seu domínio (RICOEUR, 2015, p. 96).

A relação de semelhança está, principalmente, relacionada às relações entre ideias na opinião. Entende-se a metáfora partir dessa relação de semelhança, pois ela pode apresentar uma ideia sob o signo de outra ideia mais evidente ou mais conhecida, logo, a metáfora opera na relação de ideias e não na denominação de uma coisa por outra.

Nessa direção, relevante destacar que Ricoeur (2015) mostra que os estudos de Fontanier (1968) residem no fato de que as suas definições relacionadas à metáfora já se centralizavam nas questões do signo linguístico e acreditava que o uso de um pensamento para explicar outro era conceitualmente metafórico.

Ainda no estudo IV, observa-se que Ricoeur (2015) segue explicando e dando destaque às contribuições do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. Ricoeur (2015) retoma a história e mostra que Saussure rompeu com algo que já havia sido delineado por tantos estudiosos, provocou uma crise metodológica no interior de disciplinas por preocupar-se essencialmente com o lexical. O quadro privilegiado dessa crise metodológica continuava a ser a palavra, mas é em benefício desta que foram instituídas as grandes dicotomias que comandam o curso: diacronia e sincronia, significante e significado e forma e substância.

Retomar o percurso trilhado por Saussure leva Ricoeur (2015) a fazer as correlações necessárias para seus estudos da metáfora. A frase não é ignorada, já que uma das dicotomias importantes a serem destacadas é a da língua e da fala que é atravessada pela frase. Diante disso, Ricoeur (2015) retoma que Saussure desconsidera a fala como ponto de análise, focando somente na linguística da língua, mantendo a atenção apenas para o nível lexical e distingue-se semântica geral e semântica lexical.

Considerando o nível do fonema, da palavra e do sintagma, o nível da palavra não é somente o intermediário entre os dois primeiros níveis. Ele tem característica de “nível dobradiça”, ou seja, é relacionado às unidades distintivas (as do nível fonemático, que pressupõem as unidades significantes do nível lexical). Desse modo Ricoeur (2015, p. 162) lembra que, em uma mudança fonemática, deve ocorrer uma mudança de sentido na palavra, mesmo se for só para querer saber se a palavra nova existe ou não, assim, a fonologia é semanticamente condicionada.

Já no sintagma destaca as unidades relacionais sobre as quais ela repousa e pressupõem unidades significantes de nível médio. Torna-se uma grande vantagem da palavra no edifício das unidades de linguagem para uma semântica de inspiração saussureana. Dessa forma, a semântica de Saussure tem em vista as palavras que estão no edifício das unidades de linguagem, de modo que o sentido se constrói nesse interior, essa análise descarta possíveis sentidos exteriores como os que envolvem o sujeito falante e suas intenções, entre outros aspectos.

Segundo Ricoeur (2015), a semântica e a lexicologia não coincidem, pois a palavra resulta de forma e sentido. Isso se refere ao sentido da palavra, que se opõe à morfonologia lexical, que, por sua vez, se refere ao processo de formação, derivação ou composição de palavras. Já a sintaxe apresenta também uma morfologia e uma semântica que são o estudo das funções que correspondem ao sentido dado às formas sintáticas.

Como exemplo, tem-se o adjetivo/substantivo, que designa uma única semântica lexical e tem sua especificidade na significação de palavras. Nessa concepção, a metáfora continua na mesma posição que Aristóteles definiu para ela, que é entre as mudanças de sentido, a *epífora* do nome, e esse propósito foi recolhido pela semântica da palavra.

Na seção “lógica e linguística da denominação”, é possível perceber as teorias da metáfora que apoiam o primado da metáfora-palavra em uma análise puramente linguística das noções de significação e de mudança de sentido. Ricoeur (2015) menciona uma obra francesa sobre a metáfora, de Hedwing Konrad (1959), que se funda na descrição da metáfora considerada modalidade da denominação.

Nas palavras de Ricoeur (2015), é relevante debruçar-se sobre essa obra francesa porque nela a linguística recebe um reforço da lógica para consolidar o primado da palavra, além disso, nela, contém a teoria da metáfora no circuito da denominação com muitas análises detalhadas. “A obra interessa-nos em razão do reforço que a linguística recebe da lógica para consolidar o primado da palavra e por conter a teoria da metáfora no circuito da denominação” (RICOEUR, 2015, p.163).

O filósofo francês explica que a teoria a ser trabalhada tem aspectos muito originais e comandará a explicação da metáfora. “É a uma teoria do conceito e da relação entre a significação linguística e o conceito lógico que o autor vincula sua concepção de palavra e de denominação metafórica” (RICOEUR, 2015, p. 164).

Inicialmente, o autor começa polemizando contra todas as teorias que colocam em lados opostos “a vaga das significações às precisões do conceito” (RICOEUR, 2015, p. 164), ou seja, se manifesta contrariamente às concepções que colocam em lados opostos as teorias que tratam da falta de significação, significação vaga e os casos que expressam um conceito (significação) preciso e limitado, isso porque essa concepção pode retirar todo fundamento da diferença entre sentido próprio e sentido figurado, sendo que essa diferença é o fator que pode causar a abstração nos casos de metáfora a serem analisados, por isso, não podem estar em lados opostos, tampouco podem ser observados separadamente.

O conceito, nos dizeres de Ricoeur (2015), pode ser definido como o valor normal da significação, e não pode ser encarado como uma generalidade que reuniria numa classe ou classificaria objetos sensíveis, mas, sim, distinguiria, delimitaria, assinalaria uma ordem a um objeto de referência, ou assinalaria uma estrutura a um objeto de referência.

A primeira função do conceito é reconhecer a natureza individual do objeto e não constituir os atributos gerais. Essa função é particularmente apropriada para fundar o uso do substantivo na linguagem, antes que lhe sejam atribuídas qualidades ou ações por meio de adjetivos ou verbos (RICOEUR, 2015, p. 164).

O conceito, segundo Ricoeur (2015), tem como primeira função reconhecer a natureza individual do objeto, por exemplo, quando se originam os substantivos, eles têm a sua natureza individual de ser um nome e assim não constituir objetos gerais com outras naturezas. Nesse exemplo dos substantivos com sua natureza e função individual de origem, eles têm possibilidades, posteriormente, de ser atribuídos adjetivos ou verbos a eles.

Visto que é importante, primeiramente, entender a estrutura e contexto, e em seguida direcionar o olhar para quantidades e tamanhos, tem-se, nesse sentido, a classificação subordinada à estrutura. Outro ponto a ser destacado é que o papel do traço dominante ou do atributo principal seja subordinado ao ato de delimitação e de encadeamento sistemático dos traços, assim o conceito é símbolo da ordem fundamental.

Ricoeur (2015) chama atenção para o fato de que é importante para a teoria da metáfora que o discernimento da estrutura em relação ao contexto de objetos preceda a enumeração das espécies e a investigação da extensão (RICOEUR, 2015, p.165). Aponta, além disso, para o fato de que os problemas de classificação são subordinados aos de estrutura. Assim, o conceito, sendo símbolo dessa ordem, liga em si os elementos de um objeto em particular.

É possível entender, com base em Ricoeur (2015), a visão abstrata conceitual que se opõe à abstração metafórica. A abstração conceitual é o esclarecimento desse complexo elo de elementos que o conceito simboliza, ela gera contrastes com a abstração metafórica porque a conceitual não é sobre esquecer, ignorar ou eliminar atributos secundários, mas uma regra para diferenciá-la, ou seja, não se ignora os significados secundários, mas se posiciona como uma regra para poder ser diferenciada como abstração conceitual. Tomamos emprestado um exemplo dado por Ricoeur (2015, p. 165), que destaca que a palavra metal pode estar contida em diversas cores.

A teoria do conceito tem grandes linhas que subentendem a da denominação e há diversas vantagens de considerar essa teoria lógico linguística da metáfora. Primeiramente, oferece o critério distintivo da mudança de sentido, “a metáfora não é o emprego normal da palavra” (RICOEUR, 2015, p. 165), e, nessa perspectiva, pergunta-se sobre a semântica lexical, em especial, sobre a polissemia; se não foi esvaziada para abordar a teoria do conceito.

Em segundo benefício, trata do problema da metáfora vinculado ao da *delimitação* dos objetos, tendo o problema da abstração como problema central da denominação metafórica. “As mudanças de sentido metafórico ganham um tratamento linguístico, isto é, aqui, lógico linguístico” (RICOEUR, 2015, p. 166), involuntárias e inconscientes. Confirma-se, nesse universo, que estas as leis da estrutura e precedam de uma tendência da própria língua.

Para Ricoeur, no que diz respeito à denominação metafórica, chamada de metáfora linguística, ela repousa sobre o funcionamento de diferentes abstrações.

[...] ela não consiste em perceber a ordem de uma estrutura, mas em esquecer, em eliminar- propriamente em fazer abstração de...- vários atributos que o termo metaforizado evoca em nós em seu emprego normal (RICOEUR, 2015, p. 166).

Como exemplo dessa questão, quando chamamos uma fila de cauda, estamos ignorando tantos outros traços conceituais e nos apropriando somente da forma longa.

A abstração é, portanto, apenas um mecanismo de base e faz com que possamos perder a referência no que diz respeito a um objeto em particular e revestir-nos de outros conceitos que estão em sentido inverso do conceito que designa um objeto individual. Isso pode ser considerado generalização metafórica. A partir dessa concepção, a generalização metafórica surge para tornar possível assemelhar um substantivo, por exemplo, a qualquer outro, e, subsequentemente, esse substantivo poderá ser aplicado a outro que possua a qualidade expressa (RICOEUR, 2015, p. 167).

Segundo o estudo de Ricoeur (2015), a generalização toma a proporção da concretização e disso resulta que o termo transposto seja aquele que parece ser o representante mais apropriado para o símbolo em questão, sendo esse representante do atributo dominante de característica variável em conteúdo e significação, dependendo da cultura e dos indivíduos envolvidos.

A metáfora, nas palavras de Ricoeur (2015, p. 168), funciona como um tipo de *classificação* e é aqui que ocorrem as semelhanças. Dessa forma, “o atributo comum, produzido pela abstração, funda a similitude entre o sentido transposto e o sentido próprio”. A partir disso, os dois membros de uma metáfora comportam-se como duas espécies reunidas pela representação de um gênero.

Já a classificação metafórica tem traços diferenciais que a situam em meio caminho de classificação fundada sobre uma estrutura conceitual e sobre traços isolados. Ela distingue-se da classificação atribuída aos primitivos pelo papel da abstração que dá um objetivo genérico.

A concepção que vincula o funcionamento da semelhança aos três outros traços de abstração, de generalização e de concretização é considerada rica, pois pode resumir-se na definição que descreve que a metáfora denomina um objeto com o auxílio do representante mais típico de um de seus atributos.

Em contrapartida, Ricoeur (2015) trata da metáfora estética, cujo objetivo é criar ilusão, principalmente, apresentar ao mundo um novo aspecto. Segundo o autor, não é somente uma relação gramatical que funciona aqui; de modo que ocorre uma segunda relação, evocada com ajuda de domínios.

Dessa forma, percebe-se a divisão de dois pontos da metáfora, a função de delimitação e uma função estética que apenas ressalta o traço do objeto para dar uma nova impressão, em grande parte, a função estética põe em jogo um trabalho de aproximações não habituais, juntando um objeto sob um ponto de vista pessoal (RICOEUR, 2015, p.169).

Em relação à abstração, é possível entender que determinadas classes de palavras como o adjetivo e verbo não podem se prestar ao mesmo esquema de abstração que o substantivo, pois a abstração equivale ao esquema de relações do adjetivo ou do verbo com o substantivo. Desse modo, pode-se evocar os casos de interação.

Ricoeur (2015, p. 170) mostra que a interação é permeada pela questão da semelhança, ou da classificação. Assim, são necessárias duas significações acopladas em uma metáfora, sendo que deve operar a semelhança entre as duas espécies reunidas. Entende-se, por final, com base nos estudos d filósofo, que a metáfora irá denominar um objeto, isso com o auxílio de um representante mais típico dos seus atributos, assim, irá denominar ou dar um novo nome – x ou y – a algo.

É no segundo sentido da palavra que se vincula o ato de denominar, e isso ocorre quando se constata que um termo metafórico indica um grupo de objetos identificado e compreendido em função dos traços característicos que lhe pertencem. Esse papel é de predicação que atestam dois fatores da família da metáfora: a comparação e a subordinação.

Na comparação, podemos identificar a alteridade, a partir da qual é possível visualizar dois objetos comparados um ao outro, não por uma simples semelhança, mas porque um parece o representante da base de comparações. Há casos em que se realiza em uma única palavra, mas, na comparação entre dois termos, nem a dualidade, nem a tensão são abolidas, como nos casos de metáfora *in absentia*, ou seja, naquela em que o termo real é admitido como metáfora.

A subordinação é posta por Ricoeur (2015) como a forma mais frequente, nesse caso, um termo não é mais substituído, mas expresso na frase e subordinado ao termo metafórico.

O autor vê somente nesse fundamento a confirmação do valor genérico resultante da abstração metafórica, fundamento comum da subordinação como espécie e da substituição completa de um termo por outro (RICOEUR, 2015, p.172).

Concluindo as reflexões sobre a lógica e a linguística da denominação, Ricoeur (2015, p. 172) reflete: a subordinação seria uma forma imperfeita de substituição? O filósofo destaca que pode ser essa uma objeção grave diante de uma teoria lógico-linguística da denominação metafórica, mas conclui com a afirmação de que a teoria esclarece o fenômeno de lexicalização da metáfora e com o poder de enriquecer nosso vocabulário aumenta a polifonia, processo que dissimula o da produção metafórica (RICOEUR, 2015, p. 172).

Ainda no estudo IV, Ricoeur (2015) trata da metáfora como mudança de sentido. Ao tratar desse tema, o estudo parte para um cenário da semântica considerado firme e, para essa investigação, toma-se por base alguns pensamentos de Stephen Ullmann (1951) e seus testemunhos como base teórica, pois as teses da semântica a partir desse autor são sustentadas por um senso empírico, além de levar em consideração a longa trajetória de estudos do autor na semântica durante o período que pode ser considerado o berço das revoluções em desenvolvimento estruturalista.

A metáfora é a figura entre as mudanças de significação na parte histórica de um tratado cujo eixo central é fornecido pela constituição sincrônica dos estados da língua. A metáfora põe em jogo a aptidão da linguística sincrônica de dar conta de fenômenos de mudança de sentido (RICOEUR, 2015, p. 173).

Conhecendo – a partir dos estudos de Ricoeur (2015), os conceitos tecidos por Ullmann (1951) sobre a metáfora, percebe-se que os estudos sobre essa figura de

linguagem se organizaram em função da linguística sincrônica por ter a possibilidade de dar conta dos fenômenos de mudança de sentido e são mostrados no texto a partir de três teses.

A primeira tese de Ulmann (1951), tal como apresenta Ricoeur (2015) , diz respeito à escolha da palavra como portadora de sentido. A segunda refere-se ao estatuto da significação, e a terceira tese, extraída da semântica do autor, apresenta e discute as características da significação (RICOEUR, 2015, p. 173, 176, 177).

A partir das quatro unidades de base da linguística – o fonema, o morfema, a palavra e a locução, que é a frase –, considera-se a palavra como mecanismo para definir o nível lexical da linguística e pode-se perceber nesse nível que a semântica se distingue da morfologia e pode ser considerada o sentido da forma.

A respeito da primeira tese, esta trata da “relação do sentido da palavra com sentido da frase” (RICOEUR, 2015, p. 174) em que mostra que há diversas definições que atestam uma separação entre palavra e frase. Inclusive para os semanticistas, o sentido das palavras não pode acontecer somente com a contribuição do contexto; um exemplo disso é que é possível compreender o sentido de palavras isoladas, comprova-se quando constatamos que é possível aprender o nome das coisas em uma determinada língua e dar a sua equivalência em outra língua, dando vidas aos dicionários (RICOEUR, 2015, p. 174,175)

Nessa direção, considera-se também a importância dos contextos, mas, para os semanticistas, as palavras possuem por si só sua marca singular e que os contextos não podem modificá-la, ou seja, o contexto pode mudar, ser o frasal, o textual, o cultural ou o situacional, mas “as palavras têm uma significação permanente pela qual designam certos referentes ou não” (RICOEUR, 2015, p. 175).

Do mesmo modo, a distinção do núcleo semântico e da função gramatical que situa a palavra em uma ou outra parte do discurso (substantivo, verbo, adjetivo etc.) não se efetua sem dificuldades, quando, por exemplo, o papel da palavra como parte do discurso é incorporado a seu núcleo semântico no interior das fronteiras da palavra lexicalizada (RICOEUR, 2015, p. 175).

Esse torna-se um desafio que pode gerar dificuldades, isso ocorre quando as palavras de algumas línguas só significam em combinação, nesse caso, seria necessário distinguir o núcleo semântico e a função gramatical da palavra em uma outra parte do discurso, sendo ele substantivo, verbo ou adjetivo.

A segunda tese de Ullmann (1951) diz respeito ao próprio estatuto da significação. Tem como base a posição saussureana, enfatizando o fenômeno de duplo sentido: significante e significado, contexto que acentua o fenômeno de denominação. Ricoeur (2015, p. 176) mostra que Ullmann “mantém-se nos limites de um fenômeno de duplo sentido: significante e significado”, mas para tratar das questões de reciprocidade de posições de locutor e ouvinte incluirá definições paralelas que tratam da reciprocidade e reversibilidade.

Nessa segunda tese, Ricoeur (2015) ainda apresenta que é possível entender o acréscimo de dois importantes complementos. Em primeiro lugar, a relação, o nome-sentido, no qual há uma relação termo a termo. Isso ocorre quando há um nome para um sentido, sendo esses casos raros dos vocabulários altamente decodificados.

Para um sentido pode haver vários nomes, como é o caso da sinonímia, e, para um nome, vários sentidos, caso da homonímia (mas os homônimos são, na realidade, palavras distintas e não sentidos múltiplos de uma mesma palavra) e, sobretudo, como se verá adiante, o da polissemia (RICOEUR, 2015, p. 176).

A mencionada raridade se justifica em razão dos casos de sinonímia, homonímia, polissemia, nos quais a sinonímia ocorre quando, para um sentido, se tem vários nomes. Já a homonímia ocorre quando temos um nome para vários sentidos, nesse caso, são palavras distintas e não sentidos duplos de uma mesma palavra.

Em segundo lugar, é necessário acrescentar, tanto em cada nome como a cada sentido, um campo associativo que faça atuar as relações de contiguidade e de semelhança, seja no plano do nome, seja no do sentido, seja nos dois planos simultaneamente, e esse acréscimo é que permitirá distinguir rapidamente quatro tipos de mudanças de significação e localizar entre elas a metáfora (RICOEUR, 2015, p. 177).

Nessa posição de segundo lugar, Ricoeur (2015) mostra, tomando por base os estudos de Ullmann, a necessidade de acrescentar campos associativos a cada nome e a cada sentido. Assim, serão infinitas as relações que se manifestarão tanto no plano do nome ou no do sentido quanto nos dois simultaneamente, e, a partir disso, dentre as mudanças de significação, podemos encontrar a metáfora.

Partindo para a terceira tese, Ricoeur (2015) mostra que na semântica de Ullmann (1951) as características da significação são acessíveis a uma linguística descritiva. Nessa tese, é apresentado o fenômeno chave na semântica da palavra: a

polissemia, essa que se define sobre a relação nome-sentido e que define vários sentidos para um nome.

No centro de todas as descrições e de todas as discussões, encontra-se o fenômeno-chave de toda a semântica da palavra: a polissemia ...A polifonia se define sobre a base anteriormente estabelecida da relação nome-sentido, e significa: para um nome, mais de um sentido (RICOEUR, 2015, p. 177).

Assim como a homonímia, a polissemia é determinada a ter um único significante para vários significados. Pode ser considerada um fenômeno central da semântica descritiva e, ao considerar teorias de mudanças de sentido, em semântica histórica, pode ser tida como essencial.

A polissemia é considerada fundamental nas línguas, pois, sem ela, teríamos um vocabulário infinito, e precisaríamos violar as regras de comunicação, pois precisaríamos designar termos para múltiplas situações devido à diversidade da experiência humana e à pluralidade dos sujeitos. “Uma língua sem a polissemia violaria o princípio de economia, pois estenderia o vocabulário ao infinito” (RICOEUR, 2015, p. 180).

Assim, a polissemia contribui para um sistema lexical econômico, flexível, sensível aos contextos. A partir das palavras polissêmicas, é possível, de acordo com o contexto, usar variantes de sentido apropriadas, escolhendo de acordo com intenções de interpretação dos locutores.

Em oposição à polifonia, tem-se a sinonímia, que implica uma identidade parcial de cruzamentos entre os campos semânticos. A sinonímia tem o perfil de fazer com que a acepção de uma palavra seja sinônimo de uma das acepções de outra palavra, desse modo, a arte de falar gira em torno de distinguir os sinônimos e aplicá-los em contextos apropriados. Sobre isso, Ricoeur (2015, p. 178) destaca: “Outro fenômeno concorre para a inteligência da polissemia, na medida que é seu inverso: a sinonímia”.

Considerada um traço descritivo nas línguas naturais, a sinonímia possibilita que sejam substituídos sinônimos em determinados contextos sem alterar a significação objetiva que se pretende, portanto, é o contrário da polissemia, pois se dá em um contexto de vários nomes para um sentido, enquanto na polissemia há vários sentidos para o nome. Nas palavras de Ricoeur (2015, p. 179), “é como o inverso da sinonímia que a polissemia se define...não vários nomes para um sentido

(sinonímia), mas vários sentidos para um nome (polissemia)". (RICOEUR, 2015, p. 179).

Nesse universo, Ricoeur (2015) trata também de destacar a diferença entre a homonímia e polifonia, de modo que "a homonímia recobre uma diferença entre duas palavras e entre seus campos semânticos completos, a polissemia se mantém no interior da mesma palavra da qual distingue várias acepções (RICOEUR, 2015, p. 179). Nesse contexto, a metáfora emerge, propriamente, da semântica descritiva, considera a sincronia dos estudos saussureanos, em que pode ser considerada uma das espécies dentre as mudanças de sentido.

É verdade que as mudanças de sentido são, enquanto tais, inovações, isto é, fenômenos de fala e frequentemente essas inovações são individuais, e mesmo intencionais: à diferença das mudanças fonemáticas, geralmente pouco conscientes, as modificações semânticas são muitas vezes obras de uma intenção criadora (RICOEUR, 2015, p. 181)

Ricoeur (2015) mostra que as mudanças de sentido surgem e ocorrem repentinamente, desse modo, podem ser consideradas fenômenos de fala, pois são criadas espontaneamente, já que são provindas de inovações individuais intencionais, e, sendo obras da fonte criadora, estão à mercê de intenções singulares de cada sujeito. A metáfora, nos dizeres de Ricoeur (2015, p. 181), "sai pronta de um ato de apercepção imediata. A difusão social poderá ser lenta, mas a própria inovação é sempre repentina".

Nesse sentido, um dos primeiros apontamentos de Ricoeur (2015, p. 182) se dá no sentido de que é próprio da natureza do sistema lexical permitir mudanças de sentido. Sobre isso, pertinente refletir que é importante que a palavra tenha várias acepções no sistema, mas que ela sempre "possa adquirir novos sentidos sem perder os sentidos anteriores sendo essa aptidão de cumulação essencial para compreensão da metáfora".

Ricoeur (2015) julga necessário aprofundar os conceitos da polissemia, a qual permite as mudanças de sentido e leva ao fenômeno de cumulação de sentido. É por meio dela que uma palavra pode ter vários sentidos e ainda adquirir novos. "A polissemia atesta o caráter aberto da textura da palavra: uma palavra é isto que tem vários sentidos e que ainda pode adquirir novos" (RICOEUR, 2015, p. 182). O fato de acrescentar campos associativos a cada sentido ou a cada nome gera a possibilidade

de deslizamentos e substituições no nível do nome ou do sentido, ou nos dois níveis simultaneamente.

Essas substituições – tanto quando ocorrem por contiguidade quando se dão por semelhança do nome – geram casos que, especialmente, definem a metonímia e a metáfora. Para explicação, a metáfora é considerada um casamento entre a psicologia associativa e a linguística estrutural. O que precedeu esse encontro, segundo Ricoeur (2015, p. 183), foi o estudo do *Curso de Linguística Geral*, especificamente com o estudo dos funcionamentos sintagmático e paradigmático.

Com base em Ricoeur (2015), pode-se entender também que há “um mecanismo psicológico que rege as inovações semânticas, e esse princípio é de associação”. Seus escritos também mostram os pensamentos de Ullmann, que ligam a teoria dos campos associativos à definição de correlação do nome sentido e refletem “que as associações psíquicas não desencadeiam a mudança, mas seu desenrolar, é com efeito, o esforço da expressão que continua ser a causa eficiente” (RICOEUR, 2015, p. 184).

Em segundo lugar, Ricoeur (2015, p. 185) considera que a psicologia da associação permite reunir uma classificação a uma explicação, “retoma-se isso mediante a distinção dos tropos em função dos diferentes tipos de relações entre os objetos e suas ideias”. Desse modo, observando diferentes tipos de relação entre objetos e ideias, a metáfora carrega características de associação e ou aproximação com o semelhante, pois geralmente compara-se dois termos, sendo esse o primado de comparação psicológico. “O primado da comparação é, com efeito, psicológico” (RICOEUR, 2015, p. 185).

Ricoeur (2015) deixa claro que tanto a metáfora quanto a metonímia extraem seu paralelismo da associação, distinguindo-se uma da outra por uma diferença psicológica no interior de um mesmo mecanismo geral, sendo a chave da metáfora “a percepção de uma semelhança entre as duas ideias”. Sobre isso, Ricoeur (2015, p. 185) ainda afirma que a metáfora é uma comparação condensada pela qual o espírito afirma uma identidade de intuitiva e concreta... a metáfora é em última análise uma comparação abreviada.

A comparação abreviada ocorre, tal como explica Ricoeur (2015), quando se pode pensar que ela se encaminha para “a via de uma descrição em termos de enunciação e predicação”. Nesse caso, podemos pensar no oposto de comparante e

comparado em que os campos associativos se aproximam em uma mesma relação, mas “em vez de comparar explicitamente duas coisas, a metáfora realiza um curto-circuito verbal, por exemplo, em vez de comparar tal órgão a um pequeno rato, diz-se minúsculo” (RICOUER 2015, p. 186).

Ricoeur (2015, p. 185, p.187) mostra que isso ocorre também no exemplo em que em vez de especificar que “as saliências de um pente são como dentes, fala-se diretamente dentes do pente”, isso faz com que se transponha o nome de um órgão humano para designar um objeto. “O duplo jogo associativo entre os sentidos e entre os nomes não dá conta, finalmente, senão de substituições chegando a novas denominações”. Isso mostra que a metáfora apresenta distâncias inesperadas e pode mostrar-se surpreendente, sendo a associação a responsável por consolidar limites, operando com os elementos, que podem ser os sentidos e as palavras.

Assim confinado no espaço da denominação, não encontra sua amplitude, como outrora entre os retóricos, se não quando se vem enumerar espécies: o fio condutor ainda é a associação: os inumeráveis empréstimos que a metáfora põem em jogo deixam-se, com efeito, referir as grandes classes que se regram sobre as associações mais típicas, isto é, as mais usuais, não somente de um sentido a um sentido, mas de um domínio de sentido, por exemplo o corpo humano, a outro domínio de sentido, por exemplo as coisas físicas (RICOUER, 2015, p. 187).

Desse modo, considera-se que a associação é uma potente explicação para a metáfora, uma vez que instaura um contexto no qual são perpassados sentidos, consolidados domínios de sentido diferentes e em que se efetivam tanto o inanimado quanto o animado, o concreto e o abstrato. Além disso, na associação, ocorrem correspondências sensoriais, o que se dá a partir das substituições de nome e das associações por sentidos, relacionando campos perceptivos diferentes. Temos como exemplo: cor quente e voz clara, que podem pertencer à família das metáforas por “uma percepção espontânea de semelhanças”, podendo estar disponíveis na mente dos locutores (RICOEUR, 2015, p. 187).

O aporte teórico de Ricoeur (2015, p. 189), intitulado por ele como “A metáfora e os postulados saussureanos”, traz também importantes considerações. Inicialmente, promove um debate sobre as questões saussureanas que acabavam limitando a linguística moderna de Roman Jakobson, em que defendia que “sem confrontar o código com as mensagens, é impossível fazer uma ideia de poder criador da linguagem” (RICOEUR, 2015, p. 189).

Essas questões entravam em choque com a dicotomia de Saussure, que fazia um corte entre a língua e a fala, já que, para a entender a metáfora, seria importante valorizar a questão da livre escolha de códigos considerando as diferentes situações de comunicação das quais o falante participa. “Como vimos, a metáfora deve ser classificada entre as mudanças de sentido. Ora, é na fala a realização concreta da língua, que se anunciam as mudanças” (RICOEUR, 2015, p. 189).

A esse respeito, da consideração da fala nos estudos da metáfora, Ricoeur (2015) reforça que a metáfora se apóia na polissemia, nos casos em que cessando de ser inovação torna-se metáfora de uso, fator que mostra o circuito entre a língua e a fala. “Esse circuito pode ser assim descrito: a polissemia inicial é igual à língua, a metáfora viva é igual à fala, a metáfora de uso é igual ao retorno da fala à língua, a polifonia posterior é igual à língua” (RICOEUR, 2015, p. 189). Isso mostra a incapacidade de análises metafóricas se limitarem à dicotomia saussureana da língua e fala, pois, tal como observa Ricoeur (2015, p. 194), “é no discurso que a polissemia, caráter puramente virtual do sentido lexical, é passada pelo crivo”.

Outro aspecto que prendeu a atenção do filósofo foi o de que é no contexto verbal e não verbal que é possível recorrer a empregos contextuais, perceber e definir as diversas acepções de uma mesma palavra, descartar equívocos polissêmicos, determinar a gênese de novos sentidos, tudo isso recorrendo ao emprego contextual. “É o contexto verbal e não verbal, que tornará possíveis os desvios, o emprego de acepções insólitas” (RICOEUR, 2015, p. 194).

Diferentes estudos linguísticos evidenciam a impossibilidade de fazer pontes entre o significado saussureano e o universo extralinguístico, e, para a melhor compreensão desse contexto, recorre-se mais uma vez ao conceito de desvio do discurso, lembrando que “é necessário fazer o desvio do discurso e passar para a denotação da palavra” (RICOEUR, 2015, p. 195). Em outras palavras, o desvio permite que se relacione a denominação que é posta em ação na metáfora com a operação predicativa no discurso.

O caráter sincrônico relacionado à polissemia também é considerado por Ricoeur (2015, p. 194), que explica que a metáfora considera a mudança de sentido e que a inovação é um ato de fala. Além disso, o autor mostra que a metáfora é composta por aspectos sistemáticos e aspectos históricos, pois, “para uma palavra ter mais de um sentido, é estritamente falando um fato de sincronia”.

No âmbito dessas questões, o autor nos faz pensar que o código, significando várias coisas, sendo polissêmico, deveria estar ao lado da sincronia, entretanto, quando pensamos na mudança de sentido, não podemos desconsiderar as mudanças que ocorreram no passado para obtermos a polissemia atual, sendo esse um fator diacrônico. Assim, “a metáfora enquanto inovação, deve ser posta entre as mudanças de sentido, logo entre os fatos diacrônicos, mas enquanto desvio aceito, ela se alinha à polissemia, no plano sincrônico” (RICOEUR, 2015, p. 190).

Nesse sentido, tal como pontua Ricoeur (2015, p. 190-191), essa questão parece ser uma encruzilhada de duas ordens de consideração, pois a palavra pode adquirir vários sentidos, manter e não perder as antigas, manifestando seu caráter cumulativo. Esse é o caráter da polissemia, diacrônico, pois tem a possibilidade de acrescentar um novo sentido às acepções precedentes da palavra, sem que desapareça as anteriores, pois tem uma estrutura aberta, elástica e fluida, uma alusão ao fenômeno da mudança de sentido. Assim, ao falar da metáfora e relacionar com os postulados saussureanos, Ricoeur (2015, p. 188) mostra a importância dos estudos de Saussure, mas deixa clara a impossibilidade de limitar os estudos da metáfora às suas dicotomias, uma vez que essas revelam algumas contradições que, segundo o autor, podem reduzir e mediatizar. Nesse sentido o filósofo francês finaliza o estudo IV com o texto “O jogo de sentido: entre a frase a palavra”, no qual menciona os princípios de base da linguística saussureana e as decisões metodológicas que presidem a teoria. Com isso, abre possibilidades para lançar uma ponte entre a semântica da frase e da palavra, ou seja, a teoria da metáfora substituição e da metáfora interação.

O autor destaca três índices que demonstram na semântica inclinações para a análise da palavra e que culminam com os pensamentos expostos por Ricoeur (2015) de Ulmann (1951) anteriormente e que denota uma ligação entre a semântica e a semântica da frase.

O primeiro índice trata do sistema lexical dos aspectos não sistemáticos. Inicialmente, trata-se de uma comparação quantitativa entre o código fonológico e o código lexical, e constata-se que há 45 mil palavras pertencentes à língua portuguesa contra 44/45 fonemas, isso porque a memória humana tem capacidade de acrescentar novas entidades sem a necessidade de alterar o código fonológico. Sabe-se que há muito mais palavras conhecidas pelos usuários da língua no sistema, no código

lexical, pois o vocabulário é considerado um agregado flexível, com um número amplo de unidades comparando a outros sistemas (RICOEUR, 2015, p.196).

Ricoeur (2015) discorre que o vocabulário da língua é considerado uma estrutura instável porque as palavras individuais podem adquirir e perder significações com a mais extrema facilidade, pois destaca-se os casos de “caráter vago da palavra, a indecisão das suas fronteiras, o jogo combinado da polissemia que dissemina o sentido da palavra e da sinonímia que discrimina a polissemia”. Todos esses são traços que fazem com que a significação seja, de todos os elementos linguísticos, aquela que ofereça menos resistência à mudança (RICOEUR, 2015, p. 197).

Prossegue Ricoeur (2015) avaliando que a linguagem pode não ser considerada nem sistemática nem completamente não sistemática, pois predomina a capacidade de mudança em que o plano da semântica da palavra está sempre à mercê de forças sociais. Por isso, a lexicologia não consegue ter uma base de autonomia total, já que aparecem objetos naturais culturais no campo da denominação. São exemplos de motivos pelos quais a lexicologia é impedida de ter autonomia total:

Os depósitos de crenças nas palavras testemunho, a projeção de ideias sociais nas palavras emblemáticas, o reforço ou a diluição de tabus linguísticos, dominações políticas e culturais de grupos linguísticos de classes sociais ou de meios culturais em grupos linguísticos e a aparição de novos objetos naturais ou culturais no campo da denominação (RICOEUR, 2015, p. 197).

O segundo índice dado por Ricoeur (2015, p. 198) que demonstra na semântica inclinações para a análise da palavra refere-se justamente à abertura da semântica da palavra na direção da semântica da frase, mas esse índice é fornecido pelos caracteres contextuais da palavra.

O funcionamento predicativo da linguagem é, de alguma maneira, impresso na palavra, de vários modos. Sobre isso, Ricoeur (2015, p. 198) explica o que é fornecido pelos caracteres propriamente contextuais da palavra e reflete que o que é importante é que a palavra seja considerada tendo em vista a enunciação. “Não se pode fazer a delimitação da palavra sem a referência à sua eventual ocorrência como enunciação completa” (RICOEUR, 2015, p. 198).

Em numerosas línguas, as palavras já pertencem a algumas classes previamente determinadas, tal qual o dicionário registra. Segundo Ricoeur (2015), o núcleo semântico e a classe definem conjuntamente a palavra que já é

gramaticalmente determinada, contudo, é preciso considerar a palavra referindo-se à sua função no discurso, de modo que se considera a significação de uma palavra diante do seu uso na linguagem.

Assim, a linguagem é comparada a uma caixa de ferramentas, em que se pode escolher as peças com base na função desejada, ou seja, empregar uma palavra com determinado significado. A palavra pode ser reenviada múltiplas vezes ao discurso, ela continua tendo autonomia semântica, é independente, e isso comprova-se pela possibilidade de produzir dicionários, pois pode-se dizer como se chama algo e procurar um equivalente, o seu nome, em uma língua estrangeira, há uma recíproca entre o nome e o sentido, uma vez que “a significação de uma palavra, é o seu uso na linguagem” (RICOEUR, 2015, p.199).

Pela leitura desse segundo índice proposto por Ricoeur (2015), compreende-se que o contexto é considerado ante as diversas acepções da palavra, que são as classes contextuais provindas dos próprios contextos em que ela será empregada. Desse modo, a palavra com seus vários sentidos pode ser identificada, tendo o semanticista que dar lugar à definição contextual da significação, ao lado da definição, para investigar o significado da palavra na língua e no discurso. “É com valores contextuais típicos que os múltiplos sentidos de uma palavra podem ser identificados” (RICOEUR, 2015, p. 200).

O terceiro índice proposto por Ricoeur (2015) refere-se à dependência da significação da palavra à significação da frase. A primeira não é analisada isoladamente e tem seu funcionamento efetivo no discurso. Isoladamente, ela pode ser considerada com uma significação potencial, com seus sentidos parciais, mas sua definição e sentido podem variar e serem definidos pelos tipos de contexto que podem figurar.

Ricoeur (2015) mostra-nos que se pensarmos no discurso como um jogo recíproco entre a palavra e a frase a palavra preserva o capital semântico constituído por valores contextuais sedimentados em sua área semântica, e traz para a frase um potencial de sentido que não é uniforme, mas tem uma identidade. É uma identidade plural, uma textura aberta em que é possível identificá-la para que possa ser reidentificada em outros contextos.

Torna-se possível representar o discurso como um jogo entre a palavra e a frase porque há uma diversidade semântica, e a palavra continua a ser heterogênea limitada, regrada e hierarquizada.

Eis porque no jogo da palavra e da frase a iniciativa do sentido, digamos assim, passa novamente para o lado da frase. A passagem do sentido potencial ao sentido atual de uma palavra requer a mediação de uma nova frase, do mesmo modo que o sentido potencial é extraído da sedimentação e institucionalização dos valores contextuais anteriores (RICOEUR, 2015, p. 202).

Podemos entender essa questão com base no caráter vago das palavras que Ricoeur (2015) citou através de estudos de Ullmann(1951) e também dos fenômenos de polissemia, pois se entende que é do contexto que a palavra recebe a determinação que reduz a sua imprecisão e é função do contexto passar o crivo da polissemia por conspiração ou cooptação das palavras umas pelas outras.

Na compreensão de Ricoeur (2015), há uma seleção mútua de acepções e sentidos semanticamente compatíveis e operada mais de uma vez silenciosamente em um dado contexto. As outras acepções são tidas como inadequadas e seu espírito nem aparece, não tendo pudor de suprimir os outros sentidos da palavra, pois esses sentidos não existem para nós, não ultrapassam a nossa consciência.

A ação do contexto envolve a frase, o discurso, a obra, e a situação de discurso envolve reduções da polissemia, a qual é a chave deste estudo. Diante dessas concepções, pode-se compreender o que se passa em um enunciado metafórico, considerando que a metáfora pode incrementar a polissemia, e, nesse sentido, o funcionamento do discurso no qual a metáfora se instaura ocorre ao inverso.

Para fazer sentido, é necessário eliminar os potenciais semânticos das palavras, considerando uma gama de várias opções, exceto uma, que é compatível com sentido. No caso da metáfora, é necessário considerar todas as acepções admitidas, mas priorizar uma, aquela que salvará o sentido do enunciado inteiro. Essa teoria da metáfora deu ênfase à operação predicativa (RICOEUR, 2015, p. 204)

Agora, percebe-se que ela não é incompatível com a teoria da metáfora-palavra, pois é por uma epífora da palavra que o enunciado metafórico obtém seu enunciado de sentido. A metáfora, a palavra e a teoria da metáfora enunciado estão na mesma relação. Sobre isso, sabe-se, a partir da compreensão do olhar de Ricoeur (2015) sobre os estudos de Ullmann (1951), que a definição analítica e a definição

contextual da palavra são compatíveis entre si, na medida em que o ponto de vista da língua e o do discurso invocam-se mutuamente e se completam.

Desse modo, a teoria da metáfora-enunciado e da metáfora-palavra são compatíveis entre si, pois a definição analítica e a definição contextual são próximas e têm relações que se estabelecem porque a língua e o discurso invocam-se mutuamente e se completam. Ricoeur (2015) explica que a teoria da metáfora-enunciado e reenvia à metáfora-palavra por um traço essencial que se pode denominar de focalização sobre a palavra. Há, nesse contexto, o foco e o quadro, o primeiro é uma palavra e o segundo é uma frase, e é sobre o foco que a gama de lugares comuns associados é aplicada ao modo de um filtro ou de uma cortina. Esse efeito de focalização sobre a palavra gera tensão e, a partir da interação, se polariza sobre um veículo e um teor.

Assim, é no enunciado que esses elementos se referem a um outro, mas é a palavra que assume cada uma das funções, e, assim, de diversas maneiras, a metáfora-enunciado se condensa ou se cristaliza em um efeito de sentido que tem por foco a palavra. As mudanças de sentido de que a semântica da palavra procura dar conta exigem medição de uma iniciação completa, e, nessa direção, Ricoeur (2015, p. 205) recorre aos estudos de Ulmann (1951) para mostrar que, para a metáfora, “o jogo de semelhança é mantido no plano dos elementos, sem que se possa esclarecer a ideia de que essa semelhança resulta da aplicação de um predicado insólito, impertinente e que cede a resistir”.

Compreende-se, com base no percurso investigativo trilhado na construção desta dissertação, que, para Ricoeur (2015), a metáfora opera sobre dois registros: o da predicação e da denominação, de modo que as palavras só mudam de sentido porque no discurso deve haver uma inconsistência no nível propriamente predicativo, o qual se efetiva no nível de palavra como uma inovação semântica.

Por fim, a metáfora tem por base dois tipos de associações que produzem uma equivalência metafórica e põe em jogo operações predicativas. Há um mecanismo de troca entre a palavra e a frase que se viu nos casos de polissemia de modo que esse mecanismo de troca pode ser formulado em termos de enunciados e em termos de palavra. A metáfora enunciado tem como foco uma palavra em mutação de sentido e a mudança de sentido da palavra tem como quadro uma enunciação completa em tensão de sentido.

2.3 Tipos de metáfora: uma reflexão teórica na perspectiva de Tony Berber Sardinha

Tony Berber Sardinha, professor doutor e pesquisador, em seu livro “Metáfora”, objetiva abordar estudos da metáfora e tornar acessível conceitos e estudos estrangeiros de difícil acesso para interessados no tema em questão. Através de uma linguagem prática e de fácil entendimento, apresenta as quatro linhas de estudo da metáfora e discute cada uma delas: desde a tradicional, a conceptual, a sistemática e a gramatical.

Sardinha (2007) inicia sua exposição informando ao leitor a especificidade do conteúdo do capítulo intitulado “Teorias da metáfora”, expõe a delimitação do recorte feito a respeito das tendências escolhidas, visto que seria impossível abordar e sistematizar todas as teorias existentes. Com essa delimitação, ao leitor cabe a tarefa de acompanhar os principais pontos explorados pelo autor e perceber os contrastes relevantes apontados entre os principais pontos de cada visão.

2.3.1 A metáfora e a visão tradicional

Partindo da visão Tradicional, Sardinha (2007) traz a contribuição das grandes vertentes tradicionais no estudo da metáfora como figura de linguagem. Arraijada a uma visão quase que generalizada, a metáfora, de modo geral, era definida, na época, como artifício para embelezar a linguagem, acessória e fonte de ornamentos e alegorias à língua.

A partir dos estudos de Sardinha (2007) entende-se que, na época de Aristóteles, já se fazia uso de linguagens metafóricas. Dessa forma, foi possível perceber a historicidade dessa figura de linguagem, que já preexistia em termos de uso no ocidente desde o século IV a.C. Sua característica principal, segundo Aristóteles, transcendia na prerrogativa do uso de um nome de uma coisa para designar outra (SARDINHA, 2007, p. 20).

Diante da comunicação, Sardinha (2007) mostra que a comparação direta é considerada por Aristóteles como uma metáfora, assim como apresenta quatro tipos de metáforas: do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para espécie e de analogia, toma-se como exemplo as frases: “Aquiles se atirou como um

leão” e “O leão atirou-se”, sendo Aquiles considerado o leão, que, quando analisadas, denotam metáforas, já que se observa em ambas a propriedade de coragem sendo transferida para Aquiles.

Para Sardinha (2007) Aristóteles foi uma das grandes contribuições teóricas para que a metáfora ultrapassasse a ideia de que seria apenas uma mera representação de um artifício vazio. Em contrapartida, ela mobilizava um papel cognitivo importante na comunicação, segundo Aristóteles, pois exigia, ao expressar uma ideia nova, um trabalho mental específico ao ter de encontrar um ponto em comum entre as entidades presentes na metáfora, além de necessitar de responsabilidade no uso e no emprego. “Como se percebe, a origem dos nomes das figuras é o grego. Metáfora vem do grego ‘metapheren’ que significa ‘transferência’ ou ‘transporte’. Etimologicamente é formada por ‘meta’ que quer dizer ‘mudança’ e por ‘pheren’ que significa ‘carregar’” (SARDINHA, 2007, p. 22).

Com o passar do tempo, a metáfora foi sendo desmembrada e deu origem a muitas outras figuras de linguagem, perdendo a característica de protótipo considerada por Aristóteles. Hoje, todas são consideradas importantes para estudo e cada qual é valorizada, sendo que a maioria constitui um recurso de estilo utilizado na expressão de grupos culturalmente privilegiados, seja na expressão poética, na arte de argumentar, de convencer e na comunicação em geral.

Dentre as segmentações e classificações provindas da metáfora, a metáfora e a metonímia consistem em duas grandes figuras de linguagem que se mantêm unidas pela semelhança e característica. Torna-se interessante fazer uma breve distinção entre a metáfora e a metonímia, a fim discernir em análises a presença de uma figura e outra.

O primeiro critério relacionado por Sardinha (2007) é de que a distinção entre metáfora e metonímia diz respeito à relação de similaridade e contiguidade. Ocorrem na metáfora similaridades em entidades distantes, como no exemplo entre um ser humano e o cosmos, expresso na frase “Julieta é o sol”. Enquanto a metonímia se realiza por uma relação de contiguidade, como no exemplo “Li Machado de Assis”, em que a relação já existe entre o escritor e suas obras. (SARDINHA, 2007, p.23).

O segundo critério mostra que, na prática, a metáfora é a comparação entre dois domínios diferentes. Na frase “Ele leu meus pensamentos”, é possível analisar que se trata do domínio da mente e de um texto. No sentido literal, lemos textos

escritos e, na frase, podemos ler os pensamentos. Dessa forma, a metáfora é de que o “pensamento é um texto”. Diferentemente da relação metonímica, na frase já mencionada no exemplo anterior “Li Machado de Assis”, há uma relação do autor pela obra. Já o terceiro critério apresenta um teste simples para definir as metáforas, reescrever a frase e usar os termos “ ser como” na expressão a ser analisada. Se fizer sentido, está diante de uma metáfora; logo, a frase reescrita “Meus pensamentos são como um texto” mostra a presença da metáfora. (SARDINHA, 2007, p.24)

Uma das quatro últimas considerações a respeito dos critérios para identificar as metáforas e metonímias diz respeito à possibilidade de haver uma interação entre metáfora e metonímia. Em uma só frase, podemos identificar as duas figuras convivendo harmoniosamente, como no exemplo “O Brasil vai crescer muito”, tendo como metonímia a relação do todo pela parte, ou seja, Brasil (o todo), significando a economia do Brasil (a parte) e a presença da metáfora “crescer muito”, em que é referida a economia de um país com um organismo, ou o setor empresarial de um país como um organismo, ou ainda podemos entender o país como um organismo. Todas essas são consideradas interpretações metafóricas, sejam elas mais precisas, abstratas, sejam elas mais genéricas. (SARDINHA, 2007, p.25)

Sardinha (2007) nos mostra que a partir da década de 90, o modelo lógico positivista colocou em evidência algumas possíveis contradições semânticas nos modelos e interpretações já existentes a respeito da metáfora. John Searle (1993) foi contrastado pelo campo da psicologia à medida que pretendia afirmar que o ouvinte primeiramente define o sentido literal e, na possibilidade de falha dessa, busca o sentido metafórico. (SARDINHA, 2007, p.26)

Sardinha (2007) através de seus estudos destaca vários estudiosos que se dedicando às teorias da metáfora e foram definindo vários termos e concepções até hoje usadas para descrever a metáfora. Destacou I. A. Richard (1936) em que descrevia a metáfora a partir de vários termos como tópico, veículo, base, tensão e Max Black (1955) com o desenvolvimento de três visões teóricas: teorias da substituição, da comparação e da interação.

É interessante destacar que a teoria da substituição segue os princípios de Aristóteles. O termo metafórico substitui o termo literal por outro figurado. Esse uso ocorre geralmente pela necessidade de criar novos termos, de ornamentar a fala e a escrita. Por exemplo, em “O homem é um lobo”, o termo metafórico “lobo” seria a

substituição do termo literal “feroz”. Para Sardinha, nesse caso, seria necessário “escolher entre as prioridades do homem que tenha alguma semelhança com a do lobo” (SARDINHA, 2007 p. 29).

Segundo Sardinha (2007) na teoria comparação, a metáfora ocorre à medida que se buscam similaridades entre os termos comparados. Tomando como exemplo a frase “O Homem é um lobo”, é possível depreender que o homem e o lobo são parecidos em alguns aspectos.

Já a teoria da interação citada por Sardinha (2007) de Max Black (1955) determina a necessidade de, através de um processo de interação, estabelecermos relações e propriedades de um termo a outro, criar, através de um exercício mental a interpretação a partir de um sentido novo atribuído. No exemplo “O homem é um lobo” temos a criação de um sentido novo a partir da relação e interação entre a palavra “lobo” e a palavra “homem” em que “lobo” pode vir a ser representado por uma pessoa má por exemplo.

O estudo das teorias tradicionais, expostas por Sardinha (2007), são relevantes para que possamos entender os primórdios dos estudos da metáfora para, em seguida, seguir a história e partir para entender o conceito e a contribuição das teorias subsequentes que tratam da metáfora.

2.3.2 Metáfora e a visão conceptual

A partir da leitura de Sardinha (2007) entendemos na visão da metáfora conceptual que dois grandes pensadores em meados da década de 70, George Lakoff e Mark L. Johnson (2002), contribuíram de forma ímpar nos estudos da metáfora conceptual. Difundiram através do livro “As metáforas que nos guiam” a ideia de que não temos escolhas a respeito do uso das metáforas, elas estão disponíveis para a nossa interação social, fazemos uso para entendermos e sermos entendidos e assim fazemos parte da sociedade.

Vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolha: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo... precisamos obedecer as metáforas que nossa cultura nos coloca a nossa disposição. (SARDINHA, 2007, p. 30)

Sardinha (2007), em seus estudos detalha os conceitos principais da teoria formulada por esses dois autores, são eles: metáfora conceptual, expressão

metafórica, domínio, mapeamentos e desdobramentos. Sardinha (2007) expõem que o primeiro conceito que se refere à metáfora conceptual constitui uma maneira de conceitualizar um domínio de experiência de um conceito a outro, isto é, normalmente, de um modo inconsciente, conseguimos de uma maneira convencional conceitualizar algo.

Por exemplo, Sardinha (2007) mostra que na frase: “O amor é uma viagem”, podemos conceitualizar o sentimento de amor como uma viagem dando vida a esse conceito metafórico. A metáfora, dessa forma, fornece um conceito de amor.

Expressão metafórica, segundo conceito, pode ser entendida como manifestação linguística provinda da metáfora conceptual. No exemplo: “nosso casamento está indo muito bem”, a expressão advém da metáfora conceptual “O amor é uma viagem”.

O domínio, terceiro conceito exposto por Sardinha (2007), diz respeito à área do conhecimento ou à experiência humana e subdivide-se em dois tipos: domínio fonte e domínio alvo. O domínio fonte, geralmente, é algo concreto que provém da experiência. Entendemos através de Sardinha (2007) que o domínio fonte é algo que podemos conceitualizar metaforicamente, geralmente algo concreto e pode servir a vários domínios alvos, no exemplo anterior “o amor é uma viagem ” podemos considerar metáfora a palavra viagem. Já o domínio alvo é comumente abstrato, nesse caso representado pela palavra amor. – o amor é conceitualizado como uma viagem.

Quanto aos mapeamentos estudados por Sardinha (2007), estes são as relações feitas entre os domínios. Ainda no exemplo “O amor é uma viagem”, teríamos como possíveis mapeamentos: os viajantes como o marido e a mulher, o mapa de viagem como os planos futuros da vida a dois, o destino da viagem seria a relação feliz a dois, o deslocamento tranquilo da viagem, uma relação sem problemas; se houvesse um deslocamento contínuo e previsível na viagem, poderia se referir a uma relação com problemas devido à monotonia e o pegar carona na viagem poderia se referir a ter um caso fora do relacionamento. (SARDINHA, 2007, p. 31)

Já os desdobramentos dizem respeito às inferências que podemos fazer a partir da metáfora conceptual. Ainda na frase “ O amor é uma viagem”, é possível fazer relações referentes às características da viagem: se longa e repetitiva, poderia denotar um casal em um relacionamento há muito tempo, monótono; se longa e

cansativa, poderia denotar um casal já cansado de tantos anos de convivência. (SARDINHA, 2007, p. 32)

Após apresentar a importância dos pontos tratados anteriormente para a fundamentação da teoria da metáfora conceptual, Sardinha (2007) destaca outros pontos também importantes: “A teoria da metáfora conceptual, propõem que não há verdade absolutas, pois as metáforas são culturais, resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações ou ideologias”. Primeiramente, ele detalha e parte da premissa de que as metáforas, na visão conceptual, são de natureza cultural, surgem diretamente no convívio de comunidades, não influenciando falantes de outras culturas e que ela serve como fator estruturante do pensamento de cada comunidade.

Tomamos como exemplo o citado por Sardinha (2007) que se refere a uma expressão popular das civilizações ocidentais: “tempo é dinheiro”. O fato de ocidentais que, mergulhados em uma cultura capitalista, relacionam os sentidos de tempo com dinheiro não faz com que outras pessoas, de outras culturas se influenciem por esses pensamentos, passando a mudar hábitos ou usar essa expressão com esse mesmo sentido. “as metáforas conceptuais são culturais, elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em uma determinada cultura” (Sardinha , 2007, p. 33)

Sardinha (2007) explica que não há possibilidade de criar e inventar expressões metafóricas, o uso e criação metafórica não parte da vontade própria dos indivíduos, visto que sua existência reflete o modo de viver e a visão de mundo compartilhados em sociedade.

A metáfora é uma representação mental. Ela é cognitiva (existe na mente e atua no pensamento). Sendo assim é abstrata. Porém, embora abstrata, sabemos que ela existe, pois toma forma na fala e na escrita por meio das expressões metafóricas. (SARDINHA, 2007, p. 32)

Sardinha (2007) deixa claro que diante da teoria da metáfora conceptual a metáfora é uma representação mental, que faz parte do cognitivo e atua no pensamento. Ela motiva as chamadas expressões metafóricas, termo designado pelo para nomear as metáforas produzidas de forma escrita ou dita. “Raramente há metáforas conceptuais que sejam também expressões metafóricas” (SARDINHA, 2007, p. 32) desse modo, Sardinha (2007) discrimina a metáfora como “ sinônimo de

metáfora conceptual” e expressão metafórica para se referir apenas às que são produzidas na escrita ou ditas. (SARDINHA, 2007, p. 32)

Tendo como possibilidades e origem de metáforas conceptuais através das relações pessoais, destacamos o corpo humano como base para a origem de muitas metáforas, já que de sua relação com o meio resultam diversas conceitualizações como a afeição com o calor corporal ou a frieza com a falta de emoção, dentre outras possibilidades conceituais. “Em geral, as metáforas conceptuais são, em maior ou menor grau, corporificadas, ou seja, possuem uma base no corpo humano” (SARDINHA, 2007, p. 34)

Para Sardinha (2007) as expressões metafóricas são motivadas pelas metáforas conceptuais, isso garante o sentido desejado a ser emitido pelas expressões. O autor expõe que o licenciamento selado pelas metáforas conceptuais garante a expressão dos sentidos singulares desejados, o que impede que uma expressão seja compreendida apenas de modo literal quando forjada à invenção.

Entretanto, o autor cita um exemplo controverso, como a frase: “ele está subindo na árvore”. Esse exemplo mostra que por essa expressão não estar licenciada como metáfora conceptual, ao usá-la, não teria sentido de “bom é pra cima” por exemplo, logo, permanece apenas com o sentido de alguém estar literalmente subindo em uma árvore. “sem esse licenciamento, ou motivação, as expressões metafóricas não teriam sentido imediato aparente” (SARDINHA, 2007, p. 33)

Em se tratando da metáfora enquanto uma representação mental cognitiva, Sardinha(2007) destaca que em relação à metáfora há um processo mental que ocorre automaticamente sem precisarmos acionar ou fazer qualquer esforço. Entendemos as expressões metafóricas porque elas são imediatamente acionadas pelas metáforas conceptuais correspondentes em nossa mente.

Sendo um processo inconsciente, não nos damos conta de que fazemos uso da metáfora, ideia que contrasta com a visão tradicional em que a metáfora teria finalidade de embelezar apenas a comunicação, já que, muitas vezes, pode até ser confundida com expressões corriqueiras do senso comum. (SARDINHA, 2007, p. 33)

Destacamos os principais tipos de metáfora conceptual: estruturais, que resultam de mapeamentos complexos; orientacionais, que envolvem direções e que são gerais; ontológicas, que concretizam algo abstrato sem estabelecer os mapeamentos; personificação, em que a entidade é uma pessoa; primárias, que são

as básicas, presentes em muitas culturas e motivadas por aspectos físicos do corpo humano.

A teoria das metáforas conceptuais são usadas por diversos pesquisadores e estudantes em suas análises de textos que tem por objetivo entender o sentido e o papel da metáfora. Um dos motivos de sua importante contribuição em pesquisas é dada por ser uma concepção contemporânea, sendo fundada e abordada por estudiosos importantes como George Lakoff e Mark L. Johnson e por, principalmente, tratar de metáfora como fenômeno cognitivo, ou seja, seu entendimento envolve entender os processos mentais dos falantes e usuários da língua.

2.3.3 Metáfora e a visão sistemática

Sardinha (2007) apresenta, ainda no capítulo de Teorias da metáfora de sua obra "Metáfora", os estudos da metáfora sistemática, identifica que ela refere-se a uma abordagem discursiva ou, seja, a uma metáfora em uso. Teve início em 2000 com a pesquisadora Lynne Cameron⁶ e mostra que ainda não se trata de uma teoria, pois apenas abrange algumas abordagens.

O autor (2007) contempla os principais conceitos dessa abordagem nesse capítulo, destaca a metáfora sistemática, metáfora linguística, metáfora processual e o metaforema. Sobre a concepção de metáfora linguística define como "uma unidade de sentido usada metaforicamente" (SARDINHA, 2007, p. 40), a metáfora processual como "palavra expressão ou frase que sabemos ter sido entendida metaforicamente por alguém" e metaforema como "conjunto de regularidades de forma, conteúdo, afeto, pragmática, em torno de uma palavra ou colocação, que subjaz a uma metáfora linguística" (SARDINHA, 2007, p. 41).

O autor mostra que as principais discussões da metáfora sistemática surgem em decorrência da necessidade de problematizar algumas questões traçadas pela

⁶ A Professora Lynne Cameron é professora de Linguística Aplicada na Open University e ESRC Global Uncertainties Research Fellow e trabalha com diversas pesquisas que envolvem a metáfora. Seu projeto mais recente é 'Viver com Incerteza: Metáfora e a dinâmica da empatia', que está construindo um novo modelo de empatia no diálogo e na interação, usando resultados de estudos empíricos no Reino Unido, EUA e Brasil.

teoria da metáfora conceptual, já que estabelece e instaura contrapartidas contrastando pontos da teoria conceptual que, por sua relevância e especialidade, merecem a nossa atenção.

Sardinha (2007) destaca que a metáfora e a visão sistemática é praticamente conhecida por sua abordagem discursiva ou metáfora em uso, ela pode ser considerada uma mescla de aportes teóricos trabalhados por outros autores, pois recebe influências de outros autores, como também uma linha metodológica própria, que estabelece procedimentos específicos para a pesquisa com a metáfora.

Iniciando suas reflexões a partir da visão sistemática, Sardinha (2007) explica que é possível distinguir a primeira oposição firmada pela visão da metáfora sistemática em relação à teoria da metáfora conceptual. Ao ser destacada a metáfora sistemática como de “uso verbal e concreto”, descarta a observação nas questões relacionadas às metáforas conceptuais, “que são mentais e abstratas”, e concentra-se nas expressões metafóricas. (SARDINHA, 2007, p.44)

Sardinha (2007) mostra que para Cameron (2005) a metáfora sistemática é “um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seu sentido e seu afeto) de um domínio de Veículo, que são usados para falar sobre um conjunto conexo de ideias e Tópicos durante um evento discursivo” (SARDINHA, 2007, p.38) ou seja, os indivíduos precisam estar em um determinado contexto para fazerem uso das metáforas sistemáticas, já que é uma formulação abstrata. Sobre a metáfora sistemática, Sardinha mostra que:

Uso tem precedência sobre o pensamento. Inferências sobre o pensamento devem ser cidadosas. Há ainda muitas questões abertas sobre o uso de metáforas, por isso, é muito problemático fazer asserções sobre o pensamento a partir de metáforas na linguagem. (SARDINHA, 2007, p. 44)

Com o foco nas expressões metafóricas, Sardinha (2007) mostra que é possível depreender que o uso terá precedência sobre o pensamento. Assim, as inferências sobre o pensamento devem ser cautelosamente observadas, pois fazer asserções sobre o pensamento a partir das metáforas na linguagem pode ser considerada uma caminhada perigosa. (SARDINHA, 2007, p. 44). Diferentemente da metáfora conceptual em que o pensamento tem precedência sobre o uso, “a linguagem é secundária, pois é manifestação do pensamentos” e na concepção conceptual “ pensamos metaforicamente, por isso, falamos metaforicamente”.

Visto que a metáfora conceptual deixou algumas questões generalizadas e pouco detalhadas, a sistemática trabalha com critérios previamente definidos para identificação de metáfora na linguagem. Isso se comprova à medida que só é possível fazer alegações de que os usuários da língua acessam metáforas se houver ocorrência sistemática de metáforas linguísticas em determinados contextos. Seu foco é no uso coletivo, trabalha com o concreto e seu mapeamento é construído de acordo com contextos específicos. (SARDINHA, 2007, p. 44).

O autor também destaca que é possível perceber “as tendências particularizantes nas metáforas sistemáticas, que são formuladas de modo particular de acordo com as evidências de uso (dependendo dos participantes e dos usos metafóricos feitos por eles” um exemplo está na frase “O amor é uma viagem” em que poderíamos especificar quais são os tipos de viagens e detalhar os tipos de amores existentes, por exemplo, o amor entre o marido e a mulher ser uma viagem sem volta. (SARDINHA 2007, p. 44)

A abordagem sistemática, segundo Sardinha (2007) interessa-se pelo âmbito local na tentativa de entendimento do comportamento de grupos ou indivíduos específicos pessoas ou comunidades em contextos determinados ou de tipos de discursos específicos para que, através do empírico, analisem palavras, frases ou expressões empregadas pelos indivíduos.

Outro destaque apresentado por Sardinha (2007) a respeito da metáfora sistemática é sobre os mapeamentos das metáforas na abordagem sistemática: são emergentes, não previsíveis, construídos em contextos específicos, podendo o analista contar com programas de computadores para a pesquisa, já que trabalha com corpora aleatórios, sendo, por vezes, grandes ou pequenos, gerando grandes desafios no que diz respeito aos procedimentos metodológicos adotados.

Os estudos da metáfora sistemática contribuem para este trabalho na medida que pontua a metáfora enquanto manifestação na linguagem real, traz algumas considerações sem preconizar o uso da mente, o que também contribui para fazermos apontamentos nos corpus deste trabalho visto que ele objetiva a análise de sentido da metáfora na linguagem em uso.

2.3.4 Metáfora e a visão gramatical

Sardinha (2007) situa a metáfora gramatical em relação às outras metáforas já estudadas a fim de perceber que ela se comporta diferentemente das outras, já que pertence a uma teoria maior de língua. Especificamente, a metáfora gramatical pertence ao campo da linguística sistêmico-funcional; em se tratando de uma teoria abrangente e complexa sobre a linguagem, torna-se necessário fazer uso de recortes na tentativa de compreender as ligações entre a metáfora e os aspectos da linguagem em situações de comunicação.

Conforme, Sardinha (2007) a metáfora gramatical diz respeito ao uso de um recurso gramatical quando se deseja exprimir a função de outro recurso gramatical, por exemplo, quando um substantivo ocupa a posição de um verbo, sendo essa passagem chamada de nominalização. Tomamos como exemplo o termo “ sua mudança em vez de ele mudou” (SARDINHA, 2007, p. 45). “Esse é um processo metafórico, pois substantivo mudança não seria literalmente um substantivo, mas, por, assim dizer uma metáfora do verbo mudar ” (SARDINHA, 2007, p. 46).

Segundo, Sardinha (2007) para entendermos a metáfora gramatical é preciso entender a teoria da linguística sistêmico funcional.

Segundo essa teoria, a linguagem é formada por muitos sistemas , cada um representando um tipo de escolha (geralmente inconsciente) de sentido feito pelos falantes (daí o nome sistêmico); além disso, essas escolhas servem para os falantes realizarem coisas com a língua (daí o nome funcional). Sendo assim é uma teoria que tenta explicar o funcionamento da linguagem por meio da descrição de como as pessoas falam e escrevem e quais escolhas fazem nesse processo. (SARDINHA, 2007, p. 52)

Sardinha (2007) enfatiza que como o próprio nome evidencia, a importância dessa teoria se concretiza na ideia de que a linguagem é formada por muitos sistemas, por isso denomina-se sistêmica. Outro fator importante a considerar é que se entende que o falante tem possibilidade de escolhas de sentidos, geralmente escolhas inconscientes, e essas escolhas têm a função de manifestar-se na língua, por isso designa-se como uma linguística funcional.

Essa teoria abrange a tentativa de explorar e descrever como funciona a linguagem, como é o processo de escolha da fala e escrita das pessoas e mostra que “o sistema linguístico inteiro é metafórico”(SARDINHA, 2007, p. 61).

Segundo Sardinha (2007) "Na linguística sistêmico-funcional, o sistema linguístico é visto como um sistema gramatical que engloba os vários níveis: fonológico, grafológico, pictórico, lexical, gramatical, semântico e cultural" (Sardinha, 2007, p. 55). Especificamente em decorrência desse entrelaçamento de níveis, surgem as metáforas gramaticais que podem ser descritas como o resultado de um fenômeno de tensão entre os estratos, níveis do sistema linguístico, denotando os fenômenos que ocorrem na comunicação, que são os usos de uns recursos da língua por outros. (SARDINHA, 2007, p. 47).

Sardinha (2007) explica que as metáforas gramaticais se subdividem em dois tipos: ideacional e interpessoal. Referente à metáfora ideacional, podemos entender através do autor que o sistema linguístico pode ser dividido em três círculos e, em cada círculo, é possível acolher um estrato ou nível. São eles: o fonológico grafológico, o léxico-gramatical e o semântico-discursivo, tendo um sentido para cada classe gramatical. Se há harmonia entre esses estratos, há uma relação direta, congruente, há um sentido disponível para cada classe gramatical. Entretanto, se houver tensão entre os estratos do sistema linguístico, surge a metáfora gramatical, que é composta pelos arranjos formados no interior do sistema linguístico.

Diferentemente ocorre na metáfora gramatical interpessoal, em que não usamos um modo congruente para expressar a modalidade ou o modo. "A modalidade se refere aos recursos da língua para denotar probabilidade modalização e obrigação modulação, enquanto o modo refere-se ao tipo de oração se é declarativa imperativa ou interrogativa" (SARDINHA, 2004, p. 48)

O texto nos mostra que no caso das metáforas gramaticais interpessoais, algumas metáforas podem ser definidas como metáforas de modalidade subjetiva, são as orações projetadas do tipo "penso que " ou "tenho certeza que " em vez das formas congruentes como "provavelmente " ou "certamente", isso quando o sentido metafórico é usado e escolhido um recurso gramatical diferente, tomamos como exemplo uma oração projetada no início da oração principal, ou uma oração posposta com sujeito também posposto. Exemplo: " pensa que vai chover" ou "vai chover, pensou eu". (RICOEUR, 2007, p. 48)

Orações projetadas do tipo "é provável" ou "é possível que" em vez da forma congruente "provavelmente", "possivelmente" Essas são metáforas de modalidade objetiva, diretas, e podem ser de modo declarativas interrogativas imperativas.

Quando ocorre a metáfora gramatical há uma redistribuição desses tipos alterando os modos e as funções, na declarativa não temos uma declaração mas uma pergunta ou comando, na interrogativa não temos mais perguntas, ou ofertas e sim comando e na imperativa não temos mais comando, mas teremos uma pergunta.

Outros exemplos podem ser dados em decorrência dessa tensão no sistema linguístico que ocasionam as realizações metafóricas. Em que em vez de dar uma ordem: "faça isso" será dada por meio de uma oração declarativa: "você precisa fazer isso". Já na função imperativa de comandar nós podemos realizar de forma congruente por meio de uma declaração, por exemplo: "abra a porta! ", mas, você pode também dizer por meio de uma interrogação: "Você pode abrir a porta?". Desse modo, temos a seguinte explicação para a metáfora nesse último caso: "um imperativo pode ser metaforizado pela forma interrogativa" (RICOEUR, 2015, p. 50).

Temos também a expressão "está calor aqui! ", muitas vezes expressamos essa ideia quando queremos que alguém abra a porta, é o mesmo que dizer: "você pode abrir a porta ? " Esses são alguns dos exemplos comuns na pragmática, nos atos de fala em que ocorrem as metáforas, assim um modo é metaforizado por outro.

Sardinha (2007) destaca três funções primordiais dos falantes no processo da linguagem: metafunção interpessoal, metafunção ideacional, metafunção textual. Essas funções sempre permeiarão os processos de comunicação. A primeira considera que, diante da linguagem, sempre haverá a relação entre as pessoas, algo sempre será dito a alguém, isso se define pela metafunção interpessoal. A primeira, "refere-se as relações entre as pessoas na linguagem" (SARDINHA, 2007, p. 52).

A segunda função demonstra que alguma coisa sempre será dita ao outro, sempre haverá um conteúdo, um tópico ou assunto sobre o qual as pessoas tratam. Essa é a metafunção ideacional. "refere-se ao conteúdo, propósito, assunto ou tópico em que as pessoas tratam" (SARDINHA, 2007, p. 52). E por terceiro, sempre há necessidade de organizar de algum modo o que falamos, sempre com base nos propósitos desejados, sendo essa a função textual na linguagem. "refere-se à maneira como as pessoas organizam a fala e a escrita de acordo com seu propósito e as exigências do modo sócio-histórico-cultural" (SARDINHA, 2007, p. 52).

Sardinha (2007) mostra que " a partir de cada metafunção são realizadas muitas outras funções" em que depende da escolha individual em cada ato, sendo inconsciente e movidas por questões próprias do indivíduo, seja por "intenções,

vontades, afetividade, subjetividade, mas também por razões sociais, históricas e culturais ditadas pelo contexto” (SARDINHA, 2007, p. 53).

Uma dessas escolhas, segundo Sardinha (2007) é a metáfora gramatical. O autor mostra um recorte feito da linguística funcional em que foi possível entender algumas características do campo que é berço da metáfora gramatical. Logo, delimitar os espaços pertencentes à metáfora gramatical se tornam mais acessíveis já que se trata de situações de comunicação que envolvem o sistema linguístico. (SARDINHA, 2007, p. 53).

As características da metáfora gramatical distinguem-se de todas as outras metáforas, seja a sistêmica, seja a conceitual, visto que ocorre no interior linguístico uma mudança na estrutura, podendo o discurso incorporar um caráter mais abstrato ou distante se ocorrer a presença de muitas nominalizações, ou seja muitas metáforas gramaticais.

Sardinha (2007) destaca o uso do termo congruente, ou seja, uso não metafórico, considerado literal por outras teorias. “...empregamos o termo congruente para designar a forma não metafórica. “A forma congruente seria a aquela que, dentro do sistema linguístico, é a não marcada, é aquela que desempenha sua função intrínseca em relação aos demais recursos linguísticos” (SARDINHA, 2007, p. 53).

Podemos observar os casos em que no decorrer da fala temos a intenção de dar ordens, a escolha congruente é certamente o uso do imperativo; já para a função de perguntar, a escolha congruente seria o interrogativo. Assim como na tentativa de informar, usamos a função congruente do modo oracional declarativo. Assim, Sardinha (2007) nos mostra que podemos considerar congruente aquela forma que desempenha sua primeira função no sistema linguístico. Isso não significa que seja a forma mais habitual na fala, já que, em muitos casos, a metafórica é mais usada pelos falantes. (SARDINHA, 2007, p. 53, 54).

Percebemos através de Sardinha (2007) que a metáfora gramatical sustenta toda a teoria da linguagem e se prestarmos atenção à nossa comunicação em geral ela está presente em praticamente todos os nossos atos de fala possibilitando várias formas de expressões. Facilmente e de modo inconsciente, utilizamos esse processos metafóricos gramaticais em que deixamos de usar uma classe gramatical para usar outra a fim de expressar sentidos singulares. Na linguagem de Sardinha (2007)

usamos “um recurso léxico-gramatical para realizar uma função que não é sua função primária (congruente) no sistema linguístico, ou uso de um recurso da língua por outro” (SARDINHA, 2007, p. 55).

3 GÊNERO TEXTUAL DISCURSIVO: ALGUMAS PERSPECTIVAS

Este capítulo abordará algumas perspectivas pontuais dos gêneros textuais para a melhor compreensão junto à produção de sentido nas parábolas, para tanto serão relacionados os estudos de Mikhail Bakhtin e Luiz Antônio Marcuschi.

A expressão gêneros se firma com Aristóteles, passa por Horácio, Quintiliano, pela Idade Média, pelo Renascimento, chegando à modernidade. Nesse percurso, considera-se que Aristóteles desenvolveu uma teoria mais sistemática sobre os gêneros que serviram de base para as perspectivas dos gêneros atuais, para ele havia três elementos fundamentais que compunham o discurso: aquele que fala, aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala, três tipos de ouvintes, três gêneros do discurso cada um com suas especificidades e uma distinção clara entre epopeia, tragédia e comédia.

Sobre estudos relacionados aos gêneros textuais, destacam-se os conceitos problematizados pelo filósofo e linguista russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin. O estudioso, nascido na Rússia em 1895, foi um pesquisador da linguagem humana, assim como explorava várias áreas do conhecimento, nas quais pensava e problematizava questões demonstrando trabalhos em diversos campos científicos das ciências humanas.

Esse pensador do século XX é visitado por muitos estudiosos e dentre todas as suas importantes contribuições discrimina-se aqui, brevemente, algumas das que servem de base para a linguística, sociolinguística, crítica literária e análise de gêneros discursivos, sendo essa última o assunto central desse capítulo.

Sabe-se que Bakhtin segue linhas paralelas a alguns fundamentos do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure na medida em que considera os aspectos sociais da língua nos estudos linguísticos, ou seja, descarta a possibilidade de um estudo da língua sem considerar a consciência do indivíduo falante. Entretanto, torna-se imprescindível destacar as contribuições Bakhtinianas no que diz respeito a alguns aspectos da visão do autor sobre o emprego da língua, principalmente, os relacionados aos enunciados já que fazem parte da atividade humana.

Segundo Bakhtin (1997), o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos, utilizados diariamente por integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Todo enunciado reflete

características determinadas de acordo com as finalidades de cada campo referido por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.(BAKTIN,1997, p. 280)

Desse modo, os gêneros do discurso para Bakhtin (1997), de caráter heterogêneo, manifestam-se de formas diversas e de acordo com seus protagonistas, temas e situações. Para o estudo do gêneros, diante da sua diversidade, pensadores poderiam se questionar sobre as dificuldades em colocar todos os gêneros em um terreno comum, desde o relato familiar aos documentos oficiais, dentre outros, já que apresentam-se tão díspares, entretanto, a diversidade funcional parece conectar através de traços comuns seja os gêneros de discurso de abstratos a operantes.

Diante da diversidade de gêneros de enunciados existentes poderia ter sido aleatoriamente escolhido, dentre todos, qualquer um para análise da metáfora, mas, nesse trabalho, há a escolha de um gênero textual em especial para o estudo, a parábola.

Valoriza-se a importância de estudar a natureza de um enunciado em particular, singularizando-o como um gênero, tendo uma concepção clara de sua natureza, pois conforme Bakhtin (1997) é importante evidenciar o espaço para a caracterização dos gêneros, nesse caso a parábola, para que no estudo de língua não se deixe ausente a demonstração de que a língua de fato penetra na vida.

Embora, o estudo dos gêneros textuais, atualmente, siga uma perspectiva textual diferente da adotada por Aristóteles, seus estudos serviram de base estrutural para que várias disciplinas, inclusive a linguística, atribuíssem seus conceitos sobre o gênero. Segundo Marcuschi (2017), atualmente, a noção de gênero se vincula à diversas áreas, não apenas à literatura e é possível usar a noção de gênero em qualquer tipo de discurso, seja falado, escrito, com ou sem motivação literária.

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2017), a observação sistemática dos gêneros textuais inicia-se com Platão sendo que, no ocidente, já se discutia há, pelo menos, cinco séculos. A cada época aprimorou-se a visão sobre o tema, entretanto, foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu efetivamente e se iniciou os estudos dos gêneros textuais.

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Para Marcuschi (2017), o conceito de gênero refere-se aos textos materializados em nossa prática diária, são os textos que encontramos através de nossa vivência, são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis situadas historicamente e socialmente. O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa e de comunicação, um artefato sócio-histórico e uma reconstrução do mundo e não uma simples refração ou reflexo, considera-se o texto como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.

Desse modo, temos as parábolas, que são textos que surgiram de uma específica situação de comunicação, inicialmente oral, posteriormente sendo transcrita, que acontecia em um determinado momento histórico-social, mas que circula até hoje em vários suportes, destacando-se e mantendo suas propriedades no livro da Bíblia.

Cada gênero textual não fica indiferente ao suporte, segundo Marcuschi (2017), o gênero é sempre identificado em relação ao suporte, podendo o gênero ser acessado e disponibilizado em diversos suportes. O *corpus* deste trabalho, pertencente ao gênero parábolas, será retirado de um suporte em especial, a Bíblia sagrada, edição pastoral de 1990. A Bíblia pode ser entendida como um locus físico em que está fixado o gênero textual das parábolas, materializados enquanto textos narrativos.

A questão dos suportes dos gêneros textuais, segundo Marcuschi (2017), ainda é discutida, pois seu entendimento ainda é confuso para muitos livros didáticos que falam a respeito dos portadores de gêneros. O equívoco recai quando confunde-

se os portadores de gêneros, as embalagens, os suportes de gêneros com os próprios gêneros.

[...] entendemos aqui como suporte de um gênero, um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2017, p. 174)

Ainda há muitos estudos a serem desenvolvidos sobre o suporte, por exemplo qual seria a relação que os suportes têm com os gêneros, se há características distintivas do gênero quando acessado em um suporte ou outro, de que forma o suporte pode interferir no gênero, dentre outras questões importantes que ainda merecem estudos, mas fica claro, diante desse trabalho, que a Bíblia é considerada um suporte no qual o gênero parábola será retirado para análise, pois se confirma os três aspectos: lugar físico, formato específico, fixa e mostra o texto.

De acordo com os aspectos apontados por Marcuschi (2017) sobre os suportes, a Bíblia pode caracterizar-se como tal por ser algo real e ter sua materialidade incontornável, aparece em formatos específicos, em formato de livros, com diversas páginas, especificamente, produzidas para comportar os textos bíblicos, dentre eles as parábolas que ficam fixadas a cada página de modo apropriado à leitura e à comercialização.

Parte-se da premissa de que é importante fazer uma ponte entre as teorias relacionadas à metáfora e a análise dos *corpus* escolhidos, parábolas, pincelando alguns conceitos referentes à concepção e importância dos gêneros textuais para a prática social, justificando, assim, a presença, neste trabalho, de autores que tratam de gêneros textuais.

Desse modo, tratando esse trabalho de fenômenos da linguagem, reforça-se a ideia de que seria meramente impossível nos comunicarmos sem utilizarmos algum gênero textual, visto que, segundo Marcuschi (2017) “os gêneros são necessários para a interlocução humana” (MARCUSCHI, 2017, p. 161), isso faz com que seja pertinente essa visita ao estudo dos gêneros discursivos através dos autores escolhidos. Assim, parte-se, em seguida, para as especificidades da parábola enquanto gênero textual na concepção de Kenneth Bailey (1995) e John Macarthur (2016).

3.1 A parábola como um gênero discursivo

A palavra latina parábola provém do grego e tem sua raiz etimológica na palavra *parabole* que se traduz como comparação, termo composto a partir da junção de *para*, que quer dizer *ao lado*, e *ballein*, que significa *atirar ou jogar*. Desse modo, *parabole* significava a comparação entre duas ou mais coisas dispostas uma ao lado da outra.

As parábolas são textos antigos que são conhecidos por serem bastante utilizados por Jesus Cristo, um pregador e líder religioso judeu do primeiro século, figura central do cristianismo, cujos ensinamentos são parte das denominações cristãs.

Para compreender algumas especificidades das parábolas escolhidas nesse trabalho recorre-se a dois autores. Primeiramente, Kenneth Bailey, autor, palestrante e professor pesquisador emérito de Estudos do Novo Testamento e Oriente Médio no Tantar Ecumenical Institute. Esse autor destaca-se por ter passado quarenta anos em estudos e seminários em institutos no Egito, no Líbano, em Jerusalém e Chipre sendo considerado um autor prolífico em estudos do novo testamento. Em seguida, pesquisa-se através do autor John MacArthur, que tem mais de 150 livros publicados, sendo que o mais notável de todos, a Bíblia de Estudo MacArthur (John MacArthur Study Bible), já vendeu mais de 1 milhão de cópias.

Para Bailey (1995), as parábolas funcionam de maneira específica dentro do texto no Novo Testamento. Sendo composta por uma trama, tem forma específica, detém de recursos literários e um estilo narrativo, sendo consideradas confrontações dramáticas. As narrativas caracterizam-se pela presença de uma linguagem teológica, marcada por termos históricos, e, de modo geral, seu enredo baseia-se na concretização de uma moral que pode indicar como as pessoas devem agir.

Tem como aspecto distintivo a justaposição de coisas comuns e verdades transcendentais, o que nos faz demarcar a parábola como um texto longo ou curto, que recorre de metáforas, comparações, provérbios, elementos de alegoria ou outro tipo de imagem verbal sempre com o propósito de ensinar uma lição ou aplicar alguma verdade espiritual.

Uma parábola não é simplesmente uma analogia. É uma metáfora prolongada com uma lição espiritual específica contida por analogia. Figuras retóricas sucintas como “forte como um touro” ou “rápido como um relâmpago” são comparações simples e diretas o suficiente para não exigirem

explicação. A parábola estende a comparação e a transforma em uma história mais longa ou em uma metáfora mais complexa, e o significado (sempre alguma verdade espiritual) não é necessariamente óbvio. (MACARTHUR, 2016, p. 284, 285)

Nessa concepção, Bailey (1995) distingue seis⁷ tipos de parábolas: parábola em diálogo teológico, parábola e evento narrativo, parábola em uma história de milagre, parábola em uma coleção topical, parábola em um poema, parábola sozinha sendo que todas elas, com exceção da parábola sozinha, fazem parte de uma unidade literária maior, ou seja, para entender a parábola é necessário ter em vista e examinar a unidade maior para se determinar do que se trata a parábola.

O primeiro exemplo, é o de parábola em diálogo teológico, que se pode exemplificar através da parábola do Camelo e da Agulha presente em Lucas 18: 18-30 em que há um tipo de discussão teológica entre Jesus e um jovem rico, nela evidencia-se o clímax do enredo na discussão. Já a parábola em evento narrativo pode ser observada na parábola do Credor e seus Dois Devedores, presente em Lucas 7: 36-50, em que há diálogos e ações dramáticas de uma mulher silenciosa.

As parábolas em histórias de milagres podem-se exemplificar através da história da cura de uma mulher enferma em Lucas 13:10-17, assim como as parábolas em coleção topical temos como exemplo em Lucas 11:1-13 em que várias unidades de parábolas são incluídas. Parábolas em poemas, como o próprio nome diz mostra parábolas na parte central da estrutura do poema como em Lucas 11: 9-13, e por último, há as parábolas que se apresentam sozinhas, podendo ser uma seguida da outra, como vemos em Lucas 17:1-10 em que aparecem, respectivamente, a parábola da Pedra e do Moinho, seguida da parábola do Grão de Mostarda e a parábola do Servo Obediente.

A visão literária para interpretar as parábolas a partir de Bailey (1995) considera a perspectiva cultural particular calcada no Oriente Médio e segue alguns critérios: a primeira delas se baseia em entender que há uma peça dentro da peça, para entender essa questão, o autor usa o exemplo do famoso drama de Shakespeare, Hamlet.

⁷ A título de exemplo teórico, neste trabalho, consta seis tipos de formatos de parábolas que funcionam em contextos diferentes. Salienta-se que esta interpretação é particularmente determinada pelo autor Bailey (1995) e que há outras explicações existentes de outros autores a respeito das determinações de parábolas, que também podem ser compreendidas e interpretadas pelos leitores.

No ato 3, cena 2 Hamlet está desesperado em conseguir “captar a consciência do rei”. Ele Hamlet faz entrar em cena uma tropa de atores para reconstituir uma cena semelhante ao assassinato de seu pai, que o atual rei havia perpetrado. O expectador desta cena isolada observa a ação em dois níveis. Há o pequeno drama que está sendo encenado pela *troupe* de artistas. E também o conflito entre Hamlet e seu tio, o rei. Hamlet usa os atores e seu drama para se comunicar com seu tio. À medida que o grupo de atores prossegue com a sua “peça dentro da peça”, nós o auditório, temos a nossa atenção voltada deles para Hamlet e seu tio. (BAILEY, 1995, p. 16)

Nas parábolas é possível observar uma situação semelhante, a peça tem seu lugar entre Jesus e seu auditório. Em muitos casos ocorre uma longa cena dramática, uma peça toda, e dentro dessa peça é narrada uma parábola sendo ela curta ou longa.

Uma das questões importantes na interpretação da parábola destacada por Bayley (1995) é que ele considera importante identificar o auditório ouvinte da parábola, o seu ambiente e, a partir disso, tentar entender a atitude do auditório original diante do tópico discutido na parábola, mesmo que esses ambientes estejam moldados pela forma do evangelista ou pela fonte que emitiu a parábola.

Outro aspecto que é característico no entendimento das parábolas, segundo Bailey (1995), é considerar que cada leitor estará separado do texto pelo tempo e pelo espaço. A escrita das parábolas foi escrita há mais de dois mil anos e considerando que o espaço narrado nas parábolas pertence ao oriente médio, faz com que leitores ocidentais atualmente, por exemplo, tenham que fazer mais esforço para que tenham condições de entender com profundidade, aproximando-se da realidade dos aldeões da palestina no século I.

O resumo e compreensão das parábolas, abordadas neste trabalho, seguirão as delimitações especialmente de Bailey (1995), pois, destaca-se como autor, palestrante e professor pesquisador emérito de Estudos do Novo Testamento e Oriente Médio no Tantur Ecumenical Institute, em Jerusalém. Passou vinte e cinco anos realizando a tarefa de captar a cultura do Oriente Médio para que conseguisse captar a interpretação das parábolas através de sua metodologia.

O autor discutiu aspectos culturais da parábola, absorveu as raízes essenciais em comunidades isoladas e conservadoras, deixando claro que nas aldeias remotas em que realizou seus estudos pouca coisa mudou nesses dois mil anos. O autor também examinou cuidadosamente vinte e quatro traduções do Novo Testamento em siríaco e em árabe para atestar como os cristãos entenderam esses textos desde o

século II até o XX, considerando que as traduções sempre estarão ligadas às interpretações.

Quando esse mundo do Oriente Médio é levado à sério em termos de forma tanto quanto de conteúdo, uma percepção nova e mais profunda se torna disponível (...) Tenho, vivida, trabalhado e adorado no contexto desta comunidade, durante cerca de trinta anos. (BAILEY, 1995, p. 11)

Quando se considera a interpretação das traduções de parábolas, o autor também destaca que foi preciso procurar paralelos em literaturas que estariam próximas ao Novo Testamento, examinar outras obras e traduções feitas que pudessem confirmar padrões culturais dos povos abordados nas parábolas, para que a interpretação não dependesse da relação com a cultura ocidental ou para que a cultura do leitor não influencie determinados julgamentos.

De modo geral, para Bailey (1995) as parábolas são histórias a respeito de pessoas que viveram em um determinado tempo e lugar e que para interpretá-las é preciso entender a cultura que informa as parábolas, isso não significa considerar, primordialmente, a geografia dos povos, vestimentas, costumes formais, condições climáticas, entre outras questões, mas a maneira como aqueles povos reagiam, sentiam, julgavam e respondiam as questões da época, se relacionavam e quais eram suas expectativas.

Desse modo, a parábola carrega resposta às perguntas de reação, julgamento de valores, relacionamento, expectativa e atitudes, nelas estão presentes reações características do Oriente Médio que é seu local de origem. Para exemplificar esse modo de ler e significar a parábola é possível pensar nesses pontos diante das parábolas existentes, considerando os personagens das histórias e o auditório dentro das parábolas.

Diante da parábola do Filho Pródigo, por exemplo, como se espera que um pai reaja quando seu filho mais novo pede a sua herança quando o pai ainda está vivo? E que espécie de herói se espera nessa parábola? Qual é o relacionamento entre o senhor e seu escravo diante da parábola do senhor e o escravo? Que julgamento de valores faz um auditório quando algum convidado deixa de ir a um banquete como mostra a parábola do grande banquete? Qual é a atitude dos habitantes do Oriente Médio para com os governantes imperialistas refletida em diversas parábolas?

Pensar nessas questões faz parte do processo de entender as parábolas que estão envoltas nessa dinâmica, isso distancia a ideia de que a interpretação possa ser alegórica e variada dependendo do conhecimento do leitor. Na opinião de Bailey (1995) as parábolas podem ter em si mais do que um único tema e símbolo e podem ser entendidos sem destruir a unidade das parábolas, nem voltar a ideia alegórica que se tinha delas no passado.

Em relação à interpretação das parábolas, conforme Bailey (1995), os símbolos presentes nas parábolas têm uma maneira única de se manifestar e funcionam na estória de maneira singular de modo que não ficamos livres para fazer qualquer identificação simbólica de maneira aleatória e pessoal. Os símbolos presentes nas parábolas devem ser situados da maneira que o narrador original coloca na parábola já que tem o objetivo de comunicar-se com o auditório presente na parábola. “o povo que tinha condições de ouvir e entender as profundidades do que estava sendo dito em uma parábola eram os aldeões da Palestina do século I” (BAILEY, 1995, p. 17)

Essa característica nos textos das parábolas leva o leitor de época distintas a se preparar para se posicionar em relação aos símbolos como os ouvintes originais presentes na parábola, voltar às origens e contextos pelos quais a parábola foi transmitida. Entretanto, esse caminho de interpretação nos leva às questões levantadas por muitos leitores: pode tal estória ter algum significado para nós que vivemos em uma realidade diferente da época referida nas parábolas?

Bailey (1995) considera que quando se identifica o ouvinte original da parábola e se descobre o conglomerado de temas teológicos presentes na parábola, é possível encontrar mensagem para todas as pessoas em qualquer lugar e em qualquer tempo. Dessa forma, tendo em vista que, inicialmente, procura-se identificar o ouvinte ou os ouvintes originais da parábola, conseqüentemente, descobre-se o que o contador da parábola, estava querendo que o ouvinte entendesse ou fizesse e, posteriormente, é possível verificar o que o texto diz para o leitor individual.

A interpretação das parábolas escolhidas para análise, seguindo a visão de Bailey (1995) pretende recuperar uma parte do impacto que estas parábolas causaram no ambiente palestino original e que, segundo o autor, os desfechos decisivos de cada parábola e a vitalidade e dinâmica dos textos possam trazer reflexões nos tempos atuais.

Em suma, de acordo com Bailey (1995) as parábolas precisam ser analisadas tendo em vista todo o seu conteúdo: o auditório que o contador estava falando, seja ele composto por escribas, fariseu, multidões ou discípulos; o contexto e interpretação propiciada pelo evangelista e sua fonte, a peça que existe dentro da peça de cada parábola, os pressupostos culturais da estória, tendo em vista que os personagens, geralmente, são aldeões palestinos, as cenas e os temas de cada parábola, os símbolos identificados pelo auditório original juntamente com a decisão e reação do auditório diante desses símbolos, e por fim, discernir os temas teológicos presentes e o que a parábola afirma ou pressupõem a respeito deles.

Segundo John Macarthur (2016), Jesus não foi o primeiro a usar as parábolas, rabinos importantes e anteriores à era de Cristo já falavam em parábolas, mesmo que raramente. Toma-se como exemplo Hilel, um dos rabinos mais famosos e influentes de todos os tempos, que viveu uma geração antes de Cristo, usava parábolas em seus ensinamentos.

Por vezes, a ideia de parábola confunde-se pela quantidade de definições técnicas ou leigas sugeridas por vários leitores e mesmo pelos interessados. De acordo com Macarthur (2016), a palavra deriva de raízes gregas: para (ao lado) e ballo (lançar), literalmente significando: colocar ao lado, o que sugere uma comparação entre duas coisas que são semelhantes em alguns aspectos, essa derivação da palavra parábola se refere à uma analogia entre algum lugar comum da realidade e uma verdade espiritual profunda.

De acordo com o levantamento de Macarthur (2016), a maioria das parábolas se encontram nos evangelhos sinóticos, evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas presentes no novo testamento, que são denominados sinóticos por conterem uma grande quantidade de histórias em comum e na mesma sequência, sendo que, algumas vezes, utilizam exatamente a mesma estrutura de palavras.

As parábolas escolhidas para análise neste trabalho pertencem ao evangelho de Lucas do Novo Testamento que é o maior dos evangelhos e considerado, por muitos estudiosos, como Charles Childers, por exemplo, o mais ambicioso empreendimento literário da igreja na antiguidade.

O evangelho de Lucas contém a maioria das parábolas de Jesus, as parábolas encontradas em Lucas do Novo Testamento são caracterizadas por serem mais vívidas na sua retratação e coloridas em sua trama, de acordo com Macarthur (2016)

são diferentes das apresentadas em Marcos, por exemplo, pois são munidas de diálogos entre os personagens e ricos detalhes na narrativa.

Em termos de compreensão das parábolas, é possível entender que desde as mais simples às mais detalhadas, de modo geral, tem a intenção de ensinar lições simples e diretas. A história pode fornecer detalhes, mas não devem ser sobrecarregadas de sentidos espirituais, pois as ideias relevantes da compreensão de parábolas é a lição central que pode ser extraída dela. Ainda de acordo com MacArthur (2016) nos casos em que o simbolismo é mais complexo, ele é sempre explicado pelo contador da história na narrativa, não abrindo possibilidades de outros entendimentos, pois a verdade que ela contém já se apresenta exposta.

Diante da leitura de parábolas, há diversas possibilidades de interpretações do porque esses textos, inicialmente orais, eram utilizados. Segundo MacArthur (2016) três grandes motivações preexistem e são consideradas em partes verdadeiras. A primeira delas é a de que se contava parábolas por ser um mecanismo mais fácil de ser entendido, mais agradável e mais possível aos seus seguidores e que pela sua simplicidade tinham a maior possibilidade de serem entendidas.

A segunda suposição é que a narrativa poderia ser considerada o melhor método para se ensinar verdades espirituais comparando com o uso de discursos didáticos ou por meio de sermões que poderiam ser mais complexos de entendimento. E a terceira possibilidade é a de que a narrativa fosse o método preferido para pregar, sendo a contação de histórias talvez o único desejável para este fim por acreditar que se aumentam as possibilidades de encorajar as pessoas a se identificar com a narrativa.

Ainda em relação à compreensão desse gênero, há ainda algumas confusões citadas por MacArthur (2016) que confundem a relação com os dogmas religiosos, isso porque muitas pessoas com uma visão mais moderna acreditam que as parábolas não tem um sentido fixo e poderá depender da intenção do leitor ou ouvinte, dessa forma podendo comportar diversas interpretações, isso significaria que Jesus ao contar poderia ter uma significação para aquela história narrada e qualquer outro ouvinte ou leitor em diferentes períodos históricos poderia assimilar de outras formas.

De fato, considera-se que as parábolas são textos simples, anedotas sobre as atividades comuns da época em que Jesus viveu, que envolvem relações familiares, acontecimentos facilmente reconhecidos, pessoas comuns que, por vezes, envolviam

nas narrativas itens domésticos, animais, profissões entre outras, mas que contém uma verdade proposicional ilustrada e faz uso de uma verdade oculta que necessita da disposição dos ouvintes para seu entendimento. (BAILEY, 1995, p. 11-28)

Assim, utilizar esses dois autores permite exemplificar a compreensão do sentido das parábolas a partir de uma perspectiva histórico-cristã, observando as parábolas enquanto gênero textual e atividade discursiva assim como possibilita também auxiliar na construção dos sentidos das palavras. Importante destacar que ao abordar esses autores, o trabalho contempla apenas um viés das possibilidades de sentidos existentes para os leitores interessados.

4 ANÁLISES DO CORPUS

Neste capítulo, são apresentadas as discussões a respeito do *corpus* escolhido para a pesquisa, composto por metáforas constantes nas duas parábolas bíblicas do evangelho de Lucas do Novo Testamento, seguindo etapas de acordo com a metodologia escolhida. De acordo com as perspectivas de trabalho já apresentadas, as análises recaem sobre os estudos e as reflexões da semântica da palavra de Paul Ricouer e amparam-se, além disso, nas contribuições de Tony Berber Sardinha a respeito da metáfora. Apresentam-se, também, as contribuições históricas das parábolas, recorrendo-se, para tal, aos estudos de Kennet Bailey e de John Macarthur, cujas teorias são, nesta dissertação, relacionadas aos estudos de gêneros textuais de Mikhail Bakhtin e de Luiz Antônio Marcuschi.

De acordo com as premissas deste trabalho, já expostas na introdução, esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa e aplicada, tendo como objetivo geral analisar e descrever o sentido construído com metáforas em parábolas bíblicas no evangelho de Lucas do novo Testamento. Os objetivos específicos são os seguintes: a) estudar a metáfora, a fim de entendê-la e descrevê-la como recurso linguístico na construção de sentido no texto; b) compreender os conceitos e as descrições da semântica da palavra, analisando as metáforas em parábolas do evangelho de Lucas; c) situar e compreender a articulação entre a semântica da palavra e sua articulação com a frase nas parábolas bíblicas.

Conforme já exposto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, posto que o *corpus* se constitui de textos escritos (parábolas) retirados do suporte bíblico. Destacamos que, nesse trabalho de interpretação de metáforas em parábolas bíblicas, tem-se a intenção de abrir possibilidades para outros pesquisadores em termos de análise tanto da metáfora, que pode ser vista por outras abordagens, quanto da parábola enquanto gênero textual.

Para a realização deste trabalho, foi necessário fazer leituras contínuas das teorias de análise, estabelecendo correlações com possíveis opções de *corpus* (parábolas bíblicas). O *corpus* selecionado para análise é composto de duas parábolas extraídas do suporte bíblico, especificamente do evangelho de Lucas do Novo Testamento, sendo elas, respectivamente: *A raposa, o funeral e o arado*,

presente em Lucas, capítulo 9, versículos 57 a 62, e *A figueira estéril*, encontrada em Lucas, capítulo 13, versículos 6 a 9.

As parábolas são oriundas do suporte da Bíblia Sagrada, edição Pastoral de 1990, tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, sendo que a escolha da edição e tradução não seguiu critérios, pois suas origens não serão o foco desta análise, isso porque as parábolas em sua natureza serão tratadas apenas como campo de aplicação de estudos, considerando a construção de seu sentido no gênero textual em questão. A questão não é fazer análise do conteúdo religioso do texto, mas observar a metáfora como fenômeno linguístico responsável pela construção do sentido do texto.

Uma vez definidas as duas parábolas escolhidas para análise, revisa-se o caráter qualitativo desta pesquisa cujo foco está no caráter subjetivo do objeto analisado e não na busca de dados numéricos para validar ou rejeitar determinadas hipóteses. Desse modo, a análise das parábolas facilita o aprofundamento da compreensão e da explicação da dinâmica das relações do *corpus* a ser analisado com base nas questões teóricas desenvolvidas no referencial teórico desta dissertação.

A metodologia a ser usada para análise segue as seguintes etapas:

- a) escolha de 2 parábolas bíblicas do evangelho de Lucas: *A raposa, o funeral e o arado*, presente em Lucas capítulo 9, versículos 57 a 62; e *A figueira estéril*, encontrada em Lucas, capítulo 13, versículos 6 a 9;
- b) relato do que cada uma diz/trata, permeado com alguns dos aspectos relacionados aos estudos históricos e culturais realizados por Bailey (1995);
- c) levantamento das metáforas em cada parábola;
- d) estudo de cada metáfora presente nos textos, analisando o sentido construído por ela;
- e) estudo da metáfora com base nos estudos desenvolvidos por Paul Ricoeur (2000) e Tony Berber Sardinha (2007);
- g) discussão das análises, observando questões do gênero textual.

4.1 A raposa, o funeral e o arado

A primeira parábola que nos dedicamos a analisar é A raposa, o funeral e o arado, presente no Evangelho de Lucas, capítulo 9, versículos 57 a 62 (Anexo 1). Nesse percurso, com o propósito de compreender aspectos relacionados à metáfora em um dos gêneros do discurso – nesse caso específico, na parábola –, e a fim de contextualizar e entender o que diz a parábola “*A raposa, o funeral e o arado*”, apresenta-se, primeiramente, o relato do que a parábola diz/trata. A essa descrição, agregam-se alguns dos aspectos relacionados aos estudos históricos e culturais realizados por Bailey (1995), nos quais foram captadas as características culturais do oriente médio para que, em seguida, se possa fazer os levantamentos das metáforas inseridas no gênero textual dessa parábola e dar seguimento às próximas etapas de análise.

Essa parábola é dividida por Bailey (1995) em três estrofes, configuração que facilita a orientação dos pontos de análise. O autor considera que essa parábola não apresenta enigmas culturais, podendo, assim, ter dois níveis de compreensão, o que faz com que seja possível analisar as possibilidades de metáforas. Nesse sentido, no que diz respeito ao relato do que cada uma diz/trata de modo geral, a parábola “*A raposa, o funeral e o arado*” narra uma conversa entre os personagens – Jesus e algumas pessoas – durante um trajeto a ser percorrido por eles.

Em um primeiro nível de compreensão do enredo da parábola, pode-se perceber que o primeiro candidato a discípulo se dispõe à missão de acompanhar Jesus de maneira espontânea e, de acordo com Bailey (1995), com certa ingenuidade, pois ninguém o recruta. A maneira como ele se apresenta para tal feito e a forma como ele entende as condições do que está se propondo a fazer parecem ser superficiais e denotam não haver a devida noção da dimensão do que está envolvido e do comprometimento assumido. Isso se evidencia na resposta do personagem Jesus a ele, quando diz: “*As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; Mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*”. Segundo Bailey (1995), a ideia de seguir um homem como Jesus, que era rejeitado por muitas pessoas na época, ocasionaria um choque para qualquer judeu do século I, pois segui-lo revelaria ao voluntário uma série de privações.

Nessa primeira estrofe, entende-se que um dos significados provém da natureza, pois sabe-se que muitos dos animais escolhem e têm um lugar para ficar e

descansar, mas, de acordo com a parábola, nem Jesus, nem aqueles que o seguiam, teriam essa garantia.

Na segunda estrofe, tem-se o diálogo de Jesus com outra pessoa, essa, diferentemente da primeira, recebe o convite de Jesus para começar a segui-lo. A reação do segundo candidato mostra-se oposta à ação de recrutamento, já que, em palavras, pede: “*Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai*”. A resposta dada demonstra oposição de ideias entre os envolvidos, uma vez que o candidato ouve, como retorno: “*Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai, e prega o reino de Deus*”.

Já na terceira e última estrofe, tem-se uma semelhança ao que ocorre com o primeiro homem envolvido. Agora, um terceiro candidato oferece-se para seguir Jesus, mas faz um pedido especial: *primeiramente, despedir-se dos de casa*. De imediato, recebe como resposta uma reivindicação: “Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus”. Sobre isso, Bailey (1995) destaca que essa manifestação mostra hábitos provindos do meio rural da Palestina, pois trata de uma atividade agrícola bastante comum no Oriente Médio.

Assim, uma vez apresentando o entendimento da história contada pela parábola, passamos a destacar os trechos que podem ser considerados possibilidades representativas de metáforas. Para isso, faremos um levantamento das metáforas em cada parábola, e, em seguida, procederemos ao estudo de cada uma delas, analisando, sob a perspectiva de Paul Ricoeur e Toy Berber Sardinha, o sentido instituído e a sua funcionalidade junto à construção de sentido na parábola.

Para a melhor compreensão dos procedimentos a respeito das metáforas presentes em cada texto e para analisar o sentido construído por ela no texto bíblico em análise, segundo as perspectivas dos estudos desenvolvidos por Paul Ricoeur (2015) e Tony Berber Sardinha (2007), registramos a parábola “*A raposa, o funeral e o arado*” (Lucas 9: 57-62) na íntegra e procedemos ao levantamento de algumas das possibilidades de metáforas no texto, destacadas em negrito e sublinhadas. São elas: **AS RAPOSAS**, **O ARADO**, **AS AVES**, **OS COVIS**, **OS NINHOS**, **NÃO TÊM ONDE RECLINAR A CABEÇA**, **SEPULTAR**, **DESPEDIR-ME**, **TENDO POSTO A MAO NO ARADO**, **OLHA PARA TRÁS**.

A raposa, o funeral e **o arado** (Lucas 9: 57-62)

“Indo eles caminho fora,

alguém lhe disse:

“Seguir-te-ei

para onde quer que fores.”

Mas Jesus lhe respondeu:

“**As raposas** tem seus **covis**,

e **as aves** do céu, **ninhos**;

Mas o Filho do homem **não tem onde reclinar a cabeça.**”

A outro disse Jesus:

“Segue-me.”

Ele, porém, respondeu: Senhor, permite-me ir primeiro

sepultar meu pai.

Mas Jesus insistiu:

“Deixa aos mortos o sepultar os seus
próprios mortos.

Tu, porém, vai,

e prega o reino de Deus.”

Outro lhe disse:

“Seguir-tei-ei, Senhor

mas deixa-me primeiro **despedir-me** dos de casa.”

Mas Jesus lhe replicou:

Ninguém que, **tendo posto a mão no arado**

olha para trás, é apto para o reino de Deus.”

Iniciamos o estudo de cada metáfora analisando o sentido construído por ela no texto em análise com base nos estudos desenvolvidos por Paul Ricoeur (2000) e Tony Berber Sardinha (2007). Na primeira estrofe, há duas palavras como unidade de referência na compreensão de possibilidades de metáforas: a primeira é representada pela palavra RAPOSAS e a segunda pela palavra AVES.

Segundo Ricoeur (2015), desde os primeiros estudos relacionados à metáfora, a ênfase se dá na palavra, pois esta marca claramente o lugar da metáfora, entretanto, mesmo essas palavras sendo o foco para a construção de sentido, as análises necessitam considerar a observação do enunciado e do meio contextual.

Partindo para o contexto em que as palavras se encontram – uma parábola bíblica que emergiu da Palestina no século I – pode-se perceber que as duas palavras trabalham com dois sentidos simultâneos que são ligados pela semelhança entre o sentido transposto e o sentido próprio (RICOEUR, 2015, p. 168).

Essas palavras não servem como meros ornamentos para embelezar o texto, pois trazem um sentido novo para o enunciado ao qual pertencem, e, sendo considerados signos, há uma relação de semelhança entre as noções de significação e mudança de sentido pelas quais elas passam.

Nessa perspectiva, analisamos a primeira concepção de sentido das palavras RAPOSAS e AVES no texto. Em um determinado nível de significação, ambas podem estar referindo-se aos animais da natureza propriamente ditos. Esses, segundo a parábola, têm lugares para descansar, sendo que as aves têm a possibilidades de construir seus ninhos em determinadas épocas do ano, e as raposas, suas tocas, para abrigarem-se. Assim, mesmo que de espécies distintas de animais, ambas contam com essa possibilidade.

Considerando ser a metáfora um modo de dizer que explora dois sentidos simultâneos, percebemos, a partir da análise das fontes históricas de Bailey (1995), que, no século I, as palavras AVES e RAPOSAS tinham também um significado relacionado a simbolismos políticos.

As AVES do céu, segundo as pesquisas do autor, denominavam e referiam-se às nações gentílicas do período inter-testamentário, enquanto a palavra RAPOSA era considerada o símbolo dos povos amonitas, um povo racialmente aparentado, mas politicamente inimigo de Israel.

Bailey (1995) mostra que essas disparidades e rivalidades entre povos e culturas também eram observadas quando se tratava da família de Herodes, governador da Judeia na época em que Jesus Cristo teria nascido e que, tendo parentesco com os indumeus, uma raça mestiça, também era visto como estrangeiro pela população judaica da Palestina do século I e, por conseguinte, com certo preconceito.

Os interlocutores da parábola naquela época – século I –, considerando aquele contexto de vivência, podiam abstrair os atributos que os termos metaforizados evocavam em seu emprego normal (RICOEUR, 2015, p. 166). Assim, a palavra RAPOSA pode ser considerada como metáfora, pois mantém relação em seus significados. O termo RAPOSA contém a simultaneidade de sentidos, tanto sendo entendida como um animal quanto referindo-se aos povos indumeus e estrangeiros, por obterem uma relação em seus significados. Já as AVES do céu podem tanto ser apresentadas como animais quanto podem ter uma relação de sentido com a representação das nações gentílicas do período apocalíptico inter-testamentário, referindo-se, especialmente, aos senhores romanos.

Os estudos de Sardinha (2007) sobre a metáfora conceitual nos fazem pensar que damos vida a um conceito metafórico na medida em que fornecemos algo de uma palavra a outra. Examinamos as palavras RAPOSAS e AVES consideradas metáforas da primeira estrofe.

A partir dos estudos da metáfora conceitual, podemos entender os domínios fonte e alvo que dizem respeito às áreas do conhecimento ou às experiências humanas. Iniciamos com o exemplo da metáfora RAPOSA, em que se considera o sentido de animal com suas características específicas. Nessa concepção, há possibilidade de conceitualizar metaforicamente esse significado e de, posteriormente, ele se servir para vários domínios alvos.

Como domínio fonte, podemos pensar nas características da raposa como um todo: é um animal fisicamente distinto, pois inclui uma face triangular, orelhas pontudas, um rosto alongado e uma cauda espessa. Essas características geralmente assustam ou mesmo geram pavor na maioria das pessoas, pois elas também podem andar na ponta dos pés e têm garras parcialmente retráteis. Pensando em sua personalidade, a raposa é considerada um animal bastante esperto, inteligente, sagaz, eficiente.

O domínio alvo é, geralmente, abstrato, e, nesse caso, as características da raposa animal poderiam servir para caracterizar pessoas – aqui, especificamente, os líderes – como perigosas, com grande capacidade de se sair bem de determinadas situações singulares, astutas, que, geralmente, destacam-se diante de outras, e, assim como a raposa, sabem se virar sozinhas, podendo ser associada também a pessoas que teriam facilidade de agir com falsidade e trapaça.

Partindo da premissa de que as metáforas, na visão conceptual, são de natureza cultural e surgem diretamente no convívio de comunidades, direciona-se o olhar para o contexto da Palestina do século I em que os domínios alvos da palavra raposa podem, assim, ser relacionados com os líderes políticos da era herodiana e romana, que já eram conhecidos pelas suas posturas dominadoras e perigosas.

As aves, por sua vez, podem ser consideradas as metáforas referentes aos senhores romanos, pois podemos também relacionar o domínio fonte, as características das aves, que são animais que sempre estão acima dos demais, tendo habilidades de voo, o que lhes dá visão superior, contexto que lhe garante algumas vantagens e benefícios em determinadas situações de caça, por exemplo. Essas considerações das aves podem ser atribuídas e direcionadas às características dos líderes romanos, que também têm nível superior aos demais em função da hierarquia e dispõem de posição favorável no que concerne às estratégias que julgarem convenientes.

Essas metáforas representadas por animais como a raposa e as aves, conforme estudos da metáfora conceitual de Sardinha (2007), surgem de natureza cultural, diretamente no convívio de comunidades. Designar a metáfora RAPOSAS e AVES, por exemplo, para os líderes políticos da época, mostra a visão do povo no século I a respeito de seus superiores, já que enfrentavam diversas dificuldades perante o governo vigente. Essas metáforas presentes na parábola mostram a representação mental que faz parte do cognitivo e surge inconscientemente.

Segundo Ricoeur (2015), é no segundo sentido da palavra que se vincula o ato de denominar. Isso ocorre quando se constata que um termo metafórico indica um grupo de objetos identificado e compreendido em função dos traços característicos que lhe pertencem. Esse papel é de predicação e atesta dois fatores da família da metáfora: a comparação e a subordinação.

Todos os casos de metáfora que veremos nessa parábola serão aqui identificados como casos de subordinação, forma mais frequente, pois o fundamento comum da subordinação como espécie é o da substituição completa de um termo por outro (RICOEUR, 2015, p.172). Tal prerrogativa se justifica em razão de que não temos a comparação em que poderíamos identificar a alteridade, em que veríamos dois objetos comparados um ao outro.

Com base nos estudos de Ricoeur (2015) – que mostram que a interação é permeada pela questão da semelhança e que desse modo são necessárias duas significações acopladas em uma metáfora, operando a semelhança entre as duas espécies reunidas (RICOEUR, 2015, p.170) –, passamos para a observação e análise dos termos NINHOS e COVIS, que podem ter dois sentidos que se relacionam.

Se tratando da semântica, a simultaneidade de sentidos ocorre também entre o sentido das palavras NINHOS e COVIS. Ambos os termos podem significar o ambiente fixo dos animais ou o espaço em que eles podem se abrigar e se proteger. Segundo as pesquisas de Bailey (1995), podem expressar também sentidos relacionados à localidade em que os povos viviam, especificamente Israel, terra que também serviu de abrigo para os senhores romanos e os indumeus.

Nessa primeira passagem, a escolha das palavras RAPOSAS, AVES, NINHOS e COVIS pode constituir diferentes metáforas e relacionar-se com o sentido da estrofe como um todo, pois mostra que alguns grupos, como os senhores romanos (representados pelas as aves do céus) e os intrusos indumeus e descendentes de Herodes (representados pelas raposas) podiam sentir-se em casa e seguros na terra de Israel, NINHOS e COVIS, pois estabeleceram uma posição irreduzível enquanto dominavam o poder. Tal contexto não se confirmava quando considerado o que acontecia com o personagem Jesus e com aqueles que o seguissem, que não teriam essa segurança, afinal, viviam na era herodiana, em que a opressão aos povos, os terrores e as torturas eram comuns a quem se opusesse ao poder.

Ricoeur (2015) mostra que na metáfora se transpõe o nome de algo para designar outro e destaca que ela não é gerida por simples denominações ou substituições, mas sim por associações. Isso faz com que possamos pensar nos termos NINHOS e COVIS operando com outro elemento, nesse caso, a terra de Israel em que os personagens vivem (RICOUER, 2015, p. 187).

Assi, considerando o texto *“As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; Mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”*, é possível observar a ocorrência de metáfora também no fragmento “não tem onde reclinar a cabeça”.

Segundo Ricoeur (2015, p. 194), é no contexto verbal e não verbal que será possível recorrer a empregos contextuais, perceber e definir as diversas acepções de uma mesma palavra, descartar equívocos polissêmicos, determinar a gênese de novos sentidos. Tomando para a análise a frase final “não tem onde reclinar a cabeça”

e considerando o contexto verbal em que está inserida, é possível perceber seu potencial metafórico pelo mesmo processo já mencionado quando consideramos metáforas com foco em uma palavra, pois conseguimos perceber a simultaneidade de sentidos definidos a partir do contexto do texto.

Como evidenciado nos estudos de Ricoeur (2015), há um mecanismo de troca entre a palavra e a frase que se viu nos casos de polissemia de modo que esse mecanismo de troca pode ser formulado em termos de enunciados e em termos de palavra. Dessa forma, no enunciado “*Mas o Filho do homem **não tem onde reclinar a cabeça***”, o *fragmento* em destaque pode indicar um outro nível de significação, que vai além de entender que o filho do homem não teria um lugar para simplesmente dormir e descansar, apoiando a sua cabeça.

O mecanismo de troca de sentido ocorre nesse enunciado a partir das relações de significado estabelecidas pelas palavras anteriores que consideravam o contexto histórico. Desse modo, “**não ter onde reclinar a cabeça**” pode indicar que “o filho do homem” não teria segurança e proteção em seus deslocamentos, podendo sofrer represálias, retaliações por onde precisasse passar por parte dos líderes da época.

Assim, o enunciado “**não ter onde reclinar a cabeça**” é considerado metafórico pela relação de sentido que se estabelece entre a segurança de ter lugar seguro para se aconchegar e realizar suas atividades com o fato de considerar e ter o seu território palestino como um lugar seguro para viver, seguindo seus princípios e suas ideologias. Esse segundo sentido relacionado ao territorial pode ser comprovado se verificarmos o histórico do contexto da parábola em que o poder governamental era rígido e dominador.

Desde o ano 722 antes de Cristo, o país onde vivia o povo de Israel estava dominado por nações estrangeiras, e somente a partir do ano 63 a.C esse domínio passou a ser feito pelos romanos. Roma, então, era a maior potência política e econômica daquela época, e a Palestina funcionava como uma província semiautônoma, pois as autoridades locais foram mantidas, as autoridades da época eram conhecidas pela sua rigidez e intolerância.

Historicamente, a Palestina era uma espécie de ponte entre a África e a Ásia, com uma superfície de aproximadamente 34 mil quilômetros quadrados e uma população de 650 mil habitantes. Foi governada, inicialmente, pela dinastia herodiana, subdividida em outras regiões, que possuíam formas de governo e administração

distintas. Em 63 a.C., Roma conquistou a Palestina e passou a administrar questões internas das comunidades, interferindo em todas as questões políticas e sociais, o que lhe permitia intervir em qualquer questão que se opusesse aos ideais governamentais, sendo elas gerais ou específicas da população.

Segundo Ricoeur (2015), um conceito essencial para a compreensão da metáfora é a polissemia, pela qual a palavra pode adquirir vários sentidos, manter e não perder os antigos, manifestando seu caráter cumulativo. No corpus aqui analisado, podemos destacar a palavra, ou especificamente, o verbo SEPULTAR como metáfora, pois entende-se a multiplicidade na dimensão de seus sentidos.

Um dos sentidos conhecidos para o termo sepultar consiste no ato de colocar o corpo de uma pessoa falecida em uma sepultura, entretanto, segundo as pesquisas de Bailey (1995), no oriente médio, até os dias de hoje, associa-se o ato de sepultar ao sentido de servir, acompanhar, cuidar. Desse modo, quando o homem pede a Jesus que deixe-o sepultar o pai, tem-se que, considerando o contexto histórico e a região em que esse diálogo teria ocorrido – Palestina do século I –, a palavra sepultar é usada como uma metáfora, já que ocorre a simultaneidade de sentidos entre o ato de permanecer junto a seu pai até a morte, cuidando-o, e as ações que envolvem o ato do sepultamento, os cuidados e as providências funerais.

Desse modo, segundo os estudos históricos de Bailey (1995), o segundo discípulo refere-se a sepultar como cuidar, acompanhar seu pai enquanto ele é vivo, o que significa que esse homem está mostrando sua intenção em adiar a sua partida para um futuro longínquo e incerto. Dito de outro modo, o homem mostra a intenção de adiar a decisão de seguir o grupo para um momento posterior à morte de seu pai.

Desse modo, a metáfora apoia-se na polissemia e nos casos em que, cessando de ser inovação, torna-se metáfora de uso, fator que mostra o circuito entre a língua e a fala (RICOEUR, 2015, p. 179). Assim, na segunda estrofe, dentre as possibilidades de metáforas, a palavra SEPULTAR é um dos casos que, segundo Ricoeur (2015), a metáfora torna-se usual.

Outra expressão idiomática tradicional e que, segundo Bailey (1995), é usada de forma recorrente entre os habitantes do Oriente Médio, é “*enterrar*” o pai, que se refere especificamente aos deveres do filho de ficar em casa e cuidar dos seus pais até que eles descansem em paz, ou seja, até os últimos dias de vida dos genitores.

Em diferentes ocorrências, segundo testemunhou Bailey (1995), ao se referirem à emigração, os habitantes discutiam: “*Você não vai sepultar primeiro seu pai*”? Essas conversas se davam entre pessoas que se dirigiam a um futuro emigrante que, potencialmente, se afastaria dos pais para sair do país e viver em outro local, deixando-os sozinhos ou, na concepção de muitos, abandonados. O questionamento que se estabelecia a partir dessa expressão se dava no sentido de que o possível emigrante não iria ficar até cumprir o que tradicionalmente era visto como dever, ou seja, a necessidade de tomar conta dos pais até a morte deles.

Bailey (1995) mostra que mesmo em aldeias isoladas da Síria e do Iraque, quando um filho rebelde pretende reafirmar sua independência em relação aos seus pais, recebe a repreensão “*Você quer me enterrar...*”, dando a ideia de que o filho queira que o pai se apresse em morrer para conquistar sua própria autoridade. O mesmo ocorre referente ao significado dessa palavra entre os libaneses, pois quando uma pessoa mais idosa estima que uma pessoa mais jovem a cuide na velhice e a faça fazer o sepulcro, ela profere: “*Você me sepultará, meu filho...*”, ou seja, remete a ideia de que o filho permanecerá ao lado dos pais até a morte.

Desse modo, comprova-se que os pressupostos, na perspectiva aqui destacada – que governa a linguagem através dessa palavra SEPULTAR – são os de que, na região do oriente médio, o filho tem o dever de permanecer em casa até a morte dos pais, só podendo pensar em outras opções após esse ocorrido.

Desse modo, segundo Ricoeur (2015, p. 289), “a polissemia inicial é igual à língua, a metáfora viva é igual à fala, a metáfora de uso é igual ao retorno da fala à língua, a polifonia posterior é igual à língua”. No caso da palavra SEPULTAR enquanto metáfora, são estabelecidas relações de sentido com o ato de cuidar, o que se dá pela especificidade que tem os dois atos (cuidar e enterrar). Além disso, revela-se evidente a impossibilidade de as análises metafóricas se limitarem à dicotomia saussureana de língua e fala, pois “é no discurso que a polissemia, caráter puramente virtual do sentido lexical, é passada pelo crivo” (RICOEUR, 2015, p. 194), sendo as práticas de vivência linguística de fala do povo daquela região a causa dessa manifestação metafórica.

Na terceira e última estrofe, também há uma metáfora em outro verbo. Há um diálogo em que um terceiro homem se prontifica a seguir o grupo, mas pede para, primeiro, DESPERDIR-SE dos familiares antes de ir. A palavra DESPEDIR também

pode ser apontada como uma metáfora, pois, há a percepção de uma semelhança entre duas ideias, eis que há sentidos simultâneos a serem observados.

Segundo Bailey (1995), através do Siríaco antigo, essa expressão significa uma formalidade observada de forma literal em todo o Oriente Médio e que ocorre em ocasiões formais e informais, sendo entendida, especialmente, com o significado de pedir permissão. Para exemplificar, imaginamos que uma pessoa sai e se despede dos que ficam, os quais respondem: “Que você possa ir em segurança!”, outorgando, com isso, a permissão pedida.

Para entendermos melhor, observemos que nessa terceira estrofe da parábola, o homem voluntário, antes de ir, pede para ir até sua casa DESPEDIR-SE, entretanto, segundo Bailey (1995), esse posicionamento remete um sentido específico da cultura do oriente médio, não significando apenas ir para casa para dar um abraço ou mesmo beijo afetuoso ou então ver os entes antes da partida e ouvir palavras de despedida, mas sim pedir permissão para os familiares e seus pais que estão em casa, e, por fim, expor a situação em que se encontra, submetendo-a à autoridade, principalmente, dos pais, conforme as tradições culturais de lá.

Tomando a expressão DESPEDIR-SE a partir da percepção cultural expressa por Bailey (1995) no sentido de que o voluntário teria a intenção de *pedir permissão* aos pais para ir junto com o grupo, essa ação demonstra a tradição histórica de que no oriente médio a autoridade dos pais é suprema e que é comum os filhos submeterem todos os detalhes da vida privada aos pais, mesmo com a maioria. Desse modo, a menção a DESPEDIR se configura como uma metáfora e estabelece relação de sentido ou simultaneidade de sentido com o ato de pedir permissão.

Segundo Sardinha (2007, p. 30), vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolha: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo, precisamos obedecer às metáforas impostas por nossa cultura. Isso faz com que entendamos que as metáforas encontradas nesse texto, com raízes longínquas de uma cultura ocidental – já que fazem parte da cultura do oriente médio – só possam ser entendidas a partir de pesquisas e orientações históricas, que, neste trabalho, nos foram trazidas a partir dos estudos de Kenneth Bailey (1995), registrados no livro *As parábolas de Lucas*.

Sobre os estudos relacionados à metáfora gramatical de Sardinha (2007), foi possível observar e torna-se interessante pontuar que as metáforas SEPULTAR e

DESPEDIR-SE mantêm a mesma função gramatical de verbo enquanto metáfora. Conforme Sardinha (2007), a metáfora gramatical diz respeito ao uso de um recurso gramatical quando se deseja exprimir a função de outro recurso gramatical, por exemplo, quando um substantivo ocupa a posição de um verbo, ação que é chamada de nominalização. Nesses casos, os dois verbos mantêm relações de sentidos com outros verbos de ação, tais como cuidar, preparar, servir ou acompanhar. Isso implica dizer que não podem ser consideradas metáforas gramaticais, enquadrando-se nas metáforas conceptuais também estudadas por Sardinha (2007).

Retomando os estudos de Ricoeur (2015), encontra-se uma explicação clara para a metáfora, relacionando-a à associação, perpassando sentidos, domínios de sentido diferentes – tanto o inanimado e o animado, ou o concreto e o abstrato –, fazendo correspondências sensoriais através das substituições de nome, associações por sentidos, quanto através de campos perceptivos diferentes. Nessa perspectiva, passamos a observar a próxima metáfora apontada no texto em que podemos perceber as associações do inanimado ao animado, do concreto ao abstrato, envolvendo as correspondências de campos perceptíveis diferentes.

Ainda na terceira estrofe, no diálogo de Jesus com o terceiro homem, é possível destacar as seguintes expressões metafóricas: TENDO POSTO SUA MÃO NO ARADO e OLHAR PARA TRÁS. Conforme Bailey (1995), essas expressões fazem menção a fatos agrícolas praticados no século I. O arado palestino é um instrumento que serve para lavrar, arar o solo, é considerado leve e pode ser guiado só com uma mão, geralmente a esquerda, e precisa ser conservado na posição vertical para manter a profundidade por meio da pressão e ser levantado quando no caminho há pedras e rochas.

O arador necessita guiar os bois e para isso precisa ficar atento às pernas traseiras do animal para não perder de vista o sulco (fenda) deixado na terra. A atividade de arar a terra com esse equipamento primitivo requer domínio, atenção e concentração, pois qualquer distração ou perda de foco na atividade pode representar a abertura de outra fenda, desproporcional à primeira, prejudicando o resultado do trabalho agrícola.

Para arar a terra, era necessário ser cuidadoso e minucioso, pois o instrumento do arado era difícil de manejar e demandava que fossem seguidos passos principais nessa atividade: primeiro, abriam-se sulcos com margens largas para absorver a

chuva, depois, era preciso arar novamente após as chuvas, fazendo sulcos mais próximos para propiciar a drenagem, e, após, era necessário arar mais algumas vezes para cobrir a semente, usando outro aparelho, ainda mais pesado que o arado.

Toda essa atividade precisava ser desempenhada com exatidão, pois era uma operação muito exata, iniciando com a abertura de estrias para absorção da água, sulcos para permitir a drenagem, preparar o solo e, por último, cobrir a semente. Tendo em vista todos esses processos, é possível concluir que qualquer pessoa que desempenhasse essa ação deveria ter muita responsabilidade e deveria dedicar uma atenção muito grande.

A partir da resposta de Jesus afirmando que *“ninguém que, tendo posto a mão no arado olha para trás, é apto para o reino de Deus”*, destaca-se a expressão “MÃO NO ARADO”, ato de execução da tarefa agrícola relacionado a colocar a mão no arado e dirigir a junta de bois. Essa expressão pode ser considerada metafórica, pois estabelece uma relação de sentidos, pois, além do significado agrícola, há também o sentido que se refere ao ato de seguir Jesus em suas peregrinações.

É possível comparar a relação de sentido entre as peculiaridades necessárias para realizar a atividade agrícola e as demandas necessárias para seguir Jesus e seu grupo. A simultaneidade de sentido se configura em razão de que as duas práticas necessitam de habilidades voluntárias, de coragem, força, determinação, pois são consideradas de grande responsabilidade. A relação de sentido gerada pela expressão “MÃO NO ARADO” com o ato de seguir Jesus e o grupo não elimina sentidos precedentes, apenas os relaciona considerando os contextos das palavras.

Já a expressão “OLHAR PARA TRÁS” pode ser considerada metáfora em razão de que se alguém está com a *“mão no arado”* (metáfora que pode relacionar-se ao cenário agrícola ou pode significar seguir Jesus em seu projetos) não deve olhar para trás para não prejudicar o trabalho, assim, a expressão “OLHAR PARA TRÁS” no contexto desta parábola, pode, mais do que se distrair ou perder o foco, significar o fato de não expressar lealdade ao ato requisitado, o de servir a Deus.

Pertinente pontuar que isso não se confunde com sinonímia na medida em que, na metáfora, são considerados os vários significados para uma palavra, e, na sinonímia, são consideradas as várias palavras para significados semelhantes. Nesses casos, a expressão “olhar para trás” é uma expressão com dois possíveis

significados que se relacionam semanticamente: não vigiar propriamente a atividade com a terra; e distrair-se, não focar na missão com Jesus.

Essa metáfora é uma expressão formada por três palavras em que há a dependência da significação da palavra à significação da frase como um todo. Para Ricoeur (2015), uma vez feita a soma de sentidos parciais considerando o contexto do discurso em que se encontra, é valorizado o papel atribuído aos campos associativos que permitem manter a metáfora.

Retomando os objetivos deste trabalho, que se movem em torno da análise e da descrição do sentido construído a partir das metáforas em parábolas bíblicas, sendo priorizadas as que estão presentes no evangelho de Lucas do Novo Testamento e o problema que motiva a realização deste estudo manifesta a seguinte questão: como a metáfora, em parábolas do evangelho de Lucas do Novo Testamento, colabora com a construção do(s) sentido(s) desse gênero textual, orientando a leitura e a compreensão desses textos? Destacam-se as relevantes contribuições do estudo sobre a metáfora para o trabalho com o texto, seja ele tratado em lócus escolares ou em outros contextos.

Colocar a metáfora em lente de aumento, principalmente, a partir dos estudos de Ricoeur (2015), possibilitou enxergar visões singulares de estudos que foram desenvolvendo-se ao longo dos tempos, sendo possível entendê-la e descrevê-la como recurso linguístico na construção de sentido no texto. A metáfora tem papel inigualável no discurso, visto que sua existência é possível de ser analisada diante da percepção dos sentidos de uma palavra em uma frase, repercutindo em uma enunciação já tensionada por outros sentidos (RICOEUR, 2015, p. 207).

A análise das metáforas em parábolas do evangelho de Lucas, realizada a partir de bases históricas que mostraram facetas peculiares de palavras e de suas mutações de sentidos, possibilitou a compreensão dos conceitos e as descrições da semântica da palavra e, também, viabilizou que fossem determinados os significados e serem admitidos no discurso por associações e semelhanças. Importante destacar, nesse contexto, que a denominação, quando há uma palavra no lugar de outra, opera sobre a predicação, desse modo, a metáfora ocorre por um fio condutor em que há associações e semelhanças nos sentidos entre as palavras, pondo em jogo operações predicativas (RICOEUR, 2015, p. 206).

Foi possível situar e compreender a articulação entre a semântica da palavra e sua articulação com a frase nas parábolas bíblicas analisadas. As palavras analisadas como metáforas passaram pelo crivo da polissemia e disseminam sentidos moldados pelas culturas pertencentes, acumulando sentidos (RICOEUR, 2015, p.197).

Essas palavras têm seu funcionamento predicativo impresso nela mesma, ou seja, sendo elas metáforas, a compreensão de seu sentido ocorre ao encaixar-se no contexto da frase. A palavra não perde sua autonomia, continua tendo suas diversas acepções, mas é no contexto do enunciado que o sentido pode ser identificado (RICOEUR, 2015, p. 199-200).

Com este estudo, foi possível também compreender a articulação entre a semântica da palavra e sua articulação com a frase, uma vez que há um jogo recíproco entre a palavra e a frase, já que a palavra contém um capital semântico e, ao fazer parte da frase, apresenta um potencial de sentido que expressa um valor para aquele determinado contexto (RICOEUR, 2015, p. 202).

Segundo Ricoeur (2015), “esta ação do contexto-frase, discurso, obra, situação do discurso – como redução de polifonia, é a chave do problema que põe em movimento todo este estudo” (RICOEUR, 2015, p. 203). Nesse caso, tudo está interligado, pois os sentidos são simultâneos e são definidos no contexto do texto, visto que a teoria da metáfora palavra e a teoria da metáfora enunciado estão na mesma relação, a palavra no contexto do enunciado assume suas funções (RICOEUR, 2015, p. 204).

4. 2 A figueira estéril - Lucas 13.06-09.

Nesta seção, dedicamo-nos à análise da segunda parábola, *A figueira estéril*, presente em Lucas, capítulo 13, versículos 6 a 9. Colocamos em circulação, para isso, questões permeadas por alguns dos aspectos relacionados aos estudos históricos e culturais realizados por Bailey (1995).

A parábola *A figueira estéril* é composta de cinco estrofes e também contará com a contribuição de Bailey (1995) para seu entendimento enquanto narrativa histórica. De modo geral, a parábola *A figueira estéril* começa com um plantio e termina com a possibilidade de arrancar o que fora plantado. Especificamente na primeira estrofe, podemos perceber o dono de uma vinha que está totalmente

interessado na frutificação dela, mas um problema é apontado nessa estrofe inicial: o de não ter encontrado nenhum fruto na figueira.

Na estrofe dois, inicia um diálogo em que o proprietário da vinha diz a um vinhateiro que durante três anos esperava que a figueira produzisse frutos, mas está desapontado, pois a figueira não produziu os frutos tão esperados.

A estrofe três mostra a ordem do dono para que a figueira seja arrancada do espaço, pois sua preocupação move-se para a perda da força do solo, já que a figueira, sem produzir frutos, estaria apenas ocupando uma terra possivelmente produtiva e exaurindo-a.

A estrofe quatro também apresenta um diálogo, dessa vez por parte do vinhateiro que sublima o problema, pedindo perdão e oferecendo uma segunda opção para a figueira: cavar ao redor da planta e espalhar esterco para que a planta possa ter novas condições de se desenvolver e produzir.

A última e quinta estrofe termina com o diálogo do vinhateiro sugerindo uma providência a ser tomada se após o ato agrícola na tentativa de reviver a árvore que está infrutífera falhar: a de que depois de um tempo, suficiente para a renovação esperada da planta, se a figueira não reagir, seja arrancada.

Move-se as atenções ao levantamento das metáforas em cada parábola e identificação do trabalho e manipulação da linguagem utilizada na sua construção. Dentre as diversas formas de transmitir efeitos semânticos ao interlocutor, cabe à análise observar, identificar e refletir o uso da metáfora como recurso de sentido, partindo da identificação de cada ocorrência dessa figura e, em seguida, procedendo à análise do sentido construído por ela com base nos estudos desenvolvidos por Paul Ricoeur (2000) e Tony Berber Sardinha (2007).

Para a melhor compreensão seguir desse percurso, transcrevemos a parábola *A figueira estéril* na íntegra com as respectivas possibilidades de metáforas destacadas em negrito e sublinhadas: FIGUEIRA, VINHA, FRUTO, ARRANCA-A, CAVE AO REDOR DELA, ESPALHE ESTERCO.

A figueira estéril (Lucas 13: 06-09).

“Então, Jesus contou a seguinte parábola:

Certo homem tinha uma figueira plantada

em sua vinha
 e ele foi procurar fruto nela
 e não encontrou nenhum.

E ele disse ao vinhateiro:
 “Eis que nestes três anos
 Tenho vindo procurar fruto nesta figueira
 E não encontro nenhum.

Arranca-a!

Por que ficaria ela sugando o solo?”

Mas ele, respondendo, lhe disse:
 “Senhor! Perdoa-a este ano também
 Até que eu cave ao redor dela
 E espalhe esterco.

E se ela der fruto no futuro
 E se não der
Arrancá-la-ás.

Na primeira estrofe, encontramos três palavras que podem ser consideradas metáforas: FIGUEIRA, VINHA e FRUTOS.

Primeiramente, destacamos como metáfora a palavra FIGUEIRA na parábola. Essa planta aparece presente em vários evangelhos do antigo testamento bíblico como símbolo da paz. Isso é comprovado, dentre outros textos, nos livros de Miqueias(4:4) e Zacarias (3:10), os quais mostram que em tempos de paz cada homem se sentará sob sua própria figueira.

Segundo Bailey (1995), é possível encontrar antecedentes literários na Bíblia como um todo para fazer relações de sentido entre materiais que aparecem nas parábolas, sendo esse um dos exemplos. Desse modo, esse foi o critério para a mudança de sentido, já que a palavra figueira é encontrada diversas vezes não com

seu emprego literal – uma espécie de planta –, mas sim com um viés relacionado ao sentido de paz.

Outro questionamento pertinente é a observação da escolha, na parábola, da menção à planta figueira e não a uma videira em uma vinha. Isso remete outra vez ao sentido positivo repetidamente atribuído às figueiras. Segundo Bailey (1995), a figueira produz frutos 10 meses por ano, de forma que, em qualquer tempo, pode-se encontrar frutos nela. Isso implica dizer que se relacionam as ideias de conforto e comodidade que a planta garante e proporciona aos que se alimentam e se servem dela.

De acordo com Bailey (1995), em partes de Novo Testamento – tal como em Lucas 20:19 –, as figueiras podem ser associadas também aos sacerdotes, aos líderes religiosos e aos escribas, que, na época, eram os homens que interpretavam as leis. Os principais sacerdotes demonstravam a percepção de que essa parábola poderia fazer referência também a esses líderes religiosos na medida em que a palavra figueira poderia representá-los. Assim, a crítica da parábola recaía sobre essas lideranças religiosas da nação, pois eram as pessoas que teriam possibilidades de promover a paz a partir de seus feitos.

A figueira estéril, desse modo, torna-se a metáfora da crise na liderança religiosa da época, pois ocorre uma simultaneidade de sentidos no corpo do texto. A figueira, sendo infrutífera, é incapaz de produzir frutos para servir de alimento, já a liderança, se não produzir frutos, pode ser caracterizada como incapaz ou ineficaz no contexto da nação, não tendo sucesso na propagação de seus ideais ou de suas concepções de promover a paz entre todos.

Entendemos “a metáfora como a figura entre as mudanças de significação” e “seu eixo central é fornecido pela constituição sincrônica dos estados da língua” (RICOEUR, 2015, p. 173). Isso implica dizer que, para que a palavra figueira fosse tratada como metáfora nessa parábola, foi necessário admitir a importância de contextos específicos, ou seja, valorizar os aspectos sincrônicos da língua, o modo em que se encontrava a língua em um determinado momento histórico.

Fazendo um recorte no tempo, com a contribuição dos estudos de Bailey (1995), foi possível perceber a relação de sentidos simultâneos que essa palavra, figueira, carregou, o que leva à sua caracterização como uma metáfora. No século I Palestino, a figueira, enquanto árvore, representava a paz por tudo que oferecia ao

homem – como a sombra e os frutos, entre outros. Tal semântica não se constitui a partir de sua acepção literal, mas sim, a partir de um dos sentidos que a palavra adquiriu naquele contexto e por aquelas pessoas.

Sabendo que, segundo os estudos de Ricoeur (2015), a polissemia é o fenômeno chave para a explicação da metáfora, tornou-se possível entender, a partir dessa premissa, que na palavra figueira há relações semânticas diversas, dada a possibilidade de que um nome tenha mais do que um sentido (RICOEUR, 2015, p. 177). Assim, na palavra figueira, além do significado de planta, tem-se o significado de paz. Dito de outro modo, nesse termo, são distinguidas várias acepções (RICOEUR, 2015, p. 179).

A acepção de paz que a palavra figueira recebeu, provinda do século I, comum e significativa para aquela época, comprovou a diversidade, as singularidades de experiências humanas e as suas peculiaridades ao comunicarem-se, características essas próprias para o surgimento das metáforas que são fenômenos de fala e que acontecem espontaneamente (RICOEUR, 2015, p. 181). Esse contexto evidencia que o poder de acumulação da palavra é essencial para a compreensão da metáfora, pois “é necessário, além do mais, que ela (a palavra) possa adquirir um novo sentido sem perder seu sentido anterior, pois essa acumulação é essencial para a compreensão da metáfora” (RICOEUR, 2015, p. 183). Desse modo, o fato de a palavra figueira receber um novo sentido – o de paz – e não perder seu sentido anterior – o de planta – implica descobrir uma nova acepção para ela, ou seja, acarreta a revelação de outro possível sentido que ela ganhará ao fazer parte da frase e do texto como um todo.

Sabemos que “é no discurso que a polissemia, caráter puramente virtual do sentido lexical” é necessária “para definir as diversas acepções de uma mesma palavra, sejam usuais, sejam insólitas”, de modo que, para isso, é “necessário justamente recorrer a seu emprego contextual” (RICOEUR, 2015, p. 194). Passamos, então, a colocar a palavra figueira no contexto da parábola, o que possibilitará que procedamos a uma explicação sobre a metáfora relacionada aos líderes religiosos e à crise também religiosa.

Na medida em que a palavra figueira é inserida no corpo do texto, suas acepções – planta (única figueira em uma vinha) e símbolo de paz naquela época – entram em tensão com os outros significados existentes. Dito de outro modo, é possível perceber a constituição de um jogo de sentido entre as palavras e a frase.

Já a menção à figueira estéril constitui a metáfora da crise na liderança religiosa da época. Para compreender isso, é preciso perceber que é “o contexto verbal que tornará possíveis os desvios” (RICOEUR, 2015, p. 194), ou seja, a figueira pode ser lida enquanto planta, diferente em espécies das videiras na vinha, mas também pode ter como sentido a paz, e, além disso, pode estar relacionada com a figura dos líderes religiosos, que também se destacavam diante de outras pessoas, pois uma das atribuições de seu era promover a paz. Sendo a figueira estéril, logo, a liderança religiosa também terá aspectos negativos.

Para Ricoeur (2015, p. 168), “O atributo comum, produzido pela abstração, funda a similitude entre o sentido transposto e o sentido próprio”. Os dois elementos de significação de uma metáfora comportam-se, portanto, como duas espécies reunidas pela representação de um gênero. A figueira infértil, nesse cenário, constitui-se como um elemento, planta da paz; e líderes religiosos, com a missão de promover a paz, como outro membro, para assim representar um gênero que é a crise religiosa.

Como atributo comum entre ambos, figura a paz, significado que foi produzido pela abstração. Isso fundou a semelhança de sentidos entre a planta e os líderes religiosos, por ambos significarem de alguma forma a paz e se destacarem por suas funções diante dos demais. Tal contexto possibilitou a semelhança entre o sentido transposto da planta da paz para os líderes religiosos, estabelecendo uma relação entre a planta que não produzia frutos e a crise na religião.

A palavra FRUTOS, especificamente, também pode ser considerada metáfora e podemos relacioná-la novamente com a figueira, árvore característica da Palestina no sec. I. Como descrito por Bailey (1995), a figueira produz frutos na maior parte do ano, o que causa estranheza em relação à parábola, já que os frutos, no texto, não vingam. O fato de essa planta não produzir frutos pode ser relacionado a outras passagens bíblicas de Isaías, por exemplo em 9:16, quando menciona o fato de a figueira não produzir frutos com os dias idólatras em que Oséias vivia. Já em Oséias 9:10, relaciona-se o figo (FRUTO) como símbolo de um povo puro, inocente e responsável.

A palavra frutos estabelece relação de sentido com a palavra povos, tanto pela característica de ser um elemento vivo, com suas fases do nascimento até a morte, quanto pela disposição de servir ao outro, seja como alimento, seja através das

relações pessoais. Assim, essa similitude de atributos comuns de sentidos permite que a palavra frutos seja a metáfora para a palavra povos na parábola.

Desse modo, sendo a figueira a metáfora que representa os líderes religiosos, podemos relacionar os frutos que provêm da árvore ao povo que, ouvindo seus líderes, deveriam manifestar a pureza, sabedoria, responsabilidade, dentre outros valores positivos. Logo, na ausência de frutos, há a impossibilidade de haver um povo com tais virtudes.

De acordo com Sardinha (2007), que em sua obra “Metáfora”, apresenta, ainda no capítulo dedicado às teorias da metáfora, os estudos da metáfora sistemática, identifica que ela se refere a uma abordagem discursiva, ou seja, a uma metáfora em uso. Realmente a metáfora da palavra frutos, podendo remeter ao significado que se refere aos povos da época, só pode ser confirmada com a certificação de que havia indícios dessa recorrência de abordagem pelos falantes da época, como nesse caso comprovado por outra passagem bíblica, Oseias 9:10, que explica essa significação dos povos, os quais deveriam ser considerados como os frutos.

A palavra VINHA pode ser considerada a metáfora de nação. O acréscimo de sentido ocorre na medida em que podemos comparar as relações de sentido entre uma vinha, local ou grande extensão em que se encontram muitas videiras sendo cultivadas, com a nação, no caso Israel, que é considerada um local, território que abrange um grande número de pessoas definidas pelo conjunto de características culturais, tradições, língua, costumes, entre outros fatores, que formam uma identidade pela qual os indivíduos se identificam e se sentem partes de um grupo.

A palavra vinha também pode ser encontrada em outros textos bíblicos, como por exemplo em Isaías 5: 5-6, remetendo ao símbolo de uma nação, nesse caso Israel, local em que Jesus vivia e é referido na parábola. Essa análise linguística de mudança repetida de significação mostra a escolha de uma palavra como portadora de sentidos em um determinado contexto. Segundo Ricouer (2015), são inovações que ocorrem nos fenômenos de fala, e, individualmente, difundem do social e inovam repentinamente a significação.

Segundo Ricouer (2015), a metáfora apresenta caráter de dupla visão. Essa dupla visão é instaurada pelos falantes, e, neste trabalho, comprova-se pelo fato de esses casos das palavras analisadas serem recorrentes, visto que em Lucas 20:19, na parábola da vinha, também podemos perceber a presença da mesma relação de

sentido atribuída a uma vinha, remetendo a um entendimento de território, dentre outros aspectos de crítica aos líderes religiosos.

Essa parábola da vinha em Lucas está em consonância com a parábola da figueira infrutífera, sendo que os dois textos se manifestam contrariamente à ação da liderança religiosa em relação à nação. É possível perceber, na parábola da vinha, a recorrência da simultaneidade e a similitude de sentido nas relações da palavra vinha com a palavra Israel. Do mesmo modo, há várias figueiras que dão vida a frutos bons, ou seja, há figueiras que representam os líderes religiosos bons, que através de suas pregações conseguem materializar bons frutos, e em uma relação de sentidos, direcionar às pessoas bons valores perante a sociedade.

Na segunda estrofe, evidencia-se, então, a inexistência de frutos na figueira e como consequência, na terceira estrofe, aparece a sugestão de arrancar a árvore infrutífera: ARRANCA-A. Recorrendo à história, segundo Bailey (1995), no ocidente, os lenhadores apenas cortam as árvores em seu tronco, já no oriente médio, a árvore é arrancada, pois a árvore, seu tronco e maior parte da raiz é considerada como um bloco e é removida por inteiro. Essa cena agrícola contada na parábola mostra expressamente a movimentação cultural de eliminar radicalmente a árvore pretendida.

Sendo assim, a expressão ARRANCA-A, referindo-se à figueira infrutífera, pode ser considerada uma metáfora significando extinção, ou seja, acrescenta-se o sentido de que os líderes religiosos da nação deveriam ser arraigados por completos de suas funções já que não estariam tendo resultados esperados em suas ações com o povo.

Já na estrofe quatro e cinco, finaliza a parábola com algumas soluções e providências, e como solução apontada é oferecida a alternativa de CAVAR ao redor da figueira e ACRESCENTAR ESTERCO, e a providência, no caso de a figueira ainda não produzir frutos, é de ser arrancada do solo, como mostra a parábola: ARRANCÁ-LA-ÁS.

Segundo Bailey (1995), na estrofe quatro, são dois atos agrícolas que são dados como período de graça e atenção planejados à situação da figueira, o de cavar e de acrescentar esterco. Soma-se à análise de sentidos o cântico da vinha em Isaías 5, em que predominam dois temas: o juízo e a misericórdia. Nesse caso, a figueira sendo a representação dos escribas e principais sacerdotes, tendo como principal crítica nessa parábola a ação falha da liderança religiosa sobre nação, seria ordenado,

primeiramente, o corte, ato em que predominaria o juízo da ação que requer que a árvore seja arrancada pelas razões expostas anteriormente.

Já o ato de dar uma segunda oportunidade, cavando e acrescentando esterco, está estritamente ligado ao sentido de misericórdia, visto que há a intenção de que se tente reviver a árvore infrutífera. A simultaneidade de significados gira em torno do ato de cavar e adubar a terra, que está relacionado às ideias de possibilidades de redenção e misericórdia à figueira, ou seja, aos líderes religiosos serão dadas mais algumas chances de executarem melhor seus propósitos, caso contrário, o ato de arrancar a figueira das terras já férteis será firmado, de modo que o ato de arrancar relaciona-se à ideia de juízo. De acordo com as relações de sentido, a menção a CAVAR e a ACRESCENTAR ESTERCO se estabelece como metáfora para misericórdia e o ato de ARRANCAR como metáfora para juízo.

De acordo com Sardinha (2007), entendemos que as expressões metafóricas, como nos casos acima citados, são licenciadas ou motivadas pela metáfora conceptual, isso faz com que elas não possam ser inventadas aleatoriamente, sua construção de sentido acontece no uso, é uma representação mental, compartilhada por uma sociedade (SARDINHA, 2007, p. 32, 33). Como vimos nos casos acima, as expressões só puderam ser consideradas metafóricas em razão de que é característico do ser humano fazer uso da linguagem, aproveitando suas disposições, sendo a metáfora um fenômeno cognitivo.

Podemos perceber, com base nas contribuições de Sardinha (2007), que o estudo sobre a metáfora contribui para a compreensão dos diferentes tipos de texto, fazendo-nos entender as diversas possibilidades de significados, associá-las com experiências que ocorrem nos campos de atuação humana, tendo possibilidades de conceitualizar melhor o mundo e as pessoas à nossa volta, seus sentimentos, suas intenções, problematizar temáticas distintas, gerir vivências com mais propriedade tendo em vista os novos conhecimentos em termos de sentido (SARDINHA, 2007, p. 16).

A respeito da discussão das análises, observando questões do gênero textual, a prática de ler os vários sentidos de um texto proporciona um olhar mais crítico diante das intenções dos diferentes grupos sociais na prática de vivência e ajuda a perceber as possíveis ideologias dominantes, as excluídas, as que mostram os vários conceitos da humanidade. Perceber a importância da metáfora enquanto fenômeno da

linguagem contribui para as operações diárias, podendo também repercutir no desenvolvimento social.

Isso porque pode ser o instrumento para criar novos conhecimentos, podendo ser usadas no dia a dia para complementar nossa comunicação, contribuir na nomenclatura e expressão de ideias, proporcionar soluções práticas em termos de linguagem, facilitando as línguas no que diz respeito à economia de vocabulário.

Tendo em vista que as metáforas são culturais, dependem de ideologias e pensamentos dos povos que as usam, é possível perceber que a metáfora tem possibilidade de denunciar a realidade, influenciar através da manipulação da linguagem e restringir a democratização de sentidos no texto de tal modo que, segundo Sardinha, “muitos conceitos só podem ser entendidos como metáfora”.

Assim, através dessa experiência de análise da construção de sentido da metáfora em textos, é possível perceber que os campos da semântica são férteis e que dominá-los exige esforço e interesse, visto que são de extrema importância, já que dispõem de recursos naturais inerentes à nossa vivência, como é o caso da metáfora.

Inicialmente, foram estabelecidas bases relacionadas aos gêneros textuais a partir de Bakhtin (1997), considerando suas contribuições em termos de uso dos gêneros enquanto formas no uso da língua sendo determinadas sócio historicamente.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros do discurso resultam em formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado, determinadas sócio historicamente. Tal como nos é dada a língua, está páreo ao nosso uso uma infinidade de gêneros para suprimos nossas necessidades de comunicação, sendo que suas formas vão sendo moldadas pelo uso e materializadas ao longo do tempo.

As parábolas escolhidas para análise, extraídas do suporte textual da Bíblia, mostram a concretização do uso da linguagem oral pelo personagem Jesus Cristo na época em que viveu. Para Bailey (1995), as parábolas foram proferidas por Jesus Cristo em suas pregações por volta do primeiro século na região do Oriente Médio, época em que predominava o desconhecimento científico e, de modo geral, tecnológico.

Segundo Bailey (1995), o uso de parábolas adotadas por Jesus era uma forma política de usar a linguagem que se concretizava por meio de histórias curtas ou

longas direcionadas às pessoas que o ouviam, sendo na sua maioria aldeões árabes, pequenos agricultores, artesões, comerciantes e escravos, entre outros.

As parábolas escolhidas para esta análise foram utilizadas diante de uma situação social específica, foram consequência de um momento histórico ao qual estava inserida, mas sua leitura perpetua até os dias atuais, repercutindo significados. Segundo Bakhtin (1997), o gênero surge e acontece em campos de atividade humana específicos, reflete uma natureza padronizada, pode permitir expressões de criatividade e na sua singularidade é escolhida pelo sujeito na sua intenção comunicativa. Assim, dependendo da esfera pela qual o discurso transitará e da sua composição de participantes, serão dadas as suas condições de produção e seu conteúdo temático.

Desse modo, Bailey (1995) pondera que as parábolas, sendo contadas por Jesus em uma época remota, sempre tinham o endereço certo de algumas figuras específicas israelitas da época, manifestando-se oralmente, eram contadas diante de situações específicas vivenciadas por Jesus.

De acordo com o evangelho de Lucas, a parábola *A raposa, o funeral e o arado*, presente em *Lucas 9: 57-62*, foi contada por Jesus na sua partida a Jerusalém em período próximo à páscoa, segundo Bailey (1995), o contexto histórico era marcado pelo governo de Herodes Antipas, um príncipe considerado leviano, acusado de vários crimes em seu principado.

Em termos de enredo, segundo o evangelho de Lucas, capítulo 9, Jesus, diante de uma situação de perseguição, pressentindo que seria condenado à morte, escolhe essa parábola para se manifestar aos doze discípulos escolhidos que o acompanhavam e, especialmente, a outros caminhantes que iam juntando-se a eles e manifestavam a intenção de tornarem-se discípulos.

Comunicar-se por parábolas já era um meio utilizado por povos anteriores, e, na parábola *A raposa, o funeral e o arado*, Jesus apresenta alguns diálogos em que são discutidas questões de natureza teológica. Bailey (2015) caracteriza esse tipo de parábola, que tem seu formato e funcionamento específico, como parábola em um diálogo teológico, o que caracteriza este texto como um gênero textual produzido nessa situação específica.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico em que estão inseridos, e, segundo as pesquisas

de Bailey (1995), as parábolas, enquanto gênero, prevalecem em seu formato inicial, com poucas modificações em sua estrutura, mesmo que sendo reproduzidas por vários suportes atualmente.

Como mostra Marcuschi (2017), o conceito de gênero refere-se aos textos materializados em nossa prática diária, assim, as parábolas constituíram-se, inicialmente, de forma oral, pois eram histórias contadas nas experiências de vivência em tempos remotos, tornando-se, posteriormente, formas textuais escritas já que eram estáveis, situadas historicamente e socialmente.

De acordo com os estudos de Marcuschi (2017), o gênero textual, pertencendo a um suporte, é sempre identificado a ele. Nesse caso, as parábolas, inicialmente, poderiam ser lidas, praticamente, só pela Bíblia, livro escrito e impresso, com o desenvolvimento das tecnologias e em meio a era digital, atualmente, podem ser acessadas de diferentes suportes, sendo acessadas e disponibilizadas de diversas formas pela mídia internet, seja por vídeos, áudios, entre outros formatos.

Tendo em vista que o problema desta análise questiona como se manifesta a construção de sentido da metáfora no gênero textual parábola e como a metáfora colabora com a construção de sentidos, prioriza-se, nesta análise, a leitura das parábolas considerando a visão sobre o contexto histórico e social em que o gênero se manifestou na época do primeiro século.

Desse modo, com contribuição de Bailey (1995), serão absorvidas as tendências políticas, culturais em que viveram os habitantes da era herodiana, com suas opressões, terrores sofridos por Roma e submissões, mas deixarão abertas possibilidades de leituras metafóricas considerando contextos políticos e culturais atuais dos leitores contemporâneos.

Bakhtin (2003) destaca que há uma infinidade de situações comunicativas e chama atenção para o fato de que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua. Diante da infinidade de gêneros, vincula-se a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Essa imensa heterogeneidade levou o autor a realizar uma “classificação”, dividindo-os em primários e secundários.

A parábola classifica-se como primária, segundo Bakhtin (2003), pois considera-se que nos primórdios aludia e fazia referência às situações comunicativas cotidianas da época em que Jesus viveu, espontâneas, não elaboradas formalmente,

informais, que sugeriam uma comunicação imediata. Distinguir a natureza do gênero, segundo Bakhtin (2003), é importante para as pesquisas de linguagem, já que nesta análise se trabalha com dados e investigações que levam em conta a historicidade da informação.

Consideramos que o objetivo geral deste trabalho é analisar propôs-se a descrever o sentido construído com metáforas em parábolas bíblicas no evangelho de Lucas do novo Testamento, mesmo assim, abrimos oportunidades para ultrapassarmos os limites do tempo e refletirmos possibilidades de sentidos nas parábolas escolhidas quando lidas em contextos atuais. Isso se efetiva em razão de que a parábola gera, para muitos leitores, certas dúvidas em termos de interpretação de seu sentido, principalmente pela presença de várias metáforas nesse tipo de gênero.

Essa possibilidade de considerarmos as diferentes esferas de sentido em relação ao tempo surge em função da afirmação de Bakhtin (2003) no sentido de que muitas pessoas que apresentam um amplo conhecimento em relação a uma determinada língua sentem-se pouco potentes em algumas situações por não dominarem os gêneros de dadas esferas. Para o autor, é a própria vivência em situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso que exercitam a competência linguística do produtor de enunciados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema que intitula este trabalho permite que nos debruçemos sobre a metáfora, fenômeno de linguagem tão presente em nossa comunicação e que se configura como recurso da língua que adquirimos e manifestamos espontaneamente ao organizarmos e expressarmos nosso pensamento. Tal prática é tão recorrente que comumente fazemos uso dela sem nem mesmo perceber.

O mundo à nossa volta exige que façamos leituras a todo instante, as quais nos envolvem com manifestações diversas e criativas da linguagem, seja de forma escrita ou falada. Isso faz com que estudos como esse, que exploram as potencialidades de comunicação em textos verbais, se tornem tão importantes e contribuam satisfatoriamente para o ensino, visto que, para muitos alunos, ler os vários sentidos do texto ainda é uma prática desafiadora.

Estudar a metáfora, nesse caso em parábolas bíblicas, analisar e descrever seu sentido a fim de entendê-la e descrevê-la como recurso linguístico na construção de sentido no texto, neste trabalho, possibilita adentrar no universo da linguagem e proporcionar aos pesquisadores e amantes da metáfora inspirações para trilharem outros caminhos de pesquisa referente a ela que também possam explorar o trabalho feito com a linguagem pelo sujeito.

Nesse universo, deseja-se, no que concerne aos professores e ao fazer docente, que este trabalho seja um despertar para uma prática de ensino com metodologias e didáticas que trilhem a criticidade em seus alunos quando expostos aos discursos e aos estudantes e interessados nessa figura de linguagem. Os trabalhos aqui desenvolvidos visam, além disso, possibilitar o exercício da intelectualidade a partir do contato com textos que fazem uso das diferentes possibilidades e sentidos da língua para impressionar, influenciar ou suggestionar.

O problema que motivou a realização deste estudo manifestou-se pela seguinte questão: como a metáfora, em parábolas do evangelho de Lucas do Novo Testamento, colabora com a construção do(s) sentido(s) desse gênero textual, orientando a leitura e a compreensão desses textos? A resposta está pautada na possibilidade de abordar o recurso da metáfora em textos pouco explorados, como os textos bíblicos, e de mostrar que o trabalho com a construção de sentidos, na tentativa de persuadir e chamar a atenção do leitor, está presente nos mais diversos gêneros.

Esse problema ser abordado e pesquisado, principalmente, com base nos estudos do filósofo Paul Ricoeur – que coloca o sentido (no discurso) como centro de suas reflexões – enriquece o trabalho, visto que ele segue uma linha que implica estudar a metáfora que inicia na palavra, que se integra na frase e que faz sentido no discurso como um todo.

Ler os vários sentidos de um texto pode não ser, para alguns, uma tarefa fácil, mas é para todos algo impreterivelmente necessário, pois deparar-se com alguns tipos de textos demanda a habilidade em discernir elementos que contribuem para uma eficiente interpretação. A ausência dessa percepção leva à não compreensão de diferentes nuances relacionadas ao texto, o que pode fadar o sujeito ao fracasso no que diz respeito a uma efetiva leitura.

Assim, com base na premissa de que o uso da linguagem é o meio mais apropriado que o homem encontrou para viver em sociedade, se revela pertinente colaborar para a sua compreensão, assim, trabalhos de pesquisa nessa área, principalmente envolvendo a figura de linguagem da metáfora, compactuam para o exercício de desenvolver o pensar no aluno, para desenvolver sua capacidade de analisar, refletir e questionar antes de fazer escolhas.

A metáfora contribui nos estudos do texto na medida em que é possível, através dela, compreender as escolhas e as intenções utilizadas por esse recurso de linguagem, tendo em vista que textos nos quais ela está presente, muitas vezes, permeiam atividades sociais expressivamente importantes. Segundo Sardinha (2007), contextos como a divulgação científica, comunicações da imprensa e de empresas em geral são esferas nas quais se estabelece estreita relação com a metáfora na comunicação.

Nesse sentido, merece destaque a grande contribuição deste trabalho para minha trajetória acadêmica, já que o uso e a manipulação da linguagem sempre me interessaram e a escolha desse gênero textual proporcionou a imersão em um universo histórico distante deste em que vivemos. Este estudo representou, portanto, a possibilidade de, através da metáfora, descobrir diferentes intenções relacionadas à significação.

Por fim, pertinente pontuar que, embora tenha sido pauta da investigação científica que amparou esta dissertação, a metáfora continua sendo um campo vasto

para análises e merece mais espaço nos *lócus* escolares diante das práticas de ensino.

6 REFERÊNCIAS

A METÁFORA EM PAUL RICOEUR. Puc-Rio. Certificação digital nº 0610706/CA. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12438/12438_4.PDF.

BAILEY, Kenneth. *As Parábolas de Lucas*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277.

BAKHTIN, Mikhail. Problemática e definição. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279.

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 289.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013.

FLORES, Valdir. *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, p. 127- 154. 2013.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4. ed. São Paulo, 2016.

MACARTHUR, John. *As parábolas de Jesus*. Rio de Janeiro: Vida Melhor. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, Análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. *Análise Discursiva da Metáfora: Revisitando o Estruturalismo Saussuriano*. 2008. 129f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3697/1/tese_3088_Luciana%20M%20B%20M%20arques.pdf.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. A metáfora em três níveis: a estruturação de Ricoeur. In: *Análise Discursiva da Metáfora: revisitando o estruturalismo saussuriano*. 2008. 129f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

MULLER, Inácio Henrique. Mito da Caverna de Platão e as Tecnologias do período contemporâneo. *Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica*, Sinop. Disponível em: <http://www.isciweb.com.br/revista/267-mito-da-caverna-de-platao-e-as-tecnologias-do-periodo-contemporaneo>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PLATÃO. *República*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.

PORFÍRIO, Francisco. Platão. *Mundo Educação*, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/platao.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

RICOUER, Paul. Entre a retórica e a poética: Aristóteles. In: *Metáfora Viva*. São Paulo. Edições Loyola. p. 17- 62. 2015.

RICOUER, Paul. O declínio da retórica: a tropologia. In: *Metáfora Viva*. São Paulo. Edições Loyola. p. 78-102. 2015.

RICOUER, Paul. A metáfora e a semântica da palavra. In: *Metáfora Viva*. São Paulo. Edições Loyola. p. 157-207. 2015.

RICOUER, Paul. A metáfora e a semântica do discurso palavra. In: *Metáfora Viva*. São Paulo. Edições Loyola. p. 109-142. 2015.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 19-62. 2007

VIANNEY, João. O Mito da Caverna: a Filosofia de Platão para o Enem. *Blog do Enem*, 2018. Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/mito-da-caverna-platao-enem/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ANEXOS

ANEXO 1

A raposa, o funeral e o arado -Lucas 9: 57-62.

“Indo eles caminho fora,
alguém lhe disse:
“Seguir-te-ei
para onde quer que fores.”
Mas Jesus lhe respondeu:
“ As raposas tem seus covis,
e as aves do céu, ninhos;
Mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.”

A outro disse Jesus:
“ Segue-me.”
Ele, porém, respondeu: Senhor, permite-me ir primeiro
sepultar meu pai.
Mas Jesus insistiu:
“ Deixa aos mortos o sepultar os seus
próprios mortos.
Tu, porém, vai,
e prega o reino de Deus.”

Outro lhe disse:
“Seguir-tei-ei, Senhor
mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa.”
Mas Jesus lhe replicou:
Ninguém que, tendo posto a mão no arado
olha para trás, é apto para o reino de Deus.”

ANEXO 2

A figueira estéril - Lucas 13.06-09.

“Então, Jesus contou a seguinte parábola:
Certo homem tinha uma figueira plantada
em sua vinha
e ele foi procurar fruto nela
e não encontrou nenhum.

E ele disse ao vinhateiro:
“Eis que nestes três anos
Tenho vindo procurar fruto nesta figueira
E não encontro nenhum.

Arranca-a!
Por que ficaria ela sugando o solo?”

Mas ele, respondendo, lhe disse:
“Senhor! Perdoa-a este ano também
Até que eu cave ao redor dela
E espalhe esterco.

E se ela der fruto no futuro
E se não der
Arrancá-la-ás.”